

Kaikusiyamî', Wairayamî' moropai Maikanyamî'

Onças, Antas e Raposas

Jaguars, Tapirs and Foxes



*** Kaikusiyamî', Wairayamî' moropai Maikanyamî' ***

Há histórias muito lindas, que dão alegria para as pessoas. Quem contava as histórias sabia imitar bem os animais. A gente se divertia muito. Na noite de luar, papai chamava a gente para sentar no terreiro de casa. Nós tomávamos caxiri e ele contava as histórias. Papai contava as histórias em makuxi ... os indígenas não vão mais esquecer a natureza, o mundo dos animais como o jabuti, o urubu e o beija-flor. Trazem esses ensinamentos para os nossos filhos e filhas, para eles lembrarem sempre da nossa história, do povo makuxi.

*Dionito José de Souza
Liderança Makuxi*

**Mitos do povo makuxi registrados pelo monge beneditino
Dom Alcuíno Meyer, O.S.B. entre 1926 e 1948**

**Organização:
Pe. Ronaldo B. MacDonell, S.F.M.**

Kaikusiyamî', Wairayamî' moropai Maikanyamî'
Makusi pantonikon menukasa Dom Alcuíno Meyer padreya
1926 tapai 1948 pikîri

*

Onças, Antas e Raposas
Mitos makuxis registrados pelo monge beneditino
Dom Alcuíno Meyer, O.S.B. entre 1926 e 1948

*

Jaguars, Tapirs and Foxes
Makushi Myths collected by the Benedictine monk
Dom Alcuíno Meyer, O.S.B. from 1926 to 1948

*

Organização e assessoria linguística / Organization and Linguistic Adviser:
Pe. Ronaldo B. MacDonell, S.F.M.

Revisão dos textos em makuxi / Makushi text revision:
Eduina Ângela de Castro dos Santos
Joicilina Soares Santana
Joicineth Soares Santana

Artistas makuxis / Makushi Artists:
Isaac da Silva Rennês
Maildes Soares Santana
Valter da Silva Cavalcante

Revisão da tradução em português de Dom Alcuíno
Revision of Dom Alcuíno's Portuguese translation:
Marta Maria Soares de Camargo

Tradução em inglês / English translation:
Pe. Ronaldo B. MacDonell, S.F.M.

Revisão dos textos em inglês / Revision of English texts:
Kathy Gillis

Parceria / Partnership:
Diocese de Roraima / Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro

Patrocínio / Sponsorship:
Diocese de Roraima / Missionários de Scarborough, Canadá

Diocese de Roraima

Onças, Antas e Raposas. Mitos do povo makuxi registrados pelo monge beneditino Dom Alcuino Meyer, O.S.B. entre 1926 e 1948.

1ª Edição, Brasília: Diocese de Roraima, 2011.

156 p.

1. Mitos makuxis 2. Lendas makuxis. 3. Literatura Indígena 4. Língua makuxi

Todos os direitos reservados à Diocese de Roraima
End.: Rua Bento Brasil, 613 - Centro - Boa Vista - CEP: 69.301-050 - Roraima-RR
Telefone: (95) 3224-3741 - Fax: (95) 3224-2578

Copyright 2011: Diocese de Roraima

Editoração: Diocese de Roraima

Desenho na Capa: Valter da Silva Cavalcante

Diagramação: Helkton Gomes

Impressão: Gráfica GC Fernandes

Nos casos em que não for possível contatar os detentores de direitos autorais sobre materiais utilizados como subsídio na produção deste livro, a Diocese de Roraima coloca-se à disposição para eventuais acertos, nos termos da lei 9.610 de 19-2-1998 e demais dispositivos legais pertinentes.

Os pedidos desta obra devem ser encaminhados
ao endereço da Diocese de Roraima

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Tamî'nawîronkon makusi pemonkonoyamî' pia
Para o povo makuxi do Brasil e da Guiana
For the Makushi people of Brazil and Guyana



SUMÁRIO

Diocese de Roraima: “Adentrar na vida de um povo”	9
Homenagem a Dom Alcuíno Meyer, O.S.B.	11
Conselho Indígena de Roraima: “Histórias bonitas pra gente ouvir”	13
Dom Alcuíno Meyer: Missão e Mitos	17
Mitos Makuxis: um jeito de saber viver	23
Pronúncia da língua makuxi	27

KAIKUSIYAMÎ’ / ONÇAS / JAGUARS. 29

1. Kaikusi moropai apo’ pantoni	29
1. A onça e o fogo	30
1. The Jaguar and the Fire	30
2. Kaikusi moropai wayamuri pantoni: eka’tunpînen.	31
2. Mito de jabuti e onça: a corrida	32
2. The Tortoise and the Jaguar: the Race	32
3. Kaikusi moropai wayamuri pantoni: waira iwa’nen	33
3. Mito de jabuti e onça: a grande pedra	34
3. The Tortoise and the Jaguar: the Big Rock	34
4. Kaikusi moropai wayamuri moropai waira pantoni	35
4. Mito de onça, jabuti e anta	37
4. The Jaguar, the Tortoise and the Tapir	39
5. Uruturuyamî’ pantoni	40
5. Mito das onças uruturu	41
5. The Water Jaguars	41
6. Musu pantoni	42
6. O jogo dos olhos entre o camarão e a onça	43
6. The Eye Game between the Shrimp and the Jaguar	44
7. Kaikusi moropai wayamuri pantoni	45
7. Mito de jabuti e onça	46
7. The Tortoise and the Jaguar	47

MAIKANYAMÎ’ / RAPOSAS / FOXES. 48

8. Maikan moropai auronopî pantoni	48
8. Mito de uma raposa e uma moça	49
8. The Fox and the Girl	49
9. Maikanyamî’ pantoni	49
9. Mito de raposas	51

9. Legend of the Foxes.	52
10. Maikan moropai kariwana pantoni	54
10. Mito da raposa e da galinha	55
10. The Fox and the Chicken	56

TIARONKON O'MAKON / OUTROS ANIMAIS / OTHER ANIMALS. 57

11. Waikin moropai muru' pantoni	57
11. Mito do veado e do tatu-bola.	57
11. The Deer and the Armadillo	58
12. Wayamuri moropai yaware pantoni.	58
12. Mito do jabuti e do mucura	60
12. The Tortoise and the Skunk.	61
13. Yei yare pantoni	62
13. A origem dos timbós	63
13. The Origin of Vines	64
14. Wayeuta pantoni	65
14. Mito do ânus	67
14. Legend of the Anus	69

MAKUSI MOROPAI O'MA / MAKUXIS E ANIMAIS / MAKUSHIS AND ANIMALS. . . 70

15. Ipepono pantoni	70
15. Como apareceu no céu a constelação do Orion	71
15. How the Constellation Orion appeared in the Sky	72
16. Parawianyamî' pantoni	73
16. Mito de índios paravianas.	73
16. The Paraviana People	74
17. Merukon pantoni.	75
17. A origem dos nomes de cachoeiras do Rio Surumu	76
17. The Origin of Waterfall Names of the Surumu River	77
18. Wai pantoni	78
18. Mito do balde milagroso.	80
18. The Magic Bucket	83
19. Sí'mipî pantoni	85
19. Mito da catarata de nome Xi'mipî	85
19. Legend of the Shi'mipî Falls	87
20. O'ma kuwai ye yepotorî pantoni	87
20. Mito do pai dos buritis	90
20. The Father of the Buriti Palm Trees	91

INSIKIRAN, ANI'KE MOROPAI MAKUNAIMÎ / HERÓIS MAKUXIS / MAKUSHI	
HEROES	93
21. Insikiran pantoni	93
21. Mito dos irmãos Inxikiran e Ani'ke	99
21. The Brothers Inshikiran and Ani'ke	104
22. Insikiranyamî' moropai masa'yamî' pantoni	109
22. Mito dos irmãos Inxikiran e Ani'ke e dos mosquitos	109
22. The Brothers Inshikiran and Ani'ke and the Mosquitoes	110
23. Apo' pantoni	111
23. Como o ser humano ganhou o fogo	112
23. How Humans Obtained Fire	113
24. Insikiranyamî' moropai akuri pantoni	114
24. Mito dos irmãos Inxikiran e Ani'ke e a cutia	118
24. Inshikiran, Ani'ke and the Agouti	119
25. Insikiranyamî' moropai Ataitai pantoni	121
25. Mito dos irmãos Inxikiran e Ani'ke e um curupira	123
25. Inshikiran, Ani'ke and the Ogre	125
26. Macunaimî pantoni	126
26. Mito sobre Macunaima	128
26. Macunaima	128
ATAITAIYAMÎ' / CURUPIRAS / OGRES	129
27. Ataitai moropai mi'kîyamî' pantoni	129
27. Mito de curupiras e formigas	131
27. The Ogre and the Ants	132
28. Sikaranpî pantoni	132
28. Mito da mulher Xikarambu	134
28. The Woman called Shikarambu	135
29. Ataitai moropai pimi' pantoni	136
29. Mito do curupira e da pimenta	138
29. The Ogre's Haircut	140
30. Marappa pantoni	141
30. Mito do vampira gigante	142
30. The Giant Vampire	143
ANOTAÇÕES	145
ANEXO 1: Bibliografia de "Dom Alcuíno Meyer: Missão e Mitos"	152
ANEXO 2: Bibliografia de "Mitos Makuxis: um jeito de saber viver"	153



Diocese de Roraima: “Adentrar na vida de um povo”

“Assim, livre em relação a todos, eu me tornei escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Com os judeus, me fiz judeu, para ganhar os judeus. Com os súditos da Lei, me fiz súdito da Lei – embora não fosse mais súdito da Lei –, para ganhar os súditos da Lei. Com os sem-lei, me fiz um sem-lei – eu que não era sem a lei de Deus, já que estava na lei de Cristo –, para ganhar os sem-lei. Com os fracos me fiz fraco, para ganhar os fracos [...]” (1 Cor 9,19-21)

A exemplo do Apóstolo Paulo, cada missionário é convidado a adentrar na vida de um povo, de sua cultura, língua, costumes, lendas e mitos, como entramos num santuário para o encontro com o sagrado. Porque a história de cada povo é sagrada, pois sempre procura caminhos de vida e de esperança.

Há mais de cem anos, quando da criação da Igreja Particular de Roraima, missionários e missionárias tiveram a coragem de descalçar as sandálias e acolher as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres que habitavam essa região, tecendo sonhos e superando barreiras.

Os Monges Beneditinos, ao longo de aproximadamente 40 anos, se dedicaram ao anúncio do Evangelho em nossas terras. Recolheram uma gama de mitos e lendas dos nossos primeiros habitantes, que são preservados como verdadeiro patrimônio. Com a chegada dos Missionários da Consolata, outros também se dedicaram ao aprendizado da língua e dos costumes dos povos indígenas.

O Instituto dos Missionários de Scarboro, com a presença do Padre Ronaldo entre nós, tem prestado um serviço especial, dando continuidade à tradição da nossa Igreja em procurar encarnar-se na vida dos povos, revitalizando a língua dos nossos primeiros irmãos e irmãs.

A publicação deste livro com a generosa colaboração do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro e a acolhida das lideranças indígenas de muitas comunidades levam-nos a crer estar prestando um serviço ao povo makuxi na preservação de sua cultura.

As gerações de hoje e de amanhã poderão beber da própria fonte, mantendo viva a sabedoria dos antepassados que faziam o compasso da vida ensinando os caminhos às novas gerações com as lendas contadas nas malocas, regadas com o caxiri.

Nossa prece de gratidão a todos aqueles que, de uma maneira ou outra, colaboraram nos trabalhos para podermos chegar a esta publicação. Que o bom Deus lhes recompense!

Dom Roque Paloschi
Bispo da Diocese de Roraima



Homenagem a Dom Alcuíno Meyer, O.S.B.

O Mosteiro é lugar de oração e de trabalho. É lá, no grande silêncio, que homens e mulheres se retiram para descobrir Deus na oração pessoal e comunitária, no trabalho cotidiano e na vida fraterna. No século III, o primeiro monge, Santo Antônio do deserto, se retirou para seguir Jesus radicalmente. Mais tarde no século VI, na Europa, São Bento fundou um Mosteiro e escreveu a Regra para guiar os monges na vida prática e na busca do divino.

Uma grande vocação dos monges foi a de preservar a cultura. Antes da invenção da imprensa, a única maneira de reproduzir livros era escrever cópias à mão. Foi nos mosteiros que a Sagrada Escritura foi copiada, laboriosamente, pelos monges, muitas vezes com ilustrações belas. Várias obras de filosofia e de literatura foram também reproduzidas. Os monges, de fato, foram guardiões da cultura.

Essa tradição de registrar a cultura foi praticada também pelos monges missionários em Roraima. Respondendo a um chamado de colaborar na missão de evangelização no Norte do Brasil, a Ordem de São Bento aceitou a missão do Território do Rio Branco em 1907. A vida missionária desses monges foi muito sacrificada, e até mesmo vários deles acabaram morrendo na missão em meio aos povos indígenas.

Entre os monges missionários enviados, dois se destacaram como guardiões das culturas indígenas: Dom Mauro Wirth, que trabalhou com o povo wapichana e faleceu vítima da malária, e Dom Alcuíno Meyer, que acompanhou o povo makuxi. Esses monges aprenderam bem as línguas desses povos e tiveram o interesse de escrever mitos, lendas e histórias que ouviram dos índios nas suas andanças. Graças a esses registros, que hoje são guardados no arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, podemos devolver ao povo makuxi, na forma deste livro, parte do grande tesouro da literatura oral makuxi.

Ficamos felizes que esse tesouro cultural seja compartilhado nas comunidades makuxis e nas suas escolas para apoiar a revitalização da língua makuxi. Alegramo-nos também que, através deste livro, a presença missionária do saudoso Dom Alcuíno continuará viva. Louvado seja Deus! Que ele nos abençoe na nossa oração e no nosso trabalho!

Pe. Ronaldo B. MacDonell, S.F.M.
Organizador



Conselho Indígena de Roraima: “Histórias bonitas pra gente ouvir”

É muito importante ter este livro porque a história é contada.

Meu pai contava muitas histórias bonitas pra a gente ouvir. Não eram histórias de bandidos, mas histórias da natureza. Por exemplo, tinha a história da onça, do jabuti e do caracará. O jabuti estava no buraco. Aí a onça falou para o caracará:

– Compadre, fica aqui olhando o jabuti, enquanto vou buscar uma coisa para cavar.

A onça foi. O jabuti falou para o caracará:

– Abaixei e olhei para cá, olhei para mim.

Quando abaixou e olhou, o jabuti jogou barro nos olhos do caracará. Nessa hora o jabuti conseguiu fugir. Quando a onça chegou, o jabuti não estava mais.

Depois a onça encontrou novamente o jabuti à beira do lago com vários pés de buriti. Aí a onça falou:

– Agora vou te comer.

– Tudo bem. Só que você me mata jogando naquele pé de buriti.

Aí a onça o pegou e o jogou no pé de buriti. O jabuti, que tem o casco duro, só fez deslizar e caiu dentro da água. E, mais uma vez, a onça ficou sem comer o jabuti.

Há histórias muito lindas, que dão alegria para as pessoas. Quem contava as histórias sabia imitar bem os animais. A gente se divertia muito. Na noite de luar, papai chamava a gente para sentar no terreiro de casa. Nós tomávamos caxiri e ele contava as histórias. Papai contava as histórias em makuxi. Às vezes ele tentava contar em português e nós achávamos graça quando ele não acertava as palavras em português.

Vejo que este livro é útil, porque, além de chamar a atenção pelas próprias histórias, os indígenas não vão mais esquecer a natureza, o mundo dos animais como o jabuti, o urubu e o beija-flor. Trazem esses ensinamentos para os nossos filhos e filhas, para eles lembrarem sempre da nossa história, do povo makuxi.

Dionito José de Souza
Coordenador do Conselho Indígena de Roraima





CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA

Carta nº. 393 CIR/09

Boa Vista, 06 de Abril de 2009.

Exmo.Sr.
Bispo Dom Roque Paloschi
Diocese - RR

Excelentíssimo Senhor,

O Conselho Indígena de Roraima – CIR, organização indígena, destinada a defesa dos direitos e interesses dos povos indígenas de Roraima, ao cumprimentar vossa excelência vem por meio deste agradecer os cumprimentos e a colaboração que obtivemos durante o período que passamos com a luta da demarcação da terra indígena Raposa Serra do Sol e que nesse momento a vitória definitivamente é nossa. Também autorizamos que seja publicada a coleção das lendas do nosso povo Macuxi.

Saudações Indígenas,

Atenciosamente,


Dionito José de Souza
Coordenador Geral do CIR



Dom Alcuíno Meyer: Missão e Mitos

A ordem de São Bento no Brasil (OSB), mais conhecida como mosteiros de São Bento, ou monges Beneditinos, estava sendo reavivada pelos monges vindos da Alemanha, do mosteiro de Beuron. O papa Leão XIII tinha confiado ao monge d. Gerardo van Caloen tal responsabilidade. Em 1903 numa audiência com o pontífice Pio X, d. Gerardo van Caloen disse que os Beneditinos tinham grande interesse em colaborar na evangelização dos índios do Brasil. Assim, em 15 de agosto de 1907, o decreto pontifício *E Brasilianae Reipublicae Dioecesisibus* entregava aos Monges Beneditinos o território da bacia do Rio Branco, no estado do Amazonas:

O território escolhido pelos Beneditinos para evangelização é sem dúvida o mais abandonado espiritualmente. Dos índios ninguém se ocupa (Kruse, 1906).

Em junho de 1909, os Beneditinos chegam aos rios e terras da missão, descritas nas crônicas pela exuberância da natureza. No encontro com os indígenas, nas primeiras viagens aos Rios Urariocera e Tacutu, os monges vão perceber que quem manda no “Rio Branco” é o poder da fazenda.

Em busca da fazenda nacional S. Bento, que havia sido requisitada ao governo federal para ser lugar da missão, descobrem que estava retalhada por usurpação dos fazendeiros. D. Gerardo, que tinha sido eleito o primeiro bispo/prelado do território da bacia do Rio Branco, aconselha os monges a não brigar com ninguém, pois esperava que o ministro assinasse o pedido. Os fazendeiros não aceitam muito essa ideia de os padres fundarem uma missão no meio dos índios. Aqui está a raiz das futuras perseguições. Os monges vão acordar do sonho ideal da missão, quando enfrentam, já em novembro de 1909 a meados de 1910, uma forte onda de perseguição e violência por parte dos fazendeiros, impetrada ferozmente pela família Brasil (Achiabbadia Nullius, 1909/1910).

Os monges decidem “largar” o mundo dos “civilizados”. Deixam de atender na matriz de Boa Vista e, por quatro anos, passam a refugiar-se em meio aos indígenas; chegam a pedir ao governo federal uma reserva, cujos limites são de rio a rio, aquilo que serão os marcos da, hoje, Raposa/Serra do Sol. Eles fundam a simples missão de S. Gerardo de Brogma, no Rio Surumu, entre os makuxis, os wapichanas e os taurepangues. A finalidade era a de se

verem livres das constantes ameaças e violências dos fazendeiros, o que se revelou ao contrário, como diz o monge d. Adalberto e o etnólogo alemão Koch-Grünberg em 1911:

A maioria da tribo dos Taulipang (subtribu dos Jaricuna) trata de se estabelecer em redor da fundação também os Wapixanas do Amajary querem retirar-se dali e vir até cá, fugindo as contínuas hostilidades que lhes são movidas por alguns brancos de lá. Isso entretanto nos creará novas dificuldades visto os fazendeiros já lamentarem sobre a falta de braços. Mas eles não merecem também outra cousa porque esses brancos bestiais daqui costumam ver na maloca do caboclo um asylo aonde vae satisfazer seus instintos baixos. Infelizmente entre os que se mostram favoráveis ou amigos de nós há também (Kaufmehl, 1911).

[...] os latifundiários no rio Branco e no Uraricoera já começam a se tornar seus inimigos – temem que os padres atraiam, aos poucos, todos os índios para si, tirando-lhes, com isso, os trabalhadores. Na realidade, não se trata de mera suposição; muitos índios de diferentes tribos acorrem à missão, pois sabem a diferença entre bom e mau, principalmente entre bom e mau tratamento (Koch-Grünberg, 2006).

O inusitado nesta proposta de evangelização e missão, diferente de muitas na Amazônia, é que foi uma missão unicamente para os indígenas, igreja e escola só para eles. A primeira exigência foi quanto à convivência, que levou ao aprendizado das línguas indígenas, condição, para a aproximação cultural e reconhecimento do indígena como diferente. A segunda, uma prática missionária de justiça. Declara d. Adalberto: “[...] não confiro mais o batismo a nem um branco que trata mal os índios [...]” (Kaufmehl, 1911).

A missão do Surumu em 1913 é fechada, o poder da fazenda foi vitorioso. As instruções de bispo/prelado d. Gerardo mostram a crise:

Tomando novo rumo por causa das circunstâncias, ordeno a meus queridos filhos, os monges, de se dedicar para o futuro de modo especial aos interesses espirituais dos civilizados como dos índios, deixando mais de lado o desenvolvimento temporal e abandonando a idéia de aldear índios visto que seria entrar em conflito com o poder no rio Branco (Caloen, 1912).

Em 1921 a Santa Sé agrega a prelazia Nullius do Rio Branco à abadia do Rio de Janeiro e seu abade, d. Pedro Eggerath, é nomeado prelado. As

tendências dominantes querem conduzir o Rio Branco ao rol da civilização, pelo desenvolvimento da pecuária. D. Hildefonso, monge da missão, alerta numa carta de 1921 que: “A prelazia vai perder depressa o caracter de missão, porque os índios vão desaparecendo, nos últimos 10 anos terão morrido muitos” (Deigendesch, 1921). A voz profética alertava para o futuro, isto é: o incremento e o desenvolvimento do gado, da pecuária, são a arma do suicídio da missão e a destruição dos povos indígenas.

O projeto do prelado com os fazendeiros é uma grande companhia agropecuária industrial, onde o gado aparece como artéria condutora do progresso do Rio Branco.

Em 1936, a Santa Sé nomeia um novo bispo/prelado, d. Lourenço Zeller, que encontra a missão marcada pelo fracasso da companhia, pela falta de finanças, pelo número reduzido de monges. Porém, para eles, depois de tantos sacrifícios, agora se espera um tempo novo.

A missão vive um novo ideal missionário, da desobriga sacramental passaram à companhia dos indígenas, do latim ao estudo e aprendizado das línguas. Nessa época é notável o interesse na coleta dos mitos, costumes e histórias, principalmente dos makuxis e wapichanas.

O aprendizado das línguas torna-se a porta para se adentrar no mundo do outro, dos seus códigos, conceitos e estruturas. A postura dos monges, d. Alcuino Meyer, que chegara ao Rio Branco em 1926, e de d. Mauro Wirth em 1934, em recolher os mitos e lendas dos makuxis e wapichanas em suas próprias línguas, revela esse aprendizado. O acercar-se, o acolher, o transcrever dos mitos, lendas, costumes, danças desses distintos povos, revela o missionário entrando em comunhão com o mundo e o modo de ser do indígena. E isso só é possível mediante um processo de solidariedade, diálogo e irmandade. Solidarizar-se com a cultura implica assumir a luminosidade dela e também criticar seu lado sombrio. Aqui não se permite a atitude oportunista de somente acolher o que lhe parece bom e rejeitar o que lhe parece mal.

Presumimos que, para os monges-missionários, o contato com a lente reveladora do mundo makuxi-wapichana não foi fácil. Havia também certo medo de que todos esses povos poderiam ser dizimados ou integrados. Em frente à força mística que o mito exercia na tribo – desde a couvade, os ritos de iniciação, as puçangas, as danças rituais, os ritos de precaução das moléstias e da morte até os ritos mortuários –, terão os Beneditinos

fechados os olhos ao que estes revelavam, de certa maneira, do divino, do transcendente? É elemento fundamental que nos leva a crer que não, que de fato foram os pajés os principais reveladores da mitologia karibe-aruaque aos monges – *piasanymai'* em makuxi, *marinau* em wapichana. Gioconda Mussolini escreve que eles, os pajés, eram os sustentáculos da memória ancestral da tribo, os humanos que ligavam o mundo natural ao sobrenatural, que sustentavam o bem ou o mal da coletividade e o médico da alma e do corpo indígena (Mussolini, 1980).

Na história do cristianismo, o diálogo nem sempre esteve em pauta na missão. A tendência ocidental fez do *compelle intrare* – entrar a força, obrigado a entrar (Lc 14,23) – a regra da missão. É com o Concílio Vaticano II que o diálogo se torna exigência e condição da missão. O reto e ordenado exercício da atividade missionária impõe aos operários evangélicos, principalmente, o diálogo com as religiões e culturas não cristãs (Ad Gentes 43).

Depois de Koch-Grünberg na década de 1910, o monge d. Alcuíno é quem mais se aproximou, no mundo cultural e na pesquisa antropológica, dos povos makuxis, chegando a recolher mais de 150 mitos. Enquanto vivo, desejou ardentemente publicá-los. Anos depois do fechamento da missão, em 1948, colocava nas mãos do antropólogo Egon Schaden a sua preciosa coletânea de mitos em língua makuxi. Em carta de 1970, Egon Schaden lamenta não ter perdido a esperança de poder publicá-la através da Universidade de São Paulo, “o material me parece tão valioso que não convém desistir da idéia” (Schaden, 1970).

Os materiais de d. Alcuíno publicados são: *Lendas Macuxi*, em 1951, no periódico suíço *Antropos*; *O ensaio sobre a tribo Pauxiána e sua língua comparada com a língua Macuxi*, em 1956, e publicado nos anais do Congresso de Antropologia da Bahia, com o *dicionário comparativo das duas línguas; Lendas e contos Macuxi*, em 1974, nas atas da primeira Semana Brasileira de Filósofos Católicos do Brasil; e *Notas gerais sobre os Índios Pauxiána*, em 1982, no boletim da Diocese de Roraima (Lemos, 1985). No arquivo do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro se encontra grande número de caixas, pastas e um fichário contendo vasto material sobre os povos indígenas da bacia do Rio Branco.

A memória de d. Alcuíno é viva e constante no encontro da população mais idosa dos makuxis. Na década de 1990, vi o entusiasmo do pai do tuxaua da maloca do Gavião, quando falava das atitudes de d. Alcuíno no meio dos

indígenas: “dançava parichará, aleluia, como gostava de aluar, quando andava com os índios pelo lavrado e era considerado o padre makuxi”. Lembro que cantou várias canções religiosas em makuxi, ensinadas pelo missionário.

D. Alcuíno, escrevendo nos anos 1930 sobre a missão, não afirma com veemência a conversão dos índios ao cristianismo. Deles pode até se dizer que se mostram extremamente sensíveis à catequese religiosa. Porém, só será possível uma verdadeira catequese se realizada nas línguas indígenas e se empregar como catequistas alguns dos próprios índios (Meyer, 1936).

A experiência de d. Alcuíno e outros monges na escuta da palavra indígena, denota o caráter serviçal que a missão foi tomando. No processo da evangelização, a diaconia é exigência primeira, normativa, fonte/princípio e cume/fim de toda missão. O serviço para garantir a vida é o núcleo da experiência cristã. “Eu vim para que todos tenham vida!” (Jo 10,10).

A proximidade de alguns monges-missionários e a acolhida das culturas makuxi, wapichana, taurepang e ingarikó possibilitaram a afirmação da alteridade indígena perante a sociedade do Rio Branco. O resgate dos mitos, contos, língua, foi o reconhecimento dos projetos de vida e alternativos modelos de sociedade do Rio Branco.

A missão beneditina no seu caráter diaconal transitou por experiências de diálogo. Nos primeiros anos, a fundação do Surumu, com a boa notícia das reservas de terras, gera proximidade e convivência dos monges com os indígenas. As relações são de simetria, ambos se encontram no mesmo patamar do asilo; os indígenas com relação do estado de sítio (territorialmente e de identidade) e os monges com relação às violências impetradas pelos fazendeiros. A linguagem comum como possibilidade do diálogo é o refúgio, o fugir da morte.

O ensaio desse modelo de missão é retomado nos anos 30, não mais forjado pelo asilo da violência que os monges tinham vivido por parte dos fazendeiros, mas agora no caminho de proximidade e abertura às culturas makuxi, wapichana, ingarikó e taurepang. A proximidade solidária de d. Alcuíno, d. Mauro e outros ensaiaram passos do ouvir e acolher a alteridade do outro, isso supôs simetria e linguagem comum. O maior bem da humanidade é a abertura de um povo a outro. As culturas que se fecharam morreram.

A alteridade dos grupos indígenas determinou que, mesmo à margem do domínio monocultural do gado, a sociedade do Rio Branco é pluricultural.

Sendo a glória de Deus o homem vivo, como disse Santo Irineu, valorizar os mitos e proclamar que a alteridade indígena estava mais que viva foi o ofício divino melhor cantado e agradável a Deus no Rio Branco. Escutar, ler e refletir a história dessa presença beneditina junto aos povos indígenas de Roraima faz-nos, literalmente, “descobrir” a resistência astuta das culturas indígenas para sobreviver aos etnocídios e genocídios. Assim, adquire-se uma visão mais ampla e crítica da história e nos faz conhecer outra história.

Para surpresa dos monges Beneditinos, a Santa Sé entregava a prelazia aos missionários da Consolata de Turim em 1948, encerrando-se assim aquele modo de fazer missão.

Os fachos de luz que resplandecem ou o escuro da missão beneditina iluminam e advertem o campo das práticas missionárias. O reconhecer dessas alteridades implicou a publicação da mitologia desses povos, sustentáculo e fundamento de suas culturas. Com isso desmascara-se a dominante monocultura da fazenda e aponta-se para um Rio Branco de culturas diferentes.

Por fim, a afirmação de culturas resistentes nos orienta para uma tarefa maior ante a sociedade neoliberal globalizada, que é: atacá-la com a memória dos pobres e dos outros, com a solidariedade e com o diálogo das minorias. Isso é fazê-la recuar na exclusão do ciclo civilizatório-colonizador ocidental e do consumismo individualista e marginal. É sempre fazer avançar a boa notícia, o Evangelho. Estamos em estado permanente de êxodo, de saída para “novos céus e novas terras”, como apontam os povos tupi-guarani: para uma terra sem males.

Pe. Raimundo Vanthuy Neto
Diocese de Roraima

Mitos Makuxis: um jeito de saber viver

A palavra “mito” vem da palavra grega que quer dizer “fábula.” Em português, “mito” tem vários significados. Na fala popular, “mito” quer dizer algo falso. Essa definição, porém, não é a principal. O dicionário Aurélio define “mito” como “narrativa de significação simbólica, geralmente ligada à cosmogonia, e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e/ou de aspectos da condição humana.” É nesse sentido da palavra “mito” que entendemos os mitos do povo makuxi.

Podemos destacar várias características dos mitos. Primeiro, eles servem a explicar a origem de fenômenos naturais. Assim, nos mitos selecionados neste livro, os makuxis contam a origem do fogo, dos timbós, dos carapanãs e do ânus como parte do corpo. Outro mito explica a formação do Monte Roraima: no princípio, ele teve a forma de uma árvore que foi cortada pelos heróis makuxis. O tronco que restou da árvore formou o que é agora o Monte Roraima. Imersos no mundo da natureza, os makuxis consideravam que o ser humano era um animal entre outros e, portanto, nos mitos, os seres humanos se transformam facilmente em animais e vice-versa. Os animais partilham características humanas: podem falar e interagir com humanos. São como irmãos e irmãs.

Outra característica dos mitos é que eles comunicam os valores culturais de um povo. Chamam o ouvinte a refletir sobre o sentido da vida. A historiadora de religião Karen Armstrong opina que “[...] Como a poesia e a música, a mitologia deve nos despertar para o arrebatamento, mesmo perante a morte e o desespero que podemos sentir com a perspectiva de aniquilação” (2005:13). Ela afirma também que o mito “[...] é essencialmente um guia; ele nos diz o que fazer para vivermos de maneira completa” (2005:15). Vários mitos makuxis relatam encontros entre a onça e o jabuti. É sempre o jabuti, devagar e humilde, que sabe escapar das ameaças da onça, animal feroz, poderoso e perigoso. Tais mitos sugerem, então, que podemos aprender do jabuti como usar a nossa inteligência para sair de situações de perigo, representadas pela onça.

Os mitos servem também a apresentar a história do povo makuxi. Os ancestrais eram três irmãos: Inxikiran, Ani’ke e Makunaima. É este último que dá o nome à obra de Mário de Andrade, *Macunaíma*, romance publicado em

1928 e que tece várias tradições mitológicas do Brasil. O nome em makuxi, Makunaimî [makunaimi], é pronunciado “Macunaima” no português de Roraima; o autor Mário de Andrade adotou a pronúncia “Macunaíma”. Nos mitos makuxis, Makunaima e seus irmãos Inxikiran e Ani’ke são os heróis. Eles vivem várias aventuras, sendo às vezes inocentes quando, por exemplo, um irmão é capturado na armadilha de um ogre, e às vezes espertos, quando eles enganam outro ogro, raspando a cabeça dele e colocando pimenta em cima. Esses heróis percorrem a aprendizagem dos primeiros seres humanos: eles descobrem como viver. Hoje, nas comunidades, ao perguntar o povo da história da aldeia, os velhos e as velhas começam citando os nomes desses irmãos primordiais e logo continuam com os nomes das lideranças mais recentes da comunidade. Não há divisão entre a época dos heróis dos mitos e os heróis atuais.

O relato de mitos é comum a todas as culturas humanas. O estudioso Joseph Campbell comparou mitos de vários povos do mundo inteiro e descobriu que o papel do herói é comum a todas as culturas. Existe, segundo ele, um “monomito”, ou seja, um padrão universal dos mitos. Na sua obra de 1949, *O Herói de Mil Faces*, ele explica que “[...] Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios supranaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes” (Campbell, 2007: 36). Podemos entender os irmãos primordiais Inxikiran, Ani’ke e Makunaimî como os heróis do povo makuxi, aqueles que indicam os valores essenciais da vida.

Outro estudioso, o antropólogo Claude Lévi-Strauss, também identificou elementos universais nas mitologias dos povos antigos e atuais, elementos que ele chamou de “mitemas” (1955). Exemplos de mitemas incluem a árvore da vida, os primeiros ancestrais, o grande dilúvio, a luta entre o bem e o mal, a busca do herói, e a passagem da morte à vida (a ressurreição). Podemos comparar os mitos makuxis e os mitos da bíblia judaico-cristã e assim identificar vários mitemas. Todos dois têm irmãos primordiais: os makuxis Inxikiran, Ani’ke e Makunaima são paralelos a Abel e Caim. Os heróis makuxis cortam a árvore da vida; Adão e Eva comem da fruta da árvore do bem e do mal. Noé e sua família sobrevivem ao grande dilúvio, assim como Inxikiran e Ani’ke esperam numa árvore para as águas diminuírem.

Finalmente, os mitos são caracterizados por terem inumeráveis versões. Como tradição oral, o mito varia em forma cada vez que é contado, segundo a pessoa e a circunstância. Uma vez escrito, um mito fica fixo no tempo: as palavras são preservadas para sempre, como se fossem gravadas em pedra. Nessa seleção de mitos makuxis, encontram-se versões diferentes de certas histórias, como as maneiras variadas de contar a origem das plantas. Também na tradição judaico-cristã, podemos reconhecer várias versões da mesma história. Por exemplo, em Gênesis 1, 27, o homem e a mulher são criados ao mesmo momento; em Gênesis 2, 22, o homem é criado primeiro e logo a mulher é criada, formada de uma costela do homem. Essa variedade testemunha o fato de que os mitos são, em primeiro lugar, uma tradição oral e, como tal, recriam eventos cada vez que são contados.

Este livro contém uma seleção de 30 dos 132 mitos registrados pelo monge beneditino Dom Alcuíno Meyer, O.S.B. De origem suíço-alemã, Dom Alcuíno aprendeu bem a língua makuxi, tendo passado 22 anos, de 1926 a 1948, no meio do povo makuxi do lavrado e das serras. Andou a pé e viajou a cavalo visitando as comunidades, levando os sacramentos ao povo e traduzindo orações cristãs em makuxi, tais como o *Pai Nosso*, a *Ave Maria*, o *Ato de Contrição* e o *Creio*. Também se sentou com pajés, tuxauas, e outras pessoas para registrar os mitos, escrevendo-os em pequenos cadernos num alfabeto que ele mesmo criou para representar a fala dessa língua, tão diferente do português.

Com o término da Missão Beneditina em Roraima, os monges foram viver no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Durante os anos que lá passou, Dom Alcuíno teve a oportunidade de datilografar os 132 mitos e alguns fragmentos de mitos. Essa obra preciosa, ele a deixou no arquivo daquele Mosteiro.

Após ter pesquisado os mitos no Mosteiro do Rio de Janeiro, onde fomos gentilmente acolhidos pelo Dom Abade e os monges, voltamos a Roraima e sentamos com vários falantes makuxis para fazer uma revisão dos textos relatados pelo Dom Alcuíno. Lemos os mitos em voz alta e fizemos correções gramaticais. Assim, o mito se tornou um rito; cada mito chegou a ser um drama, uma reencarnação dos eventos. Não era meramente a leitura de uma história. Muitas vezes também, os falantes comentavam que “minha avó contava esse mito, só que de maneira diferente” ou que “minha mãe nos contava essa história quando a gente ia dormir à noite.” Os mitos makuxis continuam vivos e variados, neste início de milênio.

Escolhemos 30 mitos para refletir os temas gerais. Primeiro, há mitos cujos personagens são somente animais, como os mitos da onça, da raposa, e de outros animais. Logo, há uma série de mitos que relatam acontecimentos entre o ser humano makuxi e um animal. Em seguida, apresentamos uma seleção de mitos sobre os heróis Inxikiran, Ani'ke e Makunaima, e ao final há mitos com fala do curupira, ou seja, o encontro com o mal. São esses, então, os grandes temas dos mitos registrados pelo saudoso Dom Alcuíno.

Decidimos usar o alfabeto atual, baseado na fonologia do makuxi, e não na escrita do português (veja a tabela da pronúncia de makuxi). As traduções dos mitos em português, realizadas pelo Dom Alcuíno, foram revisadas por Marta Maria Soares de Camargo. Nós traduzimos os mitos em inglês, pois há muitos makuxis que moram na Guiana; a revisão do inglês foi feita pela editora de revista religiosa Kathy Gillis. Três jovens artistas makuxis, o Isaac, o Maildes e o Valter, leram os mitos e criaram desenhos bonitos para acompanhar os textos.

Esperamos que os leitores e as leitoras possam entrar no mundo mitológico do povo makuxi e que cheguem a apreciar este outro olhar sobre a condição humana. Esperamos também que o livro ajude as crianças e os jovens makuxis a estudar sua língua e a preservá-la para as gerações futuras. *Mîrîrî neken*. Só isso.

Pe. Ronaldo B. MacDonell, S.F.M.
Missionário de Scarboro

Pronúncia da língua makuxi

A língua makuxi ainda não tem um padrão de escrita. A ortografia adotada é baseada na fonologia da própria língua makuxi, cuja pronúncia sofre vários fenômenos particulares, como alongamento das vogais de sílabas pares na sequência de sílabas leves e o vozeamento de oclusivas após sílabas pesadas (as que terminam em vogal longa, ditongo ou consoante). Por exemplo, a palavra *pata* “terra” é pronunciada [pa^ata], mas a palavra *upata* “minha terra” é pronunciada [upa^aada]. A palavra *makusi* é pronunciada [ma^kuuji]. O nome do herói *Makunaimi* [makunaimi] é pronunciado “Macunaima” no português de Roraima; o autor Mário de Andrade adotou a pronúncia “Macunaíma” na sua obra de 1928.

Vogais:

a, e, i, o, u pronunciadas como em português

î vogal alta, central, não arredondada: feita como “u” mas com os lábios sorrindo

Consoantes:

p, t, k como em português; vozeados como [b, d, g] após vogal longa ou consoante

m, n, r como em português

s há quatro pronúncias:
– antes ou depois das vogais curtas “a, e, o”, como “s” do português
– antes das vogais curtas “a, e, o” e após vogal longa ou consoante, como “z” do português
– antes ou após as vogais altas “i, u”, como “x” do português
– antes das vogais altas “i, u” e após vogal longa ou consoante, como “j” do português

- w como “u” do português
- y – antes ou após as vogais altas “i, u”, como “i” do português
 – antes ou depois das vogais “a, e, o”, como “th” do inglês
- ' o apóstrofo representa a parada glotal que é um corte rápido da respiração;
 faz a distinção entre as palavras *u'wi* “farinha” e *uwi* “meu irmão mais velho”,
 e as palavras *moro* “aí” e *moro'* “peixe”.

Acento tônico

A última sílaba da palavra leva o acento tônico. Também, toda sílaba que termina em vogal longa ou em consoante leve um acento tônico secundário.

Makusi Pantonikon

KAIKUSIYAMÎ' / ONÇAS / JAGUARS

1. Kaikusi moropai apo' pantoni



Maildes Soares Santana

Kaikusi wanî'pî apo' yanî yu'se. Kaikusiya ta'pî apo' pî:

– Yannen uurî: wayamuri, waikin, akuri, usari, paaka, akare yannen uurî, yei yannen uurî – ta'pî kaikusiya. – Tamî'nawîrî yannen uurî.

Moropai:

– Uurî nîrî – ta'pî apo'ya.

Tannî yu'se kaikusi wanî' ye'nen. Mîrîrî ye'nen:

– Uurî nîrî – ta'pî apo'ya.

Mîrîrî ye'nen kaikusi enuku'pî kuratîki ye' pona. Pemonkon pe apo' wanî'pî. Kaikusi yarakîrî eeseuruma'pî. Moropai apo' pe ena'pî.

Awepotî'pî, parî potî'pîiya apo'ya. Kaikusi ipotî'pîiya kawîne tîise. Moropai kaikusi enapî apo' kure'ta. Eekatumî'pî apo' aramî ye'nen. Mîrîrî ye'nen kaikusi apo' namanen sîrîrî tîpose.

1. A onça e o fogo

A onça estava com vontade de comer o fogo. Por isso disse ela ao fogo:

– Olha o que eu como: jaboti, veado do campo, cutia, paca, gado, jacaré; até plantas eu como. Enfim, é de tudo que eu como.

Então disse o fogo:

– Pois eu também como tudo.

A onça queria é devorar o fogo. Por isso é que o fogo disse:

– Pois eu também como tudo.

Antigamente o fogo e a onça eram gente e falavam igual à gente. Passado muito tempo é que um virou fogo e outro, onça.

A onça trepou num pé de caimbé. O fogo queimou o capim em volta do caimbé até este pegar fogo também. A onça, estando no alto da árvore, ficou chamuscada e caiu no meio do fogo a arder. Depois a onça pôs-se a correr e, desde aquele dia, teme o fogo.

1. The Jaguar and the Fire

A jaguar wanted to eat up the fire. So he said to the fire, “Look at what I eat: turtles, deer, jungle rat, cattle, alligator; I even eat plants. Actually, I eat everything.”

So the fire said, “I eat everything too.”

The jaguar really wanted to devour the fire. That’s why the fire said “I eat everything too.” In ancient times the fire and the jaguar were people and spoke just like us. Only after a long time did the one become fire and the other a jaguar.

The jaguar climbed up a caimbé tree. The fire burnt the grass around the caimbé tree which also caught on fire. The jaguar, up high in the tree, became singed by sparks and fell into the fire, becoming burnt. The jaguar began to run, and ever since that time the jaguar fears fire.

2. Kaikusi moropai wayamuri pantoni: eka'tunpînen.

Wayamuri eporî'pî kaikusiya. Wî' pîrakon po eporî'pîiya; wî' kurenan, seeni Maturuka waraino.

– Ka'ne amîrî – ta'pî wayamuriya kaikusi pî.

– Inna, ka'ne uurî – ta'pî kaikusiya.

– Maasa kin! Etonpa pai man! Maasa kin! Ekatumî pai man!

Wî poro to' eka'tumî'pî.

– Ka'ne pe katunkî! – ta'pî wayamuriya kaikusi pî.

– Anîmîuya – ta'pî kaikusiya wayamuri pî.

To' wîtî'pî. Kaikusi ekatumî'pî ka'ne pe. Moropai wî' nekata pona kaikusi erepamî'pî. Wayamuri eporî'pîiya wî' nekata po:

– Aseruku pepîn, ka'ne amîrî! – ta'pî kaikusiya wayamuri pî.

Tiaron wayamuri eporî'pîiya wî' nekata po. Tiaron wanî'pî sinpata ite'mapî po.



Maildes Soares Santana

2. Mito de jabuti e onça: a corrida

Uma onça encontrou-se com um jabuti. O encontro realizou-se ao pé duma serra. Era uma montanha igual a esta do Maturuca.

– És tu ligeira? – perguntou o jabuti à onça.

– Sim, claro, eu sou ligeira – respondeu a onça.

– Espera, então, vamos medir as nossas forças! Vamos embora! Vamos correr e ver quem chega primeiro.

Eles se puseram a correr pela serra acima.

– Corre depressa! – disse o jabuti à onça.

– Eu te espero – retrucou a onça ao jabuti.

Assim eles foram. A onça correu depressa e dentro de pouco tempo chegou ao cume da serra. Ali já encontrou o jabuti. Era outro jabuti que estava em cima da montanha, já que o primeiro tinha ficado no ponto da partida.

2. The Tortoise and the Jaguar: the Race

A jaguar met up with a tortoise. The encounter took place at the foot of a mountain. It was a mountain the same as the one at Maturuca.

“Are you fast?” asked the tortoise to the jaguar.

“Yes, of course, I’m fast,” answered the jaguar.

“Wait then, let’s test our strength! Come on! Let’s run to see who gets to the mountain top first.”

They started to run up the mountainside.

“Run fast!” said the tortoise to the jaguar.

“I’ll be waiting for you!” replied the jaguar to the tortoise.

So they went along running. The jaguar ran fast and in a short time arrived at the peak of the mountain. He found the tortoise already there. What happened was that he had met another tortoise on the mountain top while the first one had stayed at the starting point.

3. Kaikusi moropai wayamuri pantoni: waira iwa'nen



Maildes Soares Santana

Kaikusiya wayamuri eporí'pí.

– Waira anan pai nan? – ta'pí wayamuriya.

Kaikusi yenkutí'píiya taníiya namai.

– Kurenan waira man seeni pata, wí' pona. Maasa, itíríakai uutí tanne, yapikí! – ta'píiya.

– Morí pe mapisíi! – ta'pí wayamuriya.

Moropai wayamuri wítí'pí waira tíríakai. Kaikusi waní'pí sinpata waira ye'marí ta; waira inímíki'pí. Moropai wayamuriya kurenan tí' eporí'pí. Moropai wayamuriya tí' yameka'pí awepîremato'pe. Yamekaiya tanne, aakoropamí'pí. Tí' eraika'pí.

– See poro wei tíse, nekata po wei tanne, waira tíríkauya – ta'pí wayamuriya.

Moropai tĩ' erowaika'pî. Moropai tĩ' eka'tumĩ'pî wĩ' poro; awe'pîrema'pî. Wayamuri entaimapĩtĩ'pî:

– Ih- ih- ih- – waira itĩrĩka'pî wai.

Moropai tĩ' eeperemĩsa autĩ'pî wĩ' poro. Moropai kaikusi apĩtĩpĩtĩ'pî ite'marĩ ta. Rikutun pe tĩ' wanĩ'pî waira warantĩ. Apisĩ'pî kaikusiya. Kaikusi yakĩtapa'pĩiya tĩ' ya. Iwĩ'pĩiya. Wayamuriya kaikusi yenkutĩsa tĩ' ke waira kai'ma.

3. Mito de jabuti e onça: a grande pedra

Uma onça encontrou um jabuti. Este disse à onça:

– Você gosta de comer anta?

Dizendo assim, o jabuti iludiu a onça para que ela não o devorasse.

– Há uma anta grande lá na serra. Espera, enquanto eu vou lá enxotá-la para você a pegar. Pega-a direito! – falou o jabuti.

Aí o jabuti foi enxotar a anta. A onça, entretanto, ficou esperando bem no caminho da anta. O jabuti achou uma grande pedra e começou a lambê-la. De tanto lambê-la, a pedra ficou frouxa e balançou.

– Ao meio-dia, o sol está a pino, nessa hora enxotarei a anta – disse o jabuti.

Aos poucos a pedra virou e saiu rolando pela serra, ao passo que o jabuti gritava:

– I - i - i -----, olha que eu estou enxotando a anta.

A pedra desceu rolando pela montanha abaixo. A onça estava no caminho aguardando a chegada da anta. A pedra, que era escura como a anta, encontrou a onça. Esta, querendo apará-la, ficou esmagada pela pedra, que assim matou a onça. O jabuti soubera enganar a onça mandando-lhe uma pedra como se fosse uma anta.

3. The Tortoise and the Jaguar: the Big Rock

A jaguar met up with a tortoise. The tortoise said to the jaguar, “Do you like to eat tapir meat?”

With this suggestion, the tortoise hoped to fool the jaguar so that he would not eat him.

“There’s a huge tapir there on the mountain,” said the tortoise. “Wait while I go and push him so that you can catch him. He’ll be coming your way so be sure to catch him!”

So the tortoise went up to rouse the tapir. The jaguar, meanwhile, was waiting right in the middle of the tapir's path.

"At noon, when the sun is at its highest, that's when I'm going to push the tapir," the tortoise had said.

On the mountain top, the tortoise found a huge rock and began to lick it. After a lot of licking, the rock became loose and began to wobble. Very soon the rock turned over and began rolling down the mountain, while the tortoise cried, "Ee-ee-ee! Look, I'm pushing the tapir!"

The rock rolled down the mountain. Waiting in the pathway for the tapir's arrival was the jaguar. The rock, which was dark like a tapir, hit the jaguar. The jaguar tried to stop the rock, but he was crushed and killed. The tortoise knew how to fool the jaguar by sending him a rock in the guise of a tapir.

4. Kaikusi moropai wayamuri moropai waira pantoni

Kaikusi yarakkîrî wayamuri seporî'pî. Moropai:

– We'kapî pai man – ta'pî to'ya.

– Anî' iwo'ne, yaako? – ta'pî kaikusiya. Moropai:

– Piu pe si'ma wekan pai man – ta'pî kaikusiya wayamuri pî.

Moropai wayamuriya kaikusi we' yarima'pî tîwe' pe. Moropai:

– Uwe'kon era'ma pai man! – ta'pî wayamuriya kaikusi pî.

Moropai kaikusiya tîwe' era'ma'pî. Yu' yare pe tîwe' era'ma'pîiya.

Moropai wayamuriya tîwe' era'ma'pî waikin sipî'tî'pî pe.

– Tarîpai uyo' ton iwa'ta! – ta'pî kaikusiya wayamuri pî.

Moropai wayamuri wî'tî'pî. Moropai waira eporî'pîiya. Moropai:

– Tuna ke uwopakî! – ta'pîiya waira pî.

Moropai iwo'papîiya.

– Kaane, itu'se pra wai – ta'pî wayamuriya waira pî. – Kamasa yawon yu'se wai.

Moropai tuna itîrî'pîiya.

– Kaane, mîrîrî pepîn, tiaron kamasa yawon – ta'pîiya.

Moropai waira ekorema'pî:

– O'non ken yu'se awanî? – ta'pîiya. – Seeni? – ta'pîiya tîmere pî.

Moropai wayamuriya imere pî yapisî'pî. Moropai waira ekatumî'pî.

Moropai waira sa'manta'pî.



Valter da Silva Cavalcante

Moropai ekaremekí'pîiya kaikusi pî. Moropai kaikusi wîtt'pî waira era'mai. Moropai wayamuri erepa'pîiya iwe ke, ipun ke irepaiya pepîn. Mîrîrî wenai wayamuriya imaipapî urari ke. Imaipa'pîiya urari ke. Moropai:

– Entamo'kan pai man, yaako! – ta'pîiya.

Moropai:

– Mai pe uyo' man – ta'pî kaikusiya.

Moropai wayamuriya:

– Uurî nîrî – ta'pî.

Moropai kaikusi sa'manta'pî.

4. Mito de onça, jabuti e anta

Os jabutis encontraram uma onça.

– Vamos defecar – disseram. Para ver quem é mais marupiara (bem sucedido na caça), cunhado!

E a onça concordou. Aí disse um jabuti à onça:

– Vamos defecar de olhos fechados!

Então o jabuti trocou a bosta da onça pela sua. Então, falou o jabuti à onça:

– Vamos espiar nossa bosta!

A onça observou a sua, notando ser bosta de folhas de plantas, ao passo que a bosta do jabuti era de pêlos de veado. Aí disse a onça ao jabuti:

– Vai agora buscar carne para eu comer!

E o jabuti foi e topou com uma anta.

– Dá-me de beber – disse o jabuti à anta. E é de cabaça que eu quero beber água.

A anta lhe deu água.

– Não, essa não, quero outra de cabaça – respondeu.

A anta então se zangou.

– Qual então tu queres? Queres este? – apontando para o seu pênis.

Assim, o jabuti agarrou o pênis da anta, que desatou a correr até cair morta. Depois o jabuti foi contar à onça. E a onça foi ver a anta. Ao destriparem a anta, a onça só deu ao jabuti o bucho e não ofereceu carne. Assim, o jabuti enraiveceu-se e, por vingança, envenenou a carne da anta com curare (i.e. misturou curare com a comida), dizendo:

– Vamos almoçar, cunhado!

A onça achou a comida esquisita e falou:

– Esta carne está amarga.

O jabuti respondeu apenas:

– A minha também está.

Assim, a onça não teve como escapar da morte.



Valter da Silva Cavalcante

4. The Jaguar, the Tortoise and the Tapir

Some tortoises met up with a jaguar.

“Let’s have a crap,” they said. “The food of the hunt we ate will show up in our turds! Let’s see who is best at hunting, Brother-in-law!”

The jaguar agreed. One of the tortoises then said to the jaguar, “Let’s do our job with our eyes closed!”

With the jaguar’s eyes closed, the tortoise switched turds with his own. Next the tortoise said to the jaguar, “Let’s have a look at our work!”

The jaguar examined his turds noting that they were full of leaves and the turds of the tortoise were full of deer hair. Seeing that the tortoise was an animal hunter, the jaguar said to the tortoise, “Go get some meat for my dinner!”

The tortoise went off and ran into a tapir.

“Give me some water to drink in a gourd,” said the tortoise to the tapir.

The tapir brought him some water in a gourd.

“No, not that gourd,” said the tortoise. “I want another kind!”

That made the tapir angry.

“What do you want then? Do you want this?” he said, pointing to his penis.

So the tortoise bit the penis of the tapir who then ran off, running until he died.

After that, the tortoise went to tell the jaguar. The jaguar went to see the tapir. When they disemboweled the tapir, the jaguar only gave the tortoise the tapir’s belly and did not give him any real meat. So the tortoise got angry and in revenge, poisoned the tapir meat with curare, a vine poison, saying, “Let’s have lunch, Brother-in-law!”

The jaguar found the food strange and said, “This meat is bitter.”

The tortoise replied only, “Mine is too.”

And so the jaguar was doomed to die.

5. Uruturuyamî' pantoni



Maildes Soares Santana

Kaikusiya pemonkonyamî' yanî'pî; ikupî kawonkon kaikusiyamî'ya. To' yanî'pî to'ya, to' wîtisa tanne karipîta pe; inkamoro yanî'pî kaikusiya. Innî tiaronkon wîtî'pî. Kaikusiya to' yanî'pî nîrî. Innîrî tiaronkon wîtî'pî. To' yanî'pî kaikusiya. Mîrîrî wanî'pî iri pe. Mîrîrî ye'nen apo' yenka to'ya pra wanî'pî. Auru ke pata kupî'pî to'ya, apo' tenkai pra.

Moropai to' era'mai to' wîtî'pî, kaikusiyamî' era'mai to' wîtî'pî. Kewei yarî'pî to'ya; moropai sampura. Mîrîrî yarî'pî to'ya. Moropai turenen yarî'pî to'ya. Mîrîrî turenen soroka'pî to'ya tuna ka. Mîrîrî pî kaikusiyamî' korema'pî. Ka'nekon inkamoro pemonkonyamî.

Kaikusi eseka'pî, tuke kaikusiyamî' uruturuyamî', tuna kawonkon. Moropai kewei ye'nunpa'pîiya; sanpura ye'nunpa'pîiya. Mîrîrî pî kaikusi ekore'masa eseka'pî. To' tekare pî to' iipî'pî kaikusiyamî'. Inkamoro pemonkonyamî' ekatumî'pî kaikusiyamî' wenairî. Wî' pona pemonkonyamî' enuku'pî. Tiaronkon nîrî pemonkonyamî'ya apo' yenka'pî. Wî' pona nîrî kaikusiyamî' enu'ku'pî; pemonkon pîkirî kaikusiyamî' wanî'pî nîrî. Inkamoroya wana potî'pîti'pî apo' ke, wî' aurutasa parî koreta to' tîise apo' ke, to' potî'pî to'ya. To' aramî'pî. Ain. To' etîka'pî to'ya.

5. Mito das onças uruturu

As onças uruturu estavam devorando gente. Estas onças moravam dentro de um lago. Elas devoravam os homens quando estes iam caçar. Mais outros homens foram caçar. Também a estes devoraram as onças. Assim, estava mal. Por isso os homens não mais tinham coragem de acender fogo. Deixaram o lugar ficar de mato crescido e, portanto, cerrado, não fazendo fogo.

Depois certos homens foram espiar as onças. Eles levaram maracás e tambores. Também levaram xiquitaias, ou seja, pimenta seca e socada. Derramaram essa pimenta dentro d'água. Com isso as onças ficaram zangadas. Aqueles homens eram velozes. As onças apareceram à tona d'água. Eram muitas onças uruturu moradoras dentro d'água.

Depois os homens agitaram os maracás e tocaram os tambores. Por isso as onças emergiram enraivecidas. Elas vieram atraídas pelo barulho. Os homens começaram a fugir. As onças correram atrás deles. Os homens subiram uma serra. Havia também outros homens. Estes acenderam um fogo. Com isso atraíram as onças para a serra. Elas estavam atrás dos homens. Estes tocaram fogo no capinal cerrado, enquanto as onças estavam no meio do capim. Assim as onças ficaram queimadas. E os homens puderam acabar com elas.

5. The Water Jaguars

The water jaguars used to eat people. These jaguars lived in a lake. They devoured men who went hunting. Once again, some more men went to hunt there. These too were eaten up by the jaguars. So, it was a bad situation. In time, the men lost their courage to light bush fires for fear of being seen by the jaguars. Since no fires were set, weeds grew at the place of the lake and eventually, it became thick bush.

After a while some men went to spy on the jaguars. They had a plan. They took along maracas and drums. They also took "chiquitaias", that is, dried, ground up hot pepper. They scattered the pepper on the water, which made the jaguars angry. The jaguars appeared on the surface of the water. Many water jaguars were living in the water.

The men shook the maracas and beat the drums. The noise caused the jaguars to come out of the water, quite angry. The men started to flee. The jaguars ran after them. Now, those men were quick and agile. They went up a hill. More men appeared on the hill and lit a fire. The fire attracted the jaguars to the hill and they went after those men. Once the jaguars were in the middle of the thick bush, the men set the bush on fire. So, the jaguars were burned and the men were able to finish them off.

6. Musu pantoni



Valter da Silva Cavalcante

Musu su'min eporî'pî kaikusiya. Tenu imo'kapitîpîiya sa'narî musuya.
Kurenan tuna yenapo awanî'pî; parana yenapo.

– Seenî parana iratai pona attî'kî, uyenu! – ta'pî musuya.

Moropai itenu wîtî'pî parana iratai pona.

– Parana iratai poi asi'kî, uyenu! – ta'pîiya.

Itenu yanapîiya.

– Parana iratai poi uyenu iipî, uyenu iipî, uyenu iipî, uyenu iipî – tsapoi–
tsapoi–tsapoi.

Moropai innî yarima'pîiya.

Moropai kaikusiya eporî'pî tenu yarimasaiya tanne.

– Î’ pî awanî, yaako? – ta’pîiya.

– Seeni uyenuyê usu’min – ta’pîiya.

– Maasa kin, ayera’mauya tanne!

Moropai:

– Asi’kî, uyenu, parana iratai poi! – ta’pî musuya.

Itenu iipî’pî tsapoi–tsapoi–tsapoi– tuna poro.

– Uurî kanan, uwakîri pe man! – ta’pî kaikusiya.

Moropai kaikusiya tenu mo’ka’pî sa’narî. Moropai kaikusiya tenu yarima’pî:

– Parana iratai pona attî’kî, uyenu! – ta’pî kaikusiya.

– Parana iratai pona attî’kî, uyenu! – ta’pîiya, musu warantî.

Moropai:

– Innî, attî’kî, uyenu! – ta’pî kaikusiya.

– Uwakîri pe man, uwakîri pe man. Uyeseru pe nisi, yaako! – ta’pîiya.

Moropai musu senuminka’pî kaikusi pî. Moropai kaikusiya:

– Asi’kî, uyenu, parana iratai yapai! – ta’pîiya.

Moropai kaikusi yenu iipî tanne.

– Moro e’kî itenu! – ta’pî musuya kaikusi yenu pî.

Kaikusi yenu emîpamî’pî.

– Moro e’kî, itenu! – ta’pîiya.

Moropai kaikusi eratî’pî’pî’pî tenu iwa’pîiya.

Mîikîrî nîrî musu iwa’pî kaikusiya. Tîise musu esonomî’pî. Kun ye muntana eesonomî’pî kaikusiya tanî namai.

6. O jogo dos olhos entre o camarão e a onça

A onça encontrou o camarão a brincar. O camarão tirava ambos os olhos, estando à margem de uma água grande (mar ou rio caudaloso ou lago), e dizia:

– Ide, meus olhos, para o outro lado deste lago!

Então os olhos dele foram para o outro lago do lado.

– Vinde do outro lado, meus olhos! – chamava os olhos de volta.

E cantava:

– Do outro lado do lago vêm os meus olhos. Do outro lado do lago vêm os meus olhos. Txapoi – txapoi – txapoi.

Depois enviou os olhos novamente.

Então a onça encontrou o camarão enquanto estava mandando os olhos embora e indagou:

- O que estás fazendo, cunhado?
 - Estou brincando com estes meus olhos – respondeu o camarão.
 - Espera, enquanto eu olho; faze de novo, que eu quero ver como é.
- Então disse o camarão:

– Vinde, meus olhos, do outro lado do lago!

E os olhos dele vieram. À medida que o camarão falava, os olhos dele vinham por cima d'água, pela água afora – os olhos vinham, vinham, vinham.

– Eu também quero brincar assim. É um jogo bonito! – disse a onça.

Então a onça arrancou ambos os olhos. Depois ela os mandou embora:

– Ide para o outro lado do lago, meus olhos! – disse ela a modo do camarão.

E repetiu:

– Ide novamente, meus olhos! É mesmo bonito, é bem interessante tal jogo, deixa-o para meu brinquedo, cunhado!

Então o camarão pensou no que devia fazer com a onça. E enquanto ela ordenava que seus olhos retornassem do outro lado do lago, o camarão disse:

– Ficai, parai ali, olhos da onça!

E assim os olhos da onça pararam no meio do caminho à simples ordem do camarão.

Ela virava-se continuamente para procurar os olhos. Procurou também o camarão, mas este havia se escondido. Ocultou-se debaixo de folha de bacaba, para que a onça não o pudesse devorar.

6. The Eye Game between the Shrimp and the Jaguar

The jaguar met up with the shrimp who was playing at the edge of a large lake. The shrimp took out his eyes and said, “Go, eyes, to the other side of the lake!”

So the shrimp’s eyes went to the other side of the lake.

“Come from the other side, eyes!”

The shrimp called his eyes to come back. And he sang, “From the other side of the lake come my eyes! From the other side of the lake come my eyes!”

Chapoi-chapoi-chapoi was the sound of the eyes.

Then the shrimp sent his eyes off once again.

Now the jaguar asked, "What are you doing, Brother-in-law?"

"I'm playing with my eyes," answered the shrimp.

"Wait, while I watch. Do it again, I want to see what it's like."

So the shrimp said, "Come, eyes, from the other side of the lake!"

As the shrimp spoke, his eyes came back across the surface of the water, from the other side they came, came, came.

"I, too, want to play; it's a nice game!" said the jaguar.

So the jaguar tore out both his eyes. Then he sent them off. "Go to the other side of the lake, eyes!" he said, just like the shrimp. And he repeated, "Go again, eyes! This game is really interesting; it will be my pastime, Brother-in-law!"

Then the shrimp thought about what he should do with the jaguar. And as the jaguar ordered his eyes to come back across from the other side of the lake, the shrimp said, "Stay, stop there, jaguar eyes!"

And so the jaguar eyes stopped in the middle of the way at the simple command of the shrimp.

The jaguar turned around in circles continuously, looking for his eyes. The shrimp also went to look for them, but instead he hid himself. He crept beneath a leaf of the bacava tree so that the jaguar would not be able to devour him.

7. Kaikusi moropai wayamuri pantoni

Ataitaiya wayamuri eporí'pî. Yakitîpa'pîiya tí' ke itesemu pona Ataitaiya. Iwí'pîiya.

Moropai wayamuri wîtí'pî. Moropai kaikusi eporí'pî wayamuriya imu ikinîsaiya tanne:

– Î' pî awanî mîrîrî? – ta'pîiya.

– Imu yakuuya.

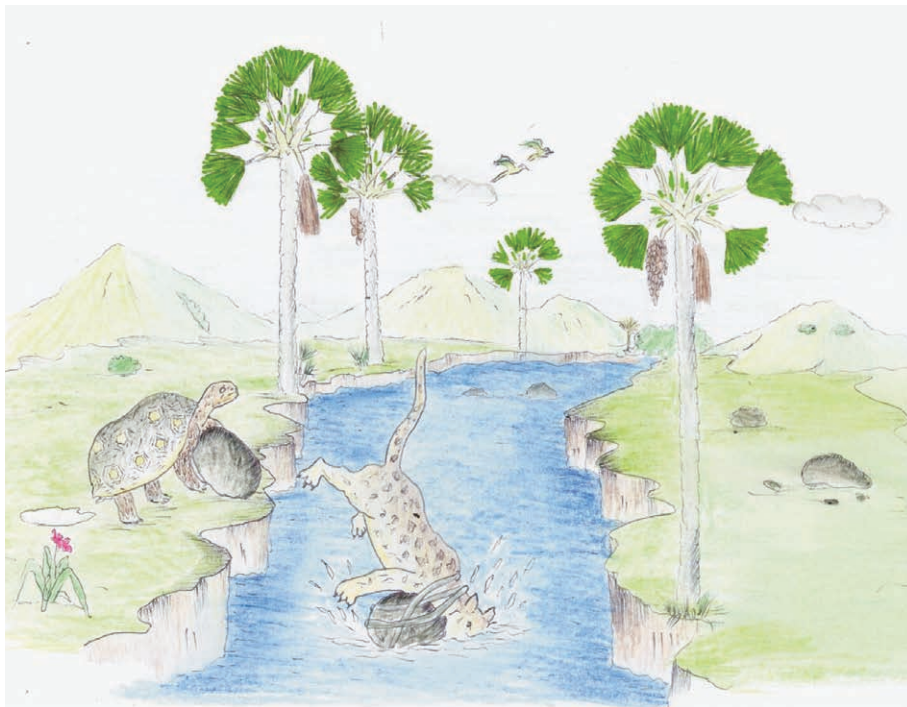
– O'non patawon epo'saya?

– Seenî patawon – ta'pîiya.

Tuna ena pona yari'pîiya. Tuna ena pona yari'pîiya, kaikusi yaironka'pîiya. Mairon tuna ena pona yenpo'pîiya:

– Seenî tuna ya'mîta imu esa wanî. O'non ye'ka enanen amîrî?

Moropai tí' wati'pîiya imuwoi, morí pe iwati'pîiya. Tí' iwati'pîiya. Eena'pî. Mîikírî kaikusi ena'pî tuna ka. Eseuronka'pî. Tí' enumí'pîiya iwenairî. Moropai sinpata asamanta'pî, eesenpo pepîn.



Valter da Silva Cavalcante

7. Mito de jabuti e onça

Um curupira encontrou um jabuti. Com uma pedra, esmagou-o; rachou-o sobre o joelho. Matou-o.

Depois, outro jabuti foi embora por aí. Uma onça encontrou-se com o jabuti quando ele comia beiju de tapioca.

- Que estás fazendo aí? – disse.
- Estou comendo tapioca.
- De que lugar foi que apareceu? De onde boiou?
- Deste lugar – respondeu.

E a onça levou-o à beira do rio. Não, foi o jabuti que levou a onça até à margem do rio, à beira dum rio fundo.

– É no fundo deste rio que mora o dono da tapioca – disse.

– E é isso que tu comes?

– Pois é.

Como a onça queria pegar tapioca no fundo do rio e não conseguiu mergulhar, o jabuti amarrou uma pedra no pescoço dela. Amarrou-a bem amarrada. A onça então caiu na água e mergulhou. E o jabuti lançou a pedra atrás dela. Assim, a onça morreu. Não mais apareceu à tona na água.

7. The Tortoise and the Jaguar

An ogre met up with a tortoise. He crushed him with a rock and split him over his knee. He killed him.

Then another tortoise wandered by. A jaguar met up with him while he was eating tapioca bread.

“What are you doing there?” the jaguar said.

“I’m eating tapioca.”

“Where did the tapioca come from? Where did it float by from?”

“From this place here,” the tortoise answered.

The tortoise took the jaguar to the edge of the river, to the edge of a very deep river.

“It’s at the bottom of this river that the owner of the tapioca lives,” he said.

“And is that what you’re eating?”

“Yes indeed.”

As the jaguar wanted to get tapioca from the bottom of the river but was not able to dive, the tortoise tied a rock around the jaguar’s neck. He tied it really tight. The jaguar then fell into the water and dove. And the tortoise threw another rock behind him. And so the jaguar died. Never again did he come to the surface of the water.

MAIKANYAMÎ' / RAPOSAS / FOXES

8. Maikan moropai auronopî pantoni

Auronopî wîri' wîtî'pî. Attî'pî piriko enase. Tiwinsarî attî'pî. Mîikîrî eporî'pî maikanya. Moropai ta'pîiya:

– Î' pî awanî, wîri'si?

– Î' pî wanî pepîn; piriko ena'pîuya.

– Aase, uyarakkîrî wîtinpai man uyewî' ta!

Yarî'pîiya. Erepanî'pîpîiya tewî' ta. Itewî' wanî'pî auru pe. Yawonîpî'pîiya.

Moropai maikanyamî' mananu'pî. Moropai to' mananu era'ma'pî auronopîya.

– Yoroi, yoroi ye kumanen kanon; kanon, kanon ye kumanen – aya hâin – aya – hâi – hâiya – hâiya – aya – hâi ya! – to' serenka'pî.



Isaac da Silva Rennês

8. Mito de uma raposa e uma moça

Havia uma mulher makuxi, ainda moça, que foi comer araçá miúdo. Ela foi sozinha. Uma raposa a encontrou e disse:

- Que estás fazendo, irmãzinha?
- Nada demais, estou apenas comendo araçá.
- Vamos embora, vem comigo para minha casa! – e levou-a.

Chegou com ela em sua casa. Sua casa era cerrada de mato. Convidou-a a entrar. Depois a raposa dançou juntamente com a raposada toda. A moça olhava as raposas dançarem cantando:

– Caju, cajueiro, mudando da água para vinho; araçá, araçazeiro, desmanchando-se em suco para beber: aya - hãï - aya - hãï - hãï - ya - hãï - ya - aya - hãï - ya!

Assim eles cantavam.

8. The Fox and the Girl

There was a Makushi woman, still a girl, who went to eat araçá berries. She went alone. A fox met up with her and said, “What are you doing, little Sister?”

“Nothing much, I’m just eating araçá berries.”

“Come on, let’s go. Come with me to my house!”

He took her along. They arrived at his house. The house was surrounded by bush. He took her in. Then the fox danced, together with other foxes who were there. The girl watched the foxes dancing. They were singing a song.

“Cashew, cashew tree, dissolve into water to make wine. Araçá, araçá bush, break into water to make juice to drink. Aya - hãï - aya - hãï - hãï - ya - hãï - ya - aya - hãï - ya!”

The foxes sang on and on.

9. Maikanyamî’ pantoni

Uurînîkon piarî wîtî’pî iwo’nunse. Maikan po’ka yu’sé wanî’pî. Moropai irupe inumî’pîiya maikanya.

– O'non urupe?– ta'pîiya.

Iwapîiya.

– Î' waya, yaako? – ta'pîiya. – Î' ton pe arupe irumaka'pî nan?

– Inna, maikan po'ka yu'se wai – ta'pîiya.

– Kaane, maikan pepîn mîikîrî, wîri pokon, wîrisanyamî' inkamoro; ewonnî pai anna yewî' ta – ta'pîiya.

Pemonkon ewomî'pî maikan yewî' ta. Piu, wîrisanyamî' awanî'pî irinîke, maikanpayamî'.

– Ano'pî ton api'kî! – ta'pî maikanya.

Moropai:

– Awon pai, yaako, waikin wîi!

To' wîtî'pî. To' ko'mamî'pî saakîne, eseuwîrîne, mia taikin wei. To' iipî'pî tewî'kon ta.

– Amanunkî, yaako! – ta'pîiya.

To' kamo': waikin pepîn; pîriya, kaira.

Mîrîrî to' manu'pî maikanyamî'. To' etîmî'pî. Mîikîrî tîmî' pra awanî'pî; mai pe pra awanî' ye'nen. Moropai tîno'pî yarî'pîiya tîsan pia; warayo'ya yarî'pî:

– Apase ton inepî'pî wai, maama – ta'pîiya.

– Inna, sewatîkî, kakî! – ta'pîiya.

Mîrîrî isan epakapî tîpase yekare pî. Akka! Tîrutu yokoi awanî'pî maikan pe, pemonkon pe pra.

– O'non pî taaya warayo'? Maikan pe man.

Mîrîrî ye'nen maikan ennapo'pî tewî' ta.

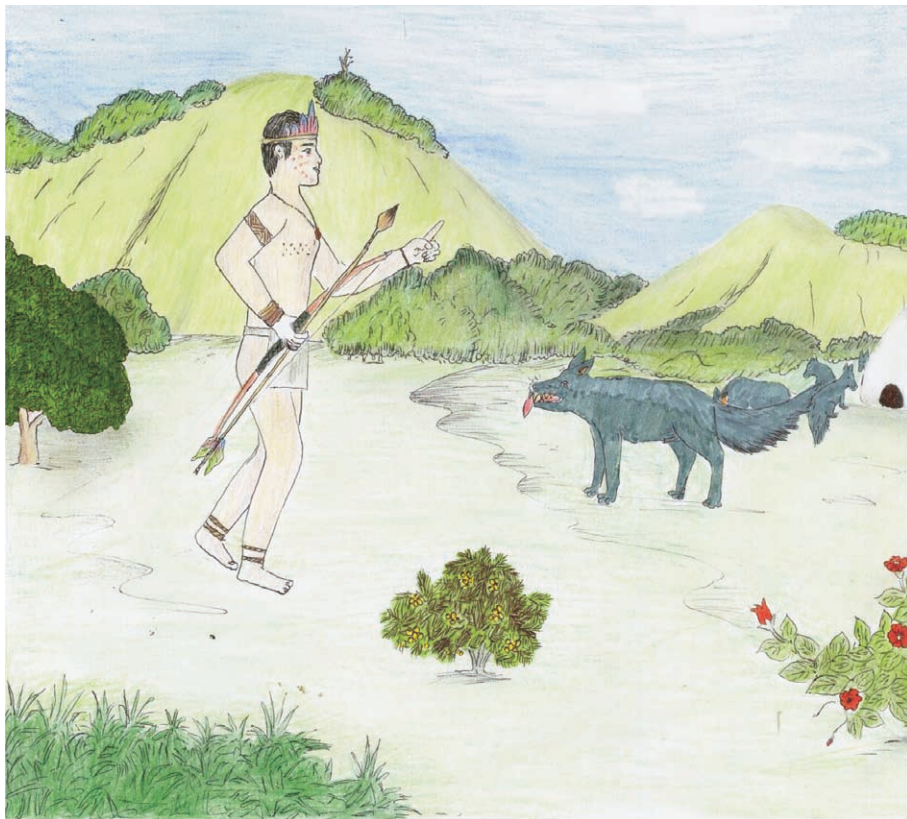
– Uno'pî, uno'pî! – ta'pî pemonkonya. – Î' ton pe uno'pî iinîpî'pî nan, maama?

Tseren, tseren, tseren – maikan ennapo'pî tîwî' ta.

– Maasa, uno'pî ewomî pai man!

– Kaane, ewomî' pepîn.

Tîpu'pai erennupî'tî'pîiya menene pona; eewomî pra wanî'pî. Maikan ekorema'pî; eewomî pra. Mîrîrî ye'nen awennapo'pî.



Valter da Silva Cavalcante

9. Mito de raposas

Um nosso ancestral foi caçar. Queria flechar raposas. Mas um raposo arrebatou-lhe a flecha.

– Que é feito da minha flecha? – disse o homem; e procurou-a.

– Que é que está procurando, cunhado? – perguntou o raposo.

– Procuo minha flecha.

– Para que soltaste tua flecha?

– Ora, quero flechar raposas.

– Qual nada, aquilo não são raposas, são mulheres, são irmãzinhas.

Venha entrar em nossa casa! – disse o raposo.

O homem, então, entrou em casa do raposo. Puxa! Havia ali muitas mulheres, raposas fêmeas.

– Toma uma para tua esposa! – disse o raposo.

Depois ajuntou:

– Vamos, cunhado, levantemo-nos para matarmos veados do campo!

Eles foram. Passaram dois, três, até cinco dias, antes voltar novamente a casa.

– Dança, cunhado! disse o raposo.

A caça deles não era de veado, era de preás e gafanhotos. Aí dançaram. As raposas se embriagaram. Mas o homem não ficou embriagado, pois a bebida não era forte.

Um dia o homem levou a raposa, sua mulher, para a casa da sua mãe:

– Mamãe, eu trouxe uma nora para ti.

– Sim, está bem, podes atar a rede – ela falou.

Então a mãe do homem saiu ao encontro da nora. Ora, ora, ela estava debaixo do panacu; era raposa e não gente.

– De quem é que está falando, meu filho varão? É uma raposa.

Por isso a raposa regressou para sua casa.

– Minha esposa, minha esposa! – chamou o homem.

E à mãe disse:

– Por que, mamãe, espantaste minha esposa?

Tseren, tseren A raposa voltou mesmo para sua casa.

– Espera, deixa-me comprar minha esposa! Deixa-me buscá-la!

A raposa não entrou logo em casa, mas encostou a cabeça numa casa de cupim e não quis entrar. A raposa resistiu para não entrar. Por fim, voltou.

9. Legend of the Foxes

Our ancestor went off to hunt. He wanted to shoot foxes. But one fox bent his arrow. “What did you do to my arrow?” said the man, and he went looking for it.

“What are you looking for, Brother-in-law?” asked the fox.

"I'm looking for my arrow."

"Why did you shoot your arrow?"

"I wanted to shoot foxes."

"No, those aren't foxes, those are women; they are little sisters," said the fox. "Let's go to my house!"

So the man entered the fox's house. Goodness! There were many women there, female foxes.

"Take one of them for your wife," said the fox. Then he added, "Let's go, Brother-in-law, let's go and kill some field deer!"

They took off. Two, three, then five days went by before they returned to the house again.

"Dance, Bother-in-law!" said the fox.

The game they caught wasn't deer; it was field mice and grasshoppers. Then they danced. The foxes got drunk. But the man didn't get drunk, as the drink wasn't very strong.

One day the man took the fox who was his wife to his mother's house.

"Mom, I brought a daughter-in-law for you."

"Yes, that's good. You can set up your hammock," she said.

So the man's mother came out to meet her daughter-in-law. Now, his wife had gone beneath a carrying-basket, since she was a fox and not human.

"Who are you talking about, my boy? It's a fox!"

Because of that, the fox went back to her house.

"My wife, my wife!" called the man. And to his mother he said, "Why, Mother, did you scare off my wife?"

Tsereng-tsereng... The fox had indeed gone back to her house.

"Wait, let me get my wife! Let me go get her!"

The fox came back to the man, but did not go into the house right away. She rested her head on a termites' nest, not wanting to go in. She was reluctant to go in. At last she returned.

10. Maikan moropai kariwana pantoni



Maildes Soares Santana

Kariwana wanî'pî tímuku kenan. Mîikîrî eporî'pî maikanya. Mîikîrîya ta'pî:

- Amuku ke urepakî!
- To' tîrîuya pepîn – ta'pî kariwanaya.
- To' tîrîya pra awanî ya, aye'karepî enuku.

Mîrîrî ye'nen kariwanaya tîne itîrî'pî maikan yokoi. Moropai tawaruya kariwana eporî'pî. Mîikîrîya ta'pî kariwana pî:

- Iseruku, maikan enuku pepîn, innî anre kîtîrî!

Moropai ko'mîiya innî maikan iipî'pî kariwana more era'mai. Mîrîrî eerepamî'pî. Mîrîrî ta'pîiya:

- Anre ke urepakî!
- Eerepa pepîn, itîrîuya pepîn.
- Î' wani awanî e'nen?
- Maasa pra tawaruya ta'pî “Maikan enuku pepîn” – ta'pîiya.

Mîrîrî:

– Ah, tawaru, tiaron pensa tawaru eporîuya, yanîuya – ta'pî maikanya.

Mírîrî tiaron pensa tawaru eporî'pî maikanya: awepî tanne, eporî'pîiya. Mîikîrî apisî'pîiya. Mîrîrî:

– Maasa, uurî kîsanîi – ta'pîiya.

Amansa tanne uyanîya ya, awenpîriisî: mîrîrî tî' pona urumakakî a'munato'pe; a'munasa tanne uyanîpa!

Mîrîrî irumaka'pîiya tî' pona maikanya. Mîrîrî tawaru ariwomî'pî ipiapai.

Ariwomî tanne, ta'pîiya:

– Yaako, emi'ne wanî ya, mane pata pemonkon iinî'pî man. Mane pata yaako iinî'pî man saku ya' ayekamîpa. Mîrîrî maikan wîtî'pî imaimu yawîrî. Mîrîrî eporî'pî maikanya:

– Inna perî saku ya' uyekama'ya? – ta'pîiya.

Mîrîrî iwenairî attî'pî. Saku ena warantî pra wanî e'nen apisî'pîiya. Moropai apisî'pîiya; yeka'pîiya. Tîsi ke ipatî'pîiya. Moropai to' wî'pîiya.

10. Mito da raposa e da galinha

Uma galinha estava com seus pintos. Uma raposa a encontrou e disse:

– Dá-me de presente alguns dos teus filhos!

– Não dou – respondeu a galinha.

– Se não me der, eu trepo em ti.

Por isso a galinha entregou-lhe um pinto, seu filhote. Depois um bacurau encontrou a galinha e lhe disse:

– É pura mentira o que a raposa te falou; não lhe dá mais nenhum dos teus filhos!

Outro dia à tarde veio novamente a raposa buscar um pinto. Chegou e disse:

– Dá-me um frango!

– Não dou, porque o bacurau me disse que raposa não trepa.

– Ah, bacurau! – disse a raposa. – Quando eu o encontrar, eu o comerei.

Então, quando a raposa encontrou outra vez o bacurau, este estava no banho. Ela o pegou. Aí disse o bacurau:

– Não me comas agora. Se tu me comeres assim como estou molhado, tu te engasgas. É melhor me soltar em cima duma pedra para eu me secar. Quando eu estiver seco, tu poderás comer-me.

Então a raposa soltou-o sobre uma pedra. Mas o bacurau voou para longe. Enquanto voava, dizia:

– Cunhado, se tu tiveres fome, lá vem gente. Lá vem o cunhado homem para te meter no saco.

Atendendo as palavras do bacurau, a raposa foi atrás do homem, como se não houvesse de cair dentro do saco. E o homem pegou a raposa que queria mordê-lo na perna, surrou-a e matou-a.

10. The Fox and the Chicken

A chicken had her chicks gathered around her. A fox met up with her and said to her, “Give me one of your children as a present!”

“I won’t give any of them to you,” answered the chicken.

“If you don’t give one to me, I’ll screw you.”

Because of that, the chicken gave him one of her chicks.

Then a bacurau bird met up with the chicken and said to her, “It’s a pure lie what the fox told you; don’t give him any more of your chicks!”

Another afternoon the fox came again, looking for a chick. He arrived and said, “Give me a chicken!”

“I’ll not give you one because the bacurau told me that the fox doesn’t screw.”

“Ah, bacurau!” said the fox. “When I find him, I’m going to eat him.”

So one day, the fox met the bacurau. Both of them were at the water’s edge to take a bath. The fox caught the bacurau. Then the bacurau said, “Don’t eat me now. If you eat me like this all wet, you’ll choke. It’s better to let me loose on top of a rock so I can get dry. When I become dry, then you can eat me.”

So the fox set him loose on a rock.

But the bacurau flew far away. When he was flying, he said, “Brother-in-law, if you’re hungry, there are people coming along there. Here comes a man, your brother-in-law, to put you in a bag.”

Obedying the bacurau’s words, the fox went after the man, as though he would not be put into the bag. And the man caught the fox who tried to bite him on the leg. The man beat him and killed him.

TIARONKON O'MAKON / OUTROS ANIMAIS / OTHER ANIMALS

11. Waikin moropai muru' pantoni



Maildes Soares Santana

Waikinya muru' pisa'sa yanumî'pî.

– E'pîn pai, yaako! – tapîiya muru pî. To' pisa'sakon moka'pî to'ya tewepîkon ye'nen. Moro to' epî'pî. Waikin seukapî emai' pe.

– Upu kaisarî asasa nai? – tapîiya muru' pî.

Mîrîrî ka'mapîiya waikinya.

– Morî pe man, upu kaisarî.

– Kaane, yaako! – tapîiya.

– Usasa nekî! – tapîiya.

– Ayekatonpanen usasa nekî, yaako! – tapî muru'ya waikin pî.

Yu'kuiya pra waikin wanî'pî. Yari'pîiya. Mîrîrî ye'nen waikin pisa'sa yanumî'pî muru'ya.

11. Mito do veado e do tatu-bola

O veado campeiro tirou o calçado, a saber, as unhas do tatu-bola.

– Vamos tomar banho, cunhado! – disse ele ao tatu.

Quando foram tomar banho, tiraram os seus calçados, cascos e unhas. E então se banharam. O veado emergiu primeiro.

– O teu calçado está igual ao meu? – perguntou ele ao tatu.

E ele se calçou dizendo:

– Está bem justo aos meus pés ... está bom, fico com ele.

– Não cunhado, dá-me o meu calçado, senão ele correrá contigo; restitui-me o meu calçado, cunhado – disse o tatu ao veado do campo.

Este não o atendeu, mas carregou o calçado do tatu. Por isso é que o tatu levou também o calçado do veado.

11. The Deer and the Armadillo

A field deer made off with the shoes, that is, the toe-nails, of the armadillo.

“Let’s go swimming, Brother-in-law!” he said to the armadillo.

When they went to swim, they took off their “shoes”, which were, in fact, the armadillo’s shell and toe nails and the deer’s hoof-nails.

They went swimming like that. The deer came out first.

“Are your shoes the same as mine?” he asked the armadillo.

The deer put on the armadillo’s shoes, saying, “This is just right for my feet. They’re good. I’m going to keep them!”

“No, Brother-in-law, give me back my shoes, if not they’ll run with you. Return my shoes, Brother-in-law,” said the armadillo to the field deer.

The deer did not listen to him, but carried off the armadillo’s shoes. And so because of that, the armadillo took the deer’s shoes away as well.

12. Wayamuri moropai yaware pantoni

Yawareya wayamuri eporî’pî.

– Î’ pî awanî wayamun? – ta’pîiya.

– Î’ pî pra – yu’ku’pîiya.

– Inna, maasa, ayekkari ruku ipeta pra man.

– Inna, maasa, inîmîkî pe ayunatope.



Isaac da Silva Rennês

Non ya' yunatí'pî, yawareya. Ako'mamí'pî saakíne kapoi; non ya' ako'mamí'pî.

– Wayamun! – ta'pîiya.

– Hm-hm! – yu'ku'pîiya.

Eseurîwîne kapoi eetí'ka'pî:

– Wayamun!

– Hm!

Moro wani'pî. Innîrî saakîrîrî kapoi etí'ka'pîiya:

– Wayamun!

– Hm!

Moro wani'pî. Innîrî mia' taikin kapoi eetí'ka'pî. Ruku epeta'pî.

– Aasarî man, wayamun, epaka'ki! Ruku emîisa man!

Wayamuri epaka'pî.

– Amîrî kanan, yaware! Maasa, ruku epe ta pra man ayunata pai, aakapî tanne – ta'pî wayamuriya.

– Maasa, yunata pai!

Moropai yunati'pîiya non ya'.

– Yaware!

– Hm! – yu'ku'pîiya.

Innî aako'mamî'pî.

– Yaware!

– Hm!

Innîrî tiwin kapoi eetîka'pî:

– Yaware!

– Hm! – yu'ku'pîiya, simîrikî pe. Innîrî aako'mamî'pî.

– Yaware!

– Hi! – yu'ku'pîiya, simîrikî pe.

Innîrî:

– Yaware!

----- AASA'MANTA'PÎ!

12. Mito do jabuti e do mucura

Um mucura (termo amazônico para designar gambá) encontrou-se com um jabuti.

– Que é que estás a fazer, seu jabotão?

– Nada demais, estou vivendo.

– Sim, está bem. Espera, tua comida de frutas, os jenipapos, ainda não amadureceram. Por isso deves esperar e aguardar enterrado.

O mucura enterrou o jabuti no chão. Demorou dois meses, passando-os no chão.

– Jabotão! – chamou.

– Hm- hm! – respondeu.

Passaram três luas.

– Jabotão!

– Hm!

Ele estava lá. Passaram-se quatro meses.

– Jabotão!

– Hm!

Estava lá. Acabaram-se já cinco meses. Os jenipapos amadureceram.

– Pronto, jabotão! Sai da terra, os jenipapos já ficaram maduros.

O jabuti saiu.

– E como será contigo, mucura? Espera, vamos enterrar-te também, à espera da tua comida, os jenipapos alvejaram, ó mucura! – disse.

Daí o jabuti enterrou-o no chão. Passado algum tempo, chamou:

– Mucura!

Ele respondeu:

– Hm!

Passou mais algum tempo e chamou de novo:

– Mucura!

Ele respondeu:

– Hm!

De novo deixou passar um mês.

– Mucura!

– Hm! – respondeu baixinho.

Passou mais tempo.

– Mucura! – nada de resposta.

O mucura tinha morrido. Assim o jabuti ganhou a aposta. É sempre o jabuti que ganha a palma por ser o mais esperto.

12. The Tortoise and the Skunk

A skunk met up with a tortoise. “What are you up to, Mister Tortoise?”

“Not too much. I’m just living life.”

“Yes, that’s good. Wait! Your food, the jenipapo fruit, hasn’t turned ripe yet. So you should wait, wait by being buried in the ground.”

The skunk buried the tortoise in the ground. Two months went by and then the skunk called, “Tortoise!”

“Hm-hm!” the tortoise answered. Three moons went by.

“Tortoise!”

“Hm!” he answered again. Four months went by.

“Tortoise!”

“Hm!” He was still there.

Soon five months had gone by. The jenipapo fruit was ripe.

“Ready, tortoise! Come out of the ground, the jenipapo fruit are now ripe.”

The tortoise came out of the ground.

“And how’s it going to be with you, skunk? Wait, let’s bury you too. You can wait for your food, the jenipapo, to turn ripe, oh skunk!” he said.

Then the tortoise buried him in the ground. After some time he called out, “Skunk!”

The skunk responded, “Hm!”

Some more time went by and he called out again, “Skunk!”

The skunk answered, “Hm!”

Again he let a month go by.

“Skunk!”

“Hm!” he answered in a low voice. More time went by.

“Skunk!”

There was no answer. The skunk had died. And so the tortoise won the contest of who could stay in the ground the longest. It’s always the tortoise that wins the prize for being the most cunning.

13. Yei yare pantoni

Waira yarakkîrî pemonkon warayo’ wîtî’pî. Sin poro wî’ yapî ipinunpa’pîiya. Waira erepamî’pî tewî’ ta. Yu’ ya waira nîmî’pîiya. Pemonkon emikku’pî tewî’ ta. Ite’kare pî to’ wîtî’pî pemonkonyamî’. Iwîi to’ wîtî’pî. Iwî’pî to’ya ipu’pai yai. Mîikîrî inre mo’ka’pî inyoya. Mîikîrî rona’pîiya tuna ka; moro’yamî’ etîmî’pîiya.

Moropai to’ munkî, imu tîmî’pî. Moro’yamî’ era’masa to’ya wanî’pî. Mîikîrî more yarî’pî to’ya moro’ tînse. More separantî’pî. Moro’ yunkonya ipo’ka’pî iwî’pîiya. More sa’mantasa yarî’pî to’ya.

Ipana ena’pî yei yare pe. Itemu ena’pî karawa pe. Ipu ena’pî tapîriken pe. Mîrîrî ena’pî. Ikara ena’pî aya pe. Moropai ikuneri ena’pî kanapuru pe.

Moropai ipîmî’pî yunya inkîrîta; ipîmî’pîiya.



Isaac da Silva Rennês

13. A origem dos timbós

Um homem andava com uma anta. Perambulava por esta região através das montanhas. A anta chegou à sua casa. O homem a deixou no mato e regressou para casa.

Vários homens foram para matar a anta, guiados pela informação que dela tiveram. Eles de fato a mataram e foi pela cabeça.

O marido da anta tirou o filho que estava no ventre dela. Lavou-o no igarapé. Com isso fez que os peixes entontecessem.

Como cresceram os filhos da gente do lugar, cresceu também o filho do homem, marido da anta. Um dia o pessoal avistou muitos peixes. Então levaram aquele menino, filho da anta, para atordoar peixes. Em tal

ocasião, o menino ficou gravemente ferido, a ponto de perecer. É que um peixe enorme o tinha flechado, razão por que morreu. Então eles levaram o menino morto. O corpo dele transformou-se em várias qualidades de timbós.

Suas orelhas viraram timbó de nome makuxi *yai yare*. Seus olhos tornaram-se *carauatê*. Transformaram-se nisso. Suas veias ficaram sendo *aya*, o timbó principal. O pus dele virou timbó maniva, *kunapuru* ou *kanapuru*. Seus pés viraram timbó alado, *tapinken*.

Isso tudo, a saber, tais plantas e cipós, foi plantado pelo pai na mata virgem. Ele plantou para serventia futura dos índios.

13. The Origin of Vines

A man wandered about with a tapir. They journeyed through the region behind the mountains and arrived at the tapir's home in the woods. The man, who was her husband, left her there and returned home.

Some men went to kill the tapir, guided by the information they had about her. They did indeed kill her by injuring her head.

The husband of the tapir removed their son that was in her womb and washed him in the stream. This left the fish in the stream numbed.

As the children of the people in the area grew up, so also did the man's son. One day some people saw a lot of fish. Remembering how the fish in the stream had been numbed, they took the tapir's son to stun the fish. It happened that the boy became seriously wounded when an enormous fish shot him with an arrow. Eventually he died. So the people carried the dead boy away and his body was transformed into various vines.

His ears turned into the vine that the Makushi call *yai yare*. His eyes became the *karawate* vine. His veins became the *aya* vine, the main type of vine. His pus turned into the manioc vine, *kunapuru*. His feet were changed into the alado vine, *tapinken*. His body was transformed into all those vines. All of them, the plants and vines, were planted by his father in virgin wood. He planted them to be of future use for the Makushi people.

14. Wayeuta pantoni



Valter da Silva Cavalcante

Wayeuta waní'pî. Pemonkonyamí' wîti'pî iwo'nunse. Moropai tîpatasekon ton eporí'pî to'ya. Moro to' we'napî. Moropai mîikîrî Wayeuta iipî'pî. Aawikata'pî kurene:

- Pî- pî- pî- pî- pî – awikatase.
- Mî Wayeuta – ta'pîiya.

Awennap'pî tekatusse. Innîrî mîrîrî warantî eremapí'pî tawikatase. Tîise tîwî' tîise to' emikku'pî. Moropai tonpakon etapî to'ya. Tu'ke, arineke. Waikin eta'pî to'ya, usari, waira, tamanua, tamí'nawîrî to' eta'pî to'ya;

toronyami': tararamu, sawiwi, wakurai, onore, anra, watunai, kurun, karakka, wiruma, woro'ke, wakuka, maya, kurewaki, tamí'nawírí to' eperepí'pí. Moropai moro to' wítí'pí ipatase ya'. Moropai pata ewaronpamí'pí. Moropai aapi'pí mîikírí Wayeuta.

– Yapití! – ta'pí to'ya. – Yapití!

Moropai aapi'pí. To' eekupí'pí yapisíkonpa ka'ima, pemonkonyamí'.

Awikíta'pí:

– Pí- pí- pí- pí-pí – awikíta'pí.

– Mí aweyeuta – ta'píiya.

Eekatumí'pí. Ipíkírí to' katumí'pí pemonkonyamí', waikinyamí', toronyamí'. Yapisí to'ya pra waní'pí. Moropai to' ennapo'pí típatasekon ya'. Moropai inní aapi'pí yapisa to'ya pra waní ye'nen.

Inní awikíta'pí:

– Pí- pí- pí – awikíta'pí.

– Mí aweyeuta – ta'píiya.

Inní to' tapisí'pí ipíkírí tiaronkon:

– Ain! ...

Iwenairí to' wítí'pí. Tiaronkon e'namí'pí ka'mínnonkon. Iwe'nai'pítí'pí tiwin kurewakiya. Ka'nepe waní'pí:

– Ap!

Seeni ka' parakon eporí'píiya. Moropai eeratí'pí seewiní ka'rípíkírí:

– Op

Ka'nepe Wayeuta waní'pí. Ipíkírí mîikírí kurewaki waní'pí. Seeni yairí yarí'pí to'ya. Maasa, apisíiya pra, iwenairí attí'pí. Moropai kurewakiya yapisí'pí. Moropai enepí'píiya, inkamoro tonpayamí' koreta. Erepaní'píiya tonpayamí' koreta. Moropai iwí'pí to'ya.

Moropai yatípítí'pí to'ya. Sí'monkon pe ipunka'pí to'ya. Moropai to' weyeutakon pe itírí'pí to'ya. Usari ya' itírí'pí tíwe'yeuta pe. Moropai waikin ya' itírí'pí tíwe'yeuta pe. Moropai waira ya' itírí'pí tíwe'yeuta pe. Moropai tamí'nawírí itírí'pí to'ya. Iwarika ya' nírí tíwe'yeuta pe. Tamí'nawírí: pinkí ya' itírí'pí; paraka ya' nírí.

Moropai toron ya': tararamu ya' itírí'pí. Moropai watunaiyamí' ya' itírí'pí. Kurun ya'. Kasana ya' itírí'pí. Tamí'nawírí inkenan; tamí'nawírí toronyamí'ya itírí'pí. Awetíka'pí.

Moropai píretuku iipí'pí, awetíka'pí tanne.

– Hí – hí – hí – hí – uwe'yeuta ton moro nai? – ta'píiya.

– Í ton pra man – ta'pí to'ya.

Moropai awenapo'pî:

– Inna karî – ta'pîiya.

Tîise simerikî yatîsa to'ya wani'pî moro. Mîrîrî yenumîpî to'ya; pîretuku yekare pî attî tanne yenumîpî to'ya awenapo tanne. See ye'ka ... aatapisî'pî seeporo. Mîrîrî ye'nen seeporo, imo poiron, pîretuku wayeuta.

Moropai moro' nîrî karoj, mani wî' poron, esenpo'pî tuna kapai.

– Eh, uurî weyeuta ton pra nai? – ta'pîiya.

Eesenpo'pî see pîkîrî, arakita pîkîrî, eesenpo'pî:

– Eh, uweyeuta ton moro nai? – ta'pîiya.

– Î' ton pra man – ta'pî to'ya.

– Inna karî – ta'pîiya.

Awenapo tanne simerikî wani'pî moro. Mîrîrî ke eseuronka tanne, tuna ka eseuronka tanne, ipokapî to'ya, see yairî i'mî yai. Mîrîrî ye'nen karoj weyeuta seeni poron i'mîn yai.

14. Mito do ânus

Mas existia o “Ânus”. Alguns homens foram caçar e fizeram seu acampamento. Ali eles dormiam. Então veio o Ânus e peidou; peidou com força – bî - bî - bî - bî – ...

– Tomai Ânus! – dizia ele.

A seguir correu. Novamente veio peidando. Então regressaram os homens para suas casas e avisaram os companheiros e também os bichos sobre o aparecimento do Ânus. Todos os bichos ouviram o aviso – e eram muitos.

Quem eram eles? Eram: o veado do campo, o veado capoeira, a anta, o tamanduá-bandeira, todos os animais ouviram o aviso. Também escutaram as aves e os pássaros: o passarão, o tuyutuyu, o jaburu, a cegonha, o maguari ou mangauri, a garça real, o urubu de cabeça preta, o urubu de cabeça vermelha, o gavião caracará, o gavião belo, os papagaios, a pomba galega, a pomba padapada, a curica. Todos eles se juntaram e foram ao acampamento.

Então veio aquele Ânus.

– Pegai-o! – diziam todos os presentes.

– Pegai-o! – os homens se esforçaram por apanhá-lo.

Ele peidava – bî - bî - bî:

– Tomai Ânus! – dizia ele.

Todos correram atrás dele. Atrás do Ânus correram os homens, os veados, os pássaros, todos os bichos. Mas não conseguiram pegá-lo. Depois voltaram ao acampamento. O Ânus veio de novo, porque não o tinham podido pegar. Ele peidou mais fortemente – bî - bî – bi:

– Tomai Ânus! – dizia.

Então outros correram atrás do Ânus para pegá-lo, “hat!” ... Uns eram vagarosos e não puderam alcançá-lo. Foi só a curica que conseguiu seguir o Ânus, pois era ligeira, “ap” ... Achou-o já perto do horizonte. E a curica foi atrás do Ânus até pegá-lo.

Depois ela o trouxe para o meio dos companheiros. E estes o mataram. Morto o Ânus, os homens o cortaram. Retalharam-no em pedaços pequenos e o distribuíram entre os homens e os bichos. Assim, por exemplo, o veado capoeira ganhou o seu ânus, idem o veado do campo, anta – todos os animais das selvas receberam seu ânus. Da mesma forma o macaco, o porco queixada, o caititu. Todos os bichos ganharam seu ânus. As aves e pássaros ganharam seu ânus. Aí então acabou a provisão de pedaços de Ânus.

Estando já para terminar a distribuição, veio ainda o sapo (rã) – ho - ho - ho – a reclamar:

– Cadê Ânus para mim?

– Não há mais – diziam os outros.

– Pois sim – respondeu o sapo (rã) resignado.

Contudo, havia ainda um pedacinho. Esse eles deram ao sapo jogando-o nas costas dele. E é por isso que o sapo e a rã têm o ânus sobre o dorso.

Por fim veio também uma espécie de enguia que se encontra somente nos rios ou igarapés das serras ou montanhas e a que os makuxis dão o nome de “karoí”.

– Olá, Ânus para mim! – dizia o peixe emergindo da água a meio corpo.

– Não há mais nada – responderam todos.

– Pois seja – retorquiu ele. Entretanto, ainda se achou um pedacinho restante. E esse atiraram-lhe com flecha acertando-lhe o pescoço. Por isso é que o peixe karoí tem o Ânus no pescoço.

14. Legend of the Anus

There existed a creature whose name was Anus. Some men went hunting and set up their camp. There they slept. Then Anus came and farted. He farted loudly, *bî-bî-bî-bî*.

“Take Anus!” he said.

Then he ran.

Once more he came back to fart. So the men returned to their homes and told their companions and all the animals about the appearance of Anus. All the animals heard the news and there were many of them. They were the field deer, the capoeira deer, the tapir, the anteater. As well many birds heard about it: the stork, the tuyutuyu, the jaburu, the cegonha, the maguari, the royal swan, the black-headed vulture, the red-headed vulture, the caracará hawk, the beauty hawk, the parrots, the galega dove, the padapada dove, the curica. All of them got together and went to the camp.

Then that creature Anus came along.

“Grab him!” said everyone present. “Grab him!”

The men made a great effort to catch him. He farted, *bî-bî-bî*.

“Take Anus!” he said.

All of them ran after him. The men, the deer, the birds - all the animals ran after Anus. But they did not succeed in catching him.

Afterward they returned to the camp. Anus came along again, as they had not been able to catch him. He farted more loudly, *bî-bî-bî*.

“Take Anus!” he said.

Then others ran after Anus to grab him, *hup!* Some were slow and were not able to catch up with him. It was only the curica bird that succeeded in following Anus, as he was very fast, *ap!* He found Anus near the horizon. And the curica went after Anus until he caught him.

He brought Anus to where his companions were gathered and they killed him. Once Anus was dead, the men cut him up. They divided him into small pieces and distributed the pieces among the men and the animals. So, now the capoeira deer had an anus, the same for the field deer, and the tapir – all of the animals of the woods received an anus. The birds as well were given an anus. So ended the supply of the pieces of Anus.

When the distribution was almost finished, the toad came along, saying, “Hoo-ho-ho.” He complained, “Where is my piece of Anus?”

“There’s no more left,” the others said.

“Well, okay,” said the toad, resignedly.

However, there was still a small piece of Anus left. This they gave to the toad, throwing it on his back. That’s why the toad and the frog have their anus on the back.

Finally a type of fish came along that is only found in rivers or streams in the mountains and which the Makushi call karoi.

“Hello, give some Anus to me,” said the fish, emerging halfway out of the water.

“There’s nothing left,” they all answered.

“Well, okay,” he replied.

Meanwhile a small piece of Anus was found left over. This they shot to him with an arrow, striking his neck. That’s why the karoi fish has its anus on the neck.

MAKUSI MOROPAI O'MA / MAKUXIS E ANIMAIS / MAKUSHIS AND ANIMALS

15. Ipepono pantoni

Wîri' wanî'pî; tînyo yakon yu'se tînyo pe. Sipî era'mai attî'pî. Tînyo yarî'pîiya itakon yu'se awanî ye'nen. Tînyo wîi yu'se awanî'pî.

– Enuku'kî! – ta'pîiya. – Sipî ye pona!

Itukapî ino'pîya. Enapî, aasamanta'pî.

Wîri' ennapo'pî itakon pia.

– Uwi kanan? – ta'pîiya.

– Sinporo iinîpî man.

Tîise pata ko'manapîpîiya. Penane pe attî'pî itakon tîrui iwai. Eporî'pîiya aasamantasa. Iwaramaporîpî mo'ka'pîiya. Itîrî'pîiya ka' pona. Manni sirikîyamî' ipepono ton pe itîrî'pîiya tîrui perîpî. Iratairîpî iwaramaporîpî imo'ka'pîiya. Yemenu'tî'pîiya ruku ke. Tuna kata imaiyarî kurutu pe etinkama'pî. Moropai emikku'pî.

– Wanyamî' era'mapî wai – ta'pî wîriya.

– O'non pata? – ta'pî irui no'pîrîpîiya.

– Seeni pata, sinpata! – ta’pîiya.

– To’ era’mai wîtînto’pe. To’ era’mai – ta’pîiya tîrui no’pîrî pî.

Takapi yepoi wanyamî’ wanî’pî. Moropai itukapîiya tîrui no’pîrîpî. Ewomî’pî takapi yai, tî’ ya’. Itakon eemikkupî tewî’ ta. Peretukupa pe wîri’eenapî. Inre peretuku pe, ite’sê aware.



Valter da Silva Cavalcante

15. Como apareceu no céu a constelação do Orion

Havia uma mulher que gostava do irmão mais novo do seu marido e o queria para si mesma. Um dia, então, ela foi buscar urucu (frutinhas da árvore

Bixa Orellana, que fornece a tinta encarnada) e levou seu marido consigo no intuito de matá-lo, porque queria o irmão mais novo dele.

– Trepá no pé de urucu – disse. Aí ela empurrou o marido de maneira que ele caiu e morreu. Chegando em casa, a mulher foi para junto do irmão do marido.

– Que é feito do meu mano? – perguntou este.

– Ele vem vindo da caça.

Entretanto, escureceu o dia. Na manhã seguinte, ele foi à procura do mano e achou-o já morto. Tirou uma sobancelha dele e a pôs no céu. Para se transformar na constelação do Orion (*ipeponó* em makuxi) é que pôs ali a sobancelha do mano mais velho. Tirou também a outra sobancelha. Essa ele pintou com a tinta preta do jenipapo e a colocou dentro d'água para ser o peixe surubim. Feito isso, regressou para casa.

Aí contou à mulher:

– Eu vi abelhas de mel.

– Onde? – perguntou a que fora esposa do mano mais velho.

– Lá, para lá – disse.

– Vamos buscar o mel! Vamos buscar o mel! – disse ele à que foi mulher do seu irmão mais velho.

As abelhas estavam num barranco. Aí ele empurrou a que fora esposa do seu mano. Ela entrou através do barranco dentro numa pedra. O homem regressou para sua casa, a saber, o mano mais novo. E a mulher virou sapo. Seu filho ficou sendo sapo de nome makuxi-monoikó: Warê.

15. How the Constellation Orion appeared in the Sky

There was a woman who liked her husband's younger brother and wanted him for herself. So one day she went to get urucu fruit, used to make red dye, and took her husband along with the intention of killing him.

"Climb up the urucu tree," she said to her husband. There she pushed him in such a way that he fell and died. Arriving back at the house, she climbed up beside her husband's brother.

"What did you do to my brother?" he asked her.

"He's coming behind, hunting."

Meanwhile the day grew dark. The next morning he went searching for his brother and found him already dead. He took one eyebrow and put it in the sky to create the constellation Orion, in Makuxi, *ipeponó*.

He also took the other eyebrow. This he painted with black dye from the jenipapo fruit and put it into the water, creating the surubim fish. Having done this he returned home.

There he told the woman, "I saw some honey bees."

"Where?" asked the one who had been the wife of the older brother.

"There, over there," he said. "Let's go get some honey! Let's get us some honey!" he said to the one who had been the wife of his older brother.

The bees were in a ditch. He pushed the one who had been his brother's wife into the ditch. From the ditch she fell into a hole in a big rock. The younger brother returned home. The woman turned into a toad and her son became the toad known as *warê* in Makushi and Monoikó.

16. Parawianyamî' pantoni

Parawianyamî' wanî'pî kanekon. To' erepamî'pî Karakarana kupî ka. Konoï pî to' wanî'pî moro. Moro'yamî' yeuka'pî to'ya. To' no'pî wanî'pî tuma pî. To' no'pîya iinî tîwatî tanne, tuma etîkotîkoma tanne, to' erepamî'pî.

– Wîtin eka'tunîn! – ta'pî to'ya.

– Ikupî woi. Amîrî siwinî, uurî sewinî uutî tanne, ikupî yarakkita pairî seponîto'pe. Tuma etîkoma tanne erepanîtope – ta'pîiya.

To' eka'tumî'pî ikupî woi, iporî'pî iwannikonya.

– Ikupî yarakkita pairî seporîto'pe – ta'pî tuyanîkon warantî.

Pata po to' seporî'pî. Inkamoro erepama'pî tuma etîkotîkoma tanne.

16. Mito de índios Paravianas

Os índios paravianas eram notáveis corredores ou andarilhos. Eles chegaram até o Lago de Caracaranã (*Paránaimî kupî*). Lá estavam pescando

de anzol. Puxaram peixes. As esposas estavam preparando a comida. Enquanto as mulheres deles firmavam as panelas e fervia seu conteúdo, eles chegaram.

– Vamos correr – diziam – em volta do lago! Tu por este lado e eu pelo outro, para nos encontrarmos no meio. É para nós chegarmos ao termo enquanto a comida ferve na panela.

Eles dois correram em redor do lago como bons companheiros.

– É para nos encontrarmos bem meio do lago – disseram, marcando assim o lugar ou ponto de se juntaram. E eles lá chegaram enquanto a panela ainda estava fervendo.



Valter da Silva Cavalcante

16. The Paraviana People

The Paraviana people were famous as runners and walkers. One day two of them arrived at Caracaranã Lake. They fished there with hook and line,

and caught a lot of fish. Their wives prepared a meal. While their wives were attending to the pot and their content was boiling, the men arrived from wandering around.

“Let’s race around the lake!” they said.

“You run on this side and I on the other, so that we meet in the middle,” said one.

“We’ll race one another while the food is cooking in the pot,” said the other. The two of them ran around the lake, about four kilometers in distance, like good friends.

“Our meeting place will be directly halfway around the lake,” they said, so indicating the place where they would join up. They reached that point, running, while the pot was still boiling.

17. Merukon pantoni

Pemonkonyamî’ wîtî’pî pena. Moro’ tîNSE to’ wîtî’pî. Inkamoro tîmî’pî to’ya. To’ yapisî’pî to’ya. Irineke pemonkonyamî’ wîrisimoko nîrî, tamî’ nawîrî. Inkamoroya moro’ potîrî po’ka’pî, kamakara tîtîNSE. Kamakara tîNSA po’ka’pî to’ya. To’ seukarî, moro’ suratîi. Moropai to’ entamo’ka’pî moro’ irintîsa, pusa’pî. Moropai pimi sorokapî to’ya tuna ka mureyamî’ya.

Moropai Mauri ekorema’pî to’ya. Moropai Mauri ekoremasa iipî’pî asitun pe meruntî ke. To’ yarî’pîiya asitunya tamî’ nawîrî: wîrisimoko, warayo’kon nîrî. Moropai inkamoro e’soroka’pî tuna kata. Mîrîrî seeni Tuna Meru ese ton tîppîtî’pî to’ya. To’ yekîn ena’pî, woroke ena’pî, mîrîrî ye’nen itese pe ena’pî Woroke Meru.

Sîrîrî winî to’ rupe ena’pî. Asitunya ima’pî, pîrîu ma’pîiya tuna ka: Pîrîu Sararu itese, to’ rupe enasa ye’nen. Moropai asitunya pakaruma ma’pî. Mîrîrî Pakaruma Sararu ta’to nîrî. Moropai wai ena’pî nîrî, to’ wairi: Wai Sararu ton nîrî esatî ton pe, itese ton itîrî’pî to’ya.

Moropai wîtî mo’ka’pî asitunya nîrî. Wayamuri to’ yekîn to’ yewî’ nekatapon. Yeuronka’pî to’ya tuna ka. Mîrîrî ye’nen esatî’pî to’ya seeni poro Waya Meruta. Wîtî yeuronkapî to’ya.

17. A origem dos nomes de cachoeiras do Rio Surumu



Maildes Soares Santana

Há muito tempo, os índios makuxis foram atordoar peixes com timbó. Eles os entonteceram e os apanharam. Eram muitos índios, homens, também mulheres, todo mundo. Eles flecharam o pai do peixe Tucunaré deixando-o atordoado. Flecharam tucunarés em grande quantidade. Depois saíram da água para moquear os peixes. Eles comeram peixes cozidos e assados. Feito isso, as crianças (os meninos) espalharam pimenta dentro d'água. Havia de ser dum poço do rio seco no verão, em que tinham colocado timbó e pegado os tucunarés e demais peixes. Dessa maneira, enraiveceram o mauri, o espírito protetor daquele poço do Rio Surumu. O mauri embravecido veio feito vento forte carregou toda aquela gente, mulheres, homens, todo mundo, e lançou-os dentro d'água.

Em seguida, o pessoal começou a dar nomes às cachoeiras do Rio Surumu. Numa cachoeira caiu a ave de estimação do pessoal, um papagaio. Por isso tal cachoeira ganhou o nome de “Cachoeira do Papagaio”, aliás

“Salto do Papagaio”. Mais para cá caiu uma flecha dentro d’água e o respectivo salto obteve o nome de “Cachoeira da Flecha”. Depois o vento forte fez cair n’água uma daruana (espécie de bolsa feita de folha de buriti), daí chamar-se o salto correspondente de “Cachoeira da Daruana”. Noutro ponto do rio caiu um balde, uma cabaça grande, visto a gente lhe dar tal nome.

Depois o vento forte arrancou também uma casa. A ave de estimação ou criação do pessoal estava no topo da casa. As pancadas do vento afundaram a ave na água. Em consequência apelidaram o lugar de “Boqueirão da Arara Canindé”. As pancadas do temporal afundaram a casa.

17. The Origin of Waterfall Names of the Surumu River

A long time ago some Makushi natives went to stun fish with poisonous vines. They stunned them and caught them. Many people went, men, women also, everyone. They stunned the fish and used arrows to shoot the father of all fish, the tucunaré. They killed a great quantity of tucunaré. They took them out of the water to grill them and then ate the cooked, roasted fish.

After finishing the meal, the children scattered hot pepper on the water of the pool left by the drying of the river in the summer heat. This enraged the mauri, the protective spirit of that water pool located on the Surumu River. The angry mauri appeared as a strong wind. It carried off all the people – children, women, and men – and threw them into the water.

It was after this event that the people began to give names to the various waterfalls of the Surumu River. At one waterfall, someone’s pet parrot fell in, and so the rapid was named Parrot Falls, or rather, Parrot Jump. Further on, an arrow fell into the water and that fall was named Arrow Waterfall. Then the strong wind blew a buriti straw basket into the water and that place was given the name of Basket Falls. At another point in the river, a big gourd bucket fell into the river, and the people called the place Bucket Falls.

Next the strong wind uprooted a house. The family’s pet arara bird was on top of the house. The gusts of wind blew the arara bird into the water, and so the people nicknamed the place Arara Point. The wind storm also sank the house.

18. Wai pantoni



Valter da Silva Cavalcante

Pemonkon wani'pî. Saakînankon warayo'kon wîrisi yarakkîrî sepamî'pî. Mîikîrî ko'mamî'pî to' kore'ta. Mîi pî esenyakama'pî, iwan pe si'ma, ito pra si'ma. Mîi yapai temikku'pe konoî pî attî'pî moro' po'kai iwîti kauwîrî. Tîise moro' ton pra iwîti wani'pî. Mîikîrî emikku'pî moro' ton pra. Pemonkon mîikîrî piasan. Mîikîrîya temikku pe wai eporî'pî iwîtiyamîta, kurene pu'kuru wai wani'pî. Wai eporî'pîiya moro'yamî' yen. Mîikîrî esenuminka'pî:

– Î' wani non sîrîrî wai? Anî'kan yen sîrîrî? – ta'pîiya.

Moro'ya: – poko – ta'pî wai ya'.

Mîrîrî pî:

– Anî'kanse insemoro waiyawonkon? – ta'pîiya.

Mîikîrîya wai apisî'pî inta pî. Iratî'pîiya pakîne. Mîrîrî aima epa'ka'pî wai yapai saakîne. Wai irumaka'pîiya. Mîikîrî emikku'pî tewî' ta moro'yamî' yarakkîrî. Tuma pî ino'pî wani'pî. Mîikîrîya:

– Entamo'kanîkon, yaako! – ta'pîiya itesetonon pî.

Itesetononya:

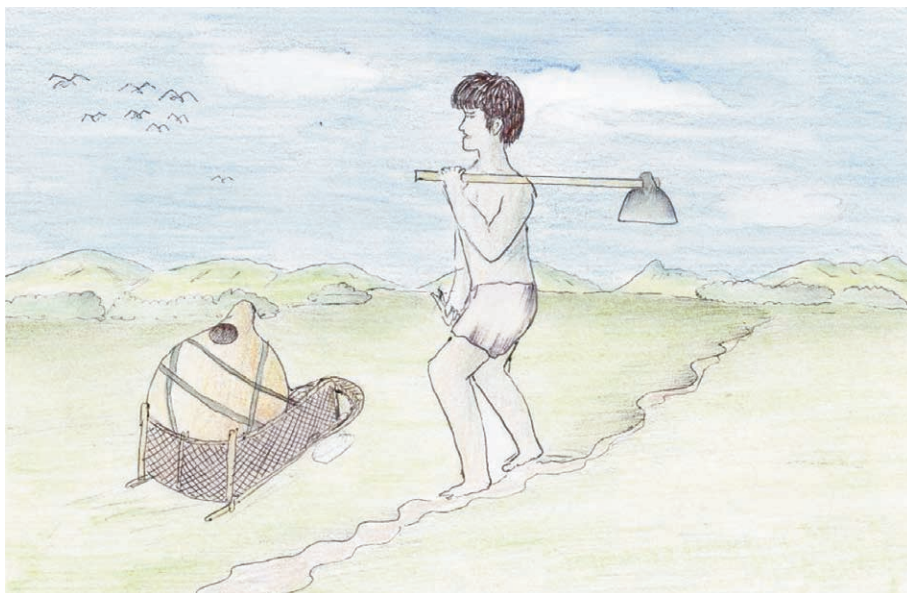
– O’non pata aneporí’san moro’yamî’, yaako?

– Iwîti ka – ta’pîiya.

Innîrî attî’pî mîi ya. Moropai mîrîrî tîpo emikku’pî moro’ poka pe.

To’sîrî attî’pî wai ponarî. Mîikîrîya wai iratî’pî:

– Poló – poló – poló – moro’yamî pa’ka’pî mia taikin: kamakara, paya, kurutu, kamîta, waita epa’ka’pî.



Valter da Silva Cavalcante

Emikku rî tewî’ ta. Tuma pî ino’pî wanî’pî. To’ yenpoiya rî:

– Tumanîkon! Entamo’kanîkon! – ta’pîiya itesetonon pî.

Mîrîrî pî itesetononya ta’pî:

– O’non pata moroyamî’ iporî’pî nan, yaako? – ta’pî to’ya.

– Iwîti ka’pî – innîrî ta’pî tîuya warantî.

Ikareme’kîiya pepîn to’ pî. To’ iwa’putî’pîiya.

Mîrîrî warantî rî wei kaisarî moroyamî’ mi’nîpîti’pîiya wai yawonkon.

Tîise itesetonon esenuminka’pî takon yarakkîrî:

– Iwanmîra iteseru era’mapainîkon man! O’non ye’ka pe moro’yamî popîtiya nai?

Mírírî ye'nen mîi ya itesetonon wîtî'pî iwenairî, ikanaimîti – itese wîtî'pî; iwamara tera'mai pra ama pe ikanaimî tî'pîiya. Mîi ya tesenyakamato ya' attî'pî kanan, moroyamî' era'ma pe. Tîise nîri ikanaimîtînen wîtî'pî iwenairî iteseru era'mai. Mîikîrî erepama'pî wai pia. Mîikîrîya wai iratî'pî kanan. Moroyamî' epa'ka'pî nîri kanan. Mírírî yai tu'ke panpî to' epa'ka'pî iteseya era'ma tanne iwamara. Emikku'pî. Tu'ke moroyamî' mi'nîpî'pîiya, mîrîrî yai tîwinano'pî wei yai. Mîikîrî no'pîya moroyamî' îrintîpîti'pî kanan. To' yempo'pîiya. Moropai tesetonon yanna'pîiya tuma pona. Mírírî yai:

– O'non pata moro' eporî'pî nan?

Taiya pra itese wanî'pî. Moo awanî'pî era'ma'sa tîuya ye'nen.

Mírírî penane pî mîi ya' itese wîtî'pî kanan. Mîikîrî pata'pîya to' seta'pî takon yarakîrî. Wai yawonkon kanan moro'yamî' enepîti yaakoya manni:

– Maasa, to' era'mai! – ta'pîiya.

Inkamoro wîtî'pî: moroyamî' era'mai to' wîtî'pî wai yawonkon. Mîi ya tesekon wîtî'pî patapîya. Inkamoro erapama'pî wai pia:

– Seeni wai yawonkon kanan moro'yamî' yapîtiya manni – ta'pîiya takon pî.

– Inna pe – tukú- tukú- tukú – ta'pî moroyamî'ya wai ya'.

– Maasa, anî'kan era'ma pai man, moo?

Mîikîrîya wai apisi'pî. Iratî'pîiya irawoika'pîiya ta'pîise, tîise to' eporîtîpon warantî pra, eporî to'ya pepîn.

Meruntî ke moroyamî' epa'ka'pî itenyapai. Wai tarîkapî:

– Tun - tun - tun - tun - tun - tun – tuna tiikîmî'pî.

Aasatî pra, awetîka pra tuna epa'ka'pî wai yapai, kurenan wai yapai. Ipîra tamî'nawîrî pata yeuronka'pîiya tuna ya'. Seewani sîrîrî tonpe moro'yamî' taatî'pî pata ya' pata po. Seewani moro'yamî' tonkon seporî'pî.

18. Mito do balde milagroso

Havia um homem casado. Na mesma casa viviam dois outros homens casados com suas respectivas esposas. Eles eram cunhados do primeiro. Este vivia no meio deles. Ele trabalhava na roça. Passava fome porque não tinha nem carne nem peixe para comer.

De volta da roça foi ele um dia pescar de anzol num igarapé e também apanhar peixes de flecha, mas não havia ali peixes. Assim sendo, voltou para

casa sem peixe nenhum. Era ele pajé. Ao regressar à casa encontrou no meio duma baixa um balde pesado. Neste balde ou jamaru havia peixes. O homem ficou imaginando e pôs-se a pensar dizendo:

– Que será deste jamaru? Que haverá dentro dele?

Aí o balde emitiu um som. Era como se dissesse: pocó - pocó - pocó.

Então disse o homem:

– Quem serão os habitantes deste jamaru?

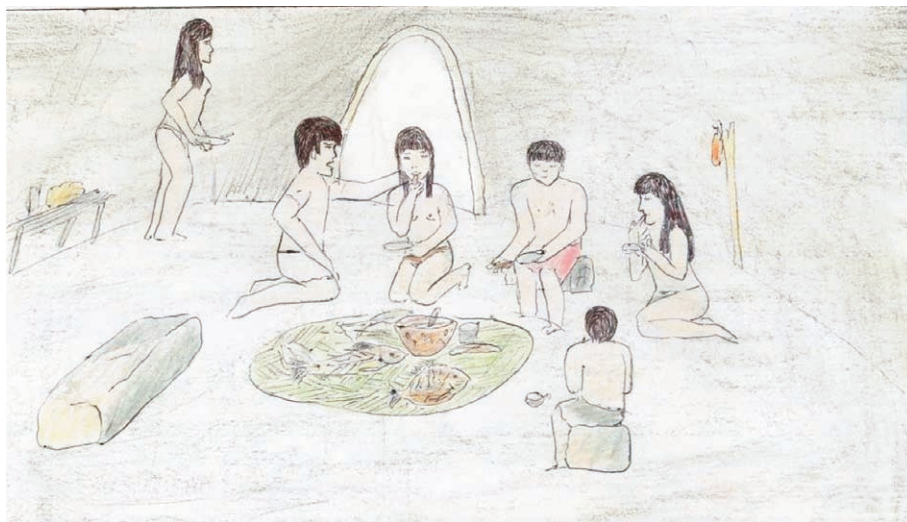
E dizendo isso, pegou o balde pela boca e deitou-o um pouco de banda. Aí saíram de dentro dele dois aimarás. O homem largou o balde e voltou para casa com os dois peixes.

– Vamos comer peixe! – disse ele para os seus cunhados.

Estes perguntaram:

– Onde tu encontraste esses peixes, cunhado?

– Onde havia de ser? Naturalmente foi no igarapé.



Valter da Silva Cavalcante

No outro dia, o índio foi novamente para a roça. Depois do serviço, voltou a flechar peixe. Foi direito pra o lugar do balde. Entornou a jamaru um pouco: pólo - pólo - pólo – e saíram cinco peixes: tucunaré, piradirá, surubim, curimatã, pacu. Levou-os para casa. Sua esposa então preparou damurida de peixe. Depois botou a panela no chão.

– Vamos à damurida, vamos almoçar peixe! – disse o índio para os cunhados. A isso responderam os cunhados:

– Onde tu encontraste esses peixes, cunhado?

– Naturalmente no igarapé – respondeu ele como da vez anterior. Não contou a eles como os achara, sonegando-lhes a verdade.

Quando o índio veio pela terceira vez trazendo peixes provenientes do balde, os cunhados pensaram que tinha nisso algo estranho, dizendo o irmão mais velho para o mais moço:

– Vamos espiar o jeito dele sem ele dar pela coisa. Vamos ver de que maneira ele pega os peixes.

Por isso os cunhados foram seguindo o pajé quando este se dirigiu para a roça. Eles foram às escondidas sem que ele desse por sua presença. Terminado o trabalho da roça, foi o pajé buscar peixes como já de costume. Os cunhados foram atrás dele a espiá-lo. O pajé chegou junto do balde e entornou-o de leve. Outra vez saíram peixes, agora em maior número. Os cunhados viram isso sem que o pajé notasse. Este regressou para casa levando uma porção de peixes. Foi a última vez. Foi também o derradeiro dia do verão (tempo seco). A mulher dele cozinhou os peixes e pô-los no chão para a refeição. Então o homem chamou os cunhados para o almoço. Desta feita, os cunhados não perguntaram mais onde ele achou os peixes, porque eles mesmos estiveram lá vendo-o.

Na manhã seguinte, os cunhados foram também para a roça. Então os dois irmãos conversaram um com o outro:

– De certo o cunhado vai trazer outros peixes daquele balde. Espera, vamos lá ver!

Eles foram ver os peixes que estavam dentro do jamaru.

– É, ele leva sempre peixes deste balde – disse o mais velho.

– É verdade – respondeu o mano mais velho.

Dentro do balde os peixes faziam soada: tucú - tucú - tucú.

– Espera, quem será? Deixa-me ver, mano!

Então ele pegou no jamaru e entornou-o, mas não jeitosamente como o fizera o cunhado pajé. Os peixes saíram impetuosamente. O balde escapuliu e a água correu: tun - tun - tun - tun - tun - tun

A água derramou pelo chão continuando sair do balde sem parar. Dessa maneira espalharam-se os peixes, pois a água alagou a região toda. Assim aconteceu, encontraram-se peixes em todo mundo e os homens puderam achá-los por toda parte.

18. The Magic Bucket

Once there was a married man. In the same house lived two other men, each with his wife. They were brothers-in-law of the first man. The man lived among them and worked in his cassava field. He was always hungry, since he had no game or fish to eat.

One day when he came back from the field, he went off to fish at a small stream with a fishing pole and with arrows, but there were no fish. And so he took off for home without any fish. The man was also a shaman. On his way back home, he found a very heavy bucket at the bottom of a hollow. The man began to imagine and to think. He said, "What is this bucket? What can be in it?"

At this the bucket made a sound. It was though it said, "*Pokó, pokó, pokó.*"

Then the man said, "What beings live in this bucket?"

So saying, he grabbed the bucket at the top and tilted it a bit to the side. Two aimara fish fell out of it. The man let go of the bucket and went home with the two fish.

"Let's eat fish!" he said to his brothers-in-law.

They asked him, "Where did you find the fish, Brother-in-law?"

"Where do you think? It was in the stream, of course."

The next day the man went to his field again. After his work he took off to catch fish. He went directly to the place of the bucket. He leaned the bucket over a bit - *pólo-pólo-pólo* - and five fish fell out: a tucunaré, a pirandirá, a surubim, a curimatan, and a pacu. He took them home. His wife prepared a fish and pepper stew, and put the pot on the ground for the meal.

"Let's have some pepper stew! Let's have fish for lunch!" the man said to his brothers-in-law.

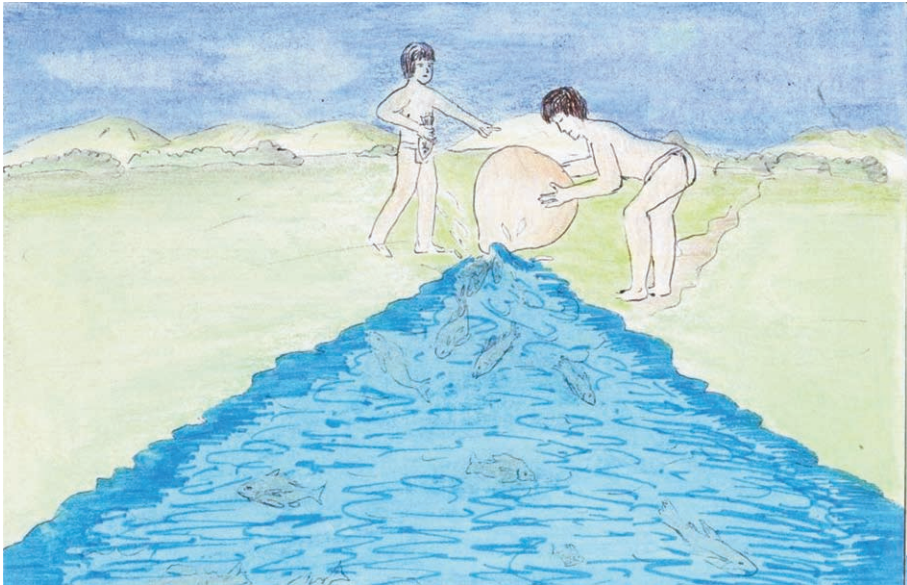
At this the brothers-in-law responded, "Where did you find these fish, Brother-in-law?"

"In the river, naturally," he answered as he had the previous time. He did not tell them how he found them, concealing the truth from them.

When the man came the third time, bringing fish that fell out of the bucket, the brothers-in-law thought there was something strange about it and the older brother said to the younger brother, "Let's spy on him without him knowing. Let's find out what way he is catching the fish."

So the brothers-in-law followed the shaman when he went to his cassava field. They went in secret without him being aware of their presence. When he finished his work, the shaman went to get some fish as he was accustomed to do. His brothers-in-law went behind him to spy on him. The shaman got to the bucket, he leaned it over slightly. Once more fish slid out, this time in a great number. The brothers-in-law saw all this without the shaman knowing.

The shaman took off for home, carrying the great number of fish. It was the last time. It was also the last day of summer dry season. His wife cooked the fish and placed the pot on the ground. Then the man called his brothers-in-law for lunch. This time the brothers-in-law did not ask where he found the fish for they had seen it for themselves.



Valter da Silva Cavalcante

The following morning, the brothers-in-law also went to the cassava field. The two brothers conversed with one another. “For sure, our brother-in-law will bring more fish from that bucket. Wait, let’s go see!”

They went to see the fish that were in the bucket.

“Yes, he always gets fish from this bucket,” said the older brother.

“It’s true,” said the younger brother.

From inside the bucket the fish made a sound, *tukú-tukú-tukú*.

“Wait, what can it be? Let me see, brother!”

Then he grabbed the bucket and turned it over, but not in the careful way that his brother-in-law the shaman did. The fish fell out in a hurry. The bucket slipped away and the water ran out, *tun-tun-tun-tun-tun-tun*.

Now the water spread over the ground, flowing from the bucket without stopping. The water flooded the whole region and all the fish escaped. So it happened, and that’s why fish are found throughout the whole world and people can find them everywhere.

19. Si’ mipî pantoni

O’makon wanî’pî moro, Si’ mipî meru ponkon. Inkamoro kore’ta pemonkon wîtî’pî piasan. Simerikî mure yarakkîrî to’ wîtî’pî. Ma’ pikai to’ wîtî’pî.

– Maasa, awapu pe wanî tanne ma’ pikai! – ta’pîiya mure pî.

Moropai eerepamî’pî. Eerepamî’pî Si’ mipî meru pona. Irineke Si’ mipî meru ponkon wanî’pî: o’makon, kanaimîyamî’, yapoironkon, poitomayamî’, Ataitaiyamî’ nîrî. Tamî’ nawîrî o’makon kore’ta to’ erepamî’pî. Mure e’nîmî’pî poro po, iyun erepamî tanne. Iyun eseuruma tanne, poro po ma’ pikai mure eeseratî’pî. Moropai wîtî ta wonkonya ma’ pika mureya era’ma’pî.

– Ka’ranya ma’ pikapî man – ta’pî to’ya.

Moropai:

– Tîwînîsi! – ta’pîiya. Iyun emî’sa’ka’pî. Ma’ ya’ marika’pîiya non pona mureya. Itena’pî yanumî’pîiya, ma’ enapî. Mure eka’tumî’pî. Mîikîrî pîkîrî iyun emikku’pî. Mîrîrî pîmî’pî to’ya mîi ya’. Mîrîrî aro’ta’pî sîrîrî ton pe, seeni wai pe; penaronkon ton pe arota’pî. Si’ mipî meru ponkon ma’ yenapî arota’pî. Tamî’ nawîrî pemonkonyamî’ wai ye ton pe.

19. Mito da catarata de nome Xi’ mipî

Havia lá junto à catarata Xi’ mipî uns bichos, índios selvagens, como moradores. Um makuxi, por sinal pajé, foi lá ter com eles. Foram lá, ele e um

menino pequeno, seu filho. Eles foram a fim de colherem cabaças. O pajé disse ao menino:

– Espera, colhe cabaça enquanto te estão vigiando.

Então, eles dois chegaram à catarata Xi'mipî. Os moradores de lá eram muitos, canaimés, poitomás, índios selvagens da mata geral, também curupiras. Os makuxis chegaram no meio desses bichos todos. O menino ficou do lado de fora enquanto o pai falava com os moradores. O menino do lado de fora avançou a colher cabaça. Os que estavam dentro de casa viram o menino colher cabaça.

– Um estranho colheu cabaça – disseram.

Então disse o pai:

– Deixa isso! – e levantou-se. O menino rachou uma cabaça sobre o chão e apanhou as sementes de cabaceira. Depois correu. O pai foi atrás dele e ambos regressaram para casa. As sementes eles plantaram na roça. As sementes brotaram e cresceram para serem cuias e cabaças. As sementes trazidas da cabaceira da catarata Xi'mipî brotaram para darem cuias e baldes para serventia dos makuxis.



Isaac da Silva Rennês

19. Legend of the Shi'mipî Falls

There near the Shi'mipî Falls lived some monsters. Really, they were wild people. Once a Makushi, a shaman, went to visit them. He and a small boy, his son, went there. They went with the idea of getting some gourds. The shaman said to the boy, "Wait, go collect some gourds while they are watching you."

So the two of them arrived at Shi'mipî Falls. The inhabitants there were many: kanaimês, poitomás, wild people from the inner jungle, and even ogres.

The Makushis arrived in the middle of all those beasts. The boy stayed on the outside while his father went to talk to the inhabitants. The boy began to collect gourds. Those who were in the house saw him gathering gourds.

"A strange person is collecting gourds," they said.

So the father said, "Leave him alone!" and he got up.

The boy split a gourd on the ground and gathered the seeds of the gourd. Then he ran. The father ran after him and both of them returned home. They planted the seeds in their cassava field. The seeds sprouted and grew into pumpkins and gourds. The seeds they brought from Shi'mipî Falls sprouted to provide pumpkins and gourds for the use of the Makushi people.

20. O'ma kuwai ye yepotorî pantoni

Kuwai ye wanî'pî o'ma pe nîrî. Mîikîrî kinî tîise, pemonkonyamî' awomî'pî:

– Mîrîrî yai erepamîn pasitî! – ta'pî to'ya tîno'pîyamî' pî, tamî'nawîrî tîno'pîyamî' pî.

Inkamoro, ino'pîrîsanya parakari koneka'pî; wo' koneka'pî. Mîrîrî inîise o'ma kuwai ye epotîrî iipî'pî, awomîsan patapî ya'. Aaipî'pî o'ma, kuwai ye yepotîrî. Tîmananun pe aaipî'pî. Mîikîrî pasitî pî, wo'pîtî'pî to'ya. Wo' yenoma tîpo, emikku'pî o'ma kuwai ye yepotorî. Moropai eputî to'ya pra awanî'pî pemonkon ka'ima. O'ma kuwai yepotorî neno'ma'pî patapî ya' tiaron wo' parakari koneka'pî to'ya.

Tiwin wei ako'mansa tanne o'ma etimí'pî. Mîikîrî iipî'pî tîmananun pe nîrî. Mîikîrî pasitî pî nîrî to'ya, wîri'somokoya. Iwo'pîtî'pî to'ya nîrî. Kasiri etíkasa ye'nen o'ma emikku'pî.

Moropai wîri'samoko senuminka'pî:

– Anî'se iipîtî mîrîrî? Maasa, era'ma pai man iwamara. Innî aaisa ya, era'ma, eemikku era'ma iwamara.

Moropai o'ma nenoma'pî pata'pî ya tiaron wo' koneka'pî to'ya. Aminke pra awomîsan erepamîn tanne, o'ma se etimí'pî, kuwai ye yepotîrî. Penane marî aaipî'pî. Awomîsan iipî tanne aminke panpî to' yamonîkî'pî o'maya. Eerepamî'pî timananun pe nîrî. Mîikîrî pasitî'pî to'ya wîri'somokoya. Mîikîrî manunu'pî teesemita pai, awomîsan iipî epusaiya. Mîikîrîya wo' yenoma'pî teesemita pai. Moropai wo' yenoma'pîiya tamî'nawîrî.

Moropai wîri'somoko epaka'pî emikku era'mai:

– O'non patawon se iipîtî mîrîrî? – taa tîpo era'ma'pî to'ya.

Moropai kuwai ye arapana:

– Inna warî, inna warî, mîikîrî iipîtî mîrîrî! ta'pî to'ya wîri'somokoya.

Era'ma tîpo to' ewomî'pî umîi ya'. Moropai kasiri irintî to'ya tanne awomîsan erepamî'pî:

– Ka'nepe uwopakî, wa'nî!

– Kaane, wo' ton pra man. O'maya yenoma'pî. Kaane tauya tanne o'maya awukukon yenomapîtî'pî!

– O'non mîikîrî mîtope?

– Mîikîni! – ta'pî to'ya.

– O'ma kuwai ye yepotîrî kinî. Eputî annaya pra tîise aaipîtî'pî wo' nîse. Tîise í ton pra wo' yenomapîtîiya ye'nen anna senuminka'pî *O'non pata wonse iipî tî mîrîrî mîtope?* ta'pî annaya. Moropai emikku era'ma'pî annaya. Awekonekarî seeni kuwai ye arapana nîrî. Mîikîrî kinî, o'ma kinî. Mîikîrî tonpa yentai manni.

– Inna, iwîi uutî sîrîrî – ta'pî to'ya.

Iwîi to' wîtî'pî. Wa'ka yarî'pî to'ya yatîi. Yatî'pî to'ya kusan tonpa yentainon. Moropai yatîsa yenumî'pî to'ya. Awentaima'pî:

– A- a- a- – kusan pe.

Mîrîrî yuku'pî itonpayamî'ya. O'ma mîikîrî kuwai ye yepotîrî. Mîikîrî maimu yuku'pî itonpayamî'ya:

– Lînta wîsa to'ya man – ta'pî itonpayamî'ya.

– Lînta wîsa to'ya man – taa o'makonya ye'nen tiaron pemonkon ekatumî'pî, eepe'pî mîrîrî.



Maildes Soares Santana

Moropai o'ma yatisa ye'mai aaiip'pi, tiaron o'ma, pemonkon epe tanne. Itekare ton pe panton pe siriri o'ma wipi to'ya, ekaremeki ton pe atti'pi, eepe'pi. Miikiri epesa tanne o'makon iipi'pi. To' yenoma'pi o'maya.

Tami'nawiri kuwai ye etinkama'pi o'ma pe. Awentaimapiti'pi o'makon iipi'pi:

– Linta wisa to'ya man.

To' iipi'pi o'makon. To' yenoma'pi o'makonya. Miriri ye'nen to' yenomapi to'ya tami'nawiri. Tami'nawiri to' yewi' yapairi. Moropai miikiri epe'piya karemeki'pi:

– O'makon inkamoro kuwai yekon – ta'piya.

– Era'maki anna wuku yenomaisaiya ye'nen, anna nati'pi wenai, anna yenoma'pi o'makon netike, kuwai yekon yamii eetinkama'pi o'makon pe. Siriri pantoni iton pe epe'pi, ekaremeto ton pe, siriri panton.

20. Mito do pai dos buritis

A palmeira buriti era também um ogro. Sendo ela isso, uns homens foram caçar. Antes disseram às mulheres:

– É hoje o dia de se alinharem como damas para a dança.

Assim diziam a todas as mulheres. Elas, as esposas deles, fizeram pajuaru, fizeram bebida. Para beber isso veio o bichão, o ogro pai dos buritis, no lugar dos caçadores. Veio o bichão, o pai das palmeiras buritis. Ele veio para dançar. A ele acompanharam como damas as esposas dos caçadores e as filhas deles. As damas deram de beber ao ogro. Após ter engolido o caxiri, regressou o ogro, o pai dos buritis. A gente ignorava quem era pensando ser gente também. O bichão, pai dos buritis, bebeu também outra qualidade de caxiri, a saber, o pajuaru, que as mulheres tinham preparado.

O bichão passou o dia todo se embriagando. Mas veio também para dançar. As mulheres serviram-lhe também como damas. Elas lhe deram também bebidas. Porque acabou a bebida, o ogro regressou para o lugar dele. Depois a mulherada pensou:

– Quem será este que vem sempre? Espera, vamos ver a revelia dele! Quando ele vier novamente, vamos ver, vejamo-lo regressar sem ele saber.

Mais tarde o bichão engoliu outro caxiri que as mulheres fizeram. Enquanto os caçadores estavam para chegar, já perto, o bichão, pai dos buritis, se embriagou. Enquanto os caçadores vinham, o ogro os precedeu. Chegou também para dançar. As mulheres o acompanharam como parceiras. Ele dançou com pressa sabendo virem os caçadores. Ele engoliu apressadamente o caxiri, bebeu-o todo. Depois o mulherio saiu para vê-lo regressar para a casa dele.

– De que lugar será que ele sempre vem assim?

Após dizerem isso, elas viram que era do meio dum buritizal que vinha.

– É verdade, ele costuma vir mesmo dali – disseram as mulheres.

Tendo o visto, as mulheres entraram na roça. Mais tarde, enquanto elas cozinhavam caxiri, chegaram os caçadores. Um deles disse:

– Depressa, dá-me de beber, titia.

– Não – respondeu sua tia.

– Não há caxiri, porque o bichão engoliu tudo. No que eu disse 'não', o bichão engoliu o caxiri preparado para vocês.

– Qual é ele então?

– É aquele pai dos buritis. Mas não há mais bebida, porque ele engoliu todo e nós ficamos cismadas a imaginar de que lugar ele vem – disseram as mulheres.

– Depois nós o vimos regressar para o lugar dele. Ele guarda esse buritizal ali. Ele é o tal, é um ogro, um bichão; é mais forte do que os parentes.

– Vamos então matá-lo! – disseram os homens, os caçadores.

Eles foram embora para matá-lo. Eles levaram machados para cortar. Eles cortaram o pé de buriti mais comprido que os outros. Eles o derrubaram. O buriti tombou gritando por muito tempo: a - a - a - a - a - a. A isso responderam os companheiros. Aquele era o pai dos buritis. A ele responderam os parceiros, os buritizeiros.

– Mataram nosso chefe – disseram os companheiros do buritizal.

É porque eles disseram “mataram nosso chefe”, os homens correram, outros fugiram. Um deles fugiu para dar notícia do acontecido. Entretanto os outros buritis diziam:

– Já nosso chefe entrou na terra, já entrou na terra. Quando os bichos disseram isso, os homens correram, fugiram. No que eles fugiram, veio outro bichão vingar o que fora cortado, enquanto os homens fugiam e corriam. Todos os pés de buriti se transformaram em bichos, em ogros que engoliram os homens, exceto o que fugiu para dar notícia do desastre. Os bichos buritis diziam:

– Eles veem morto nosso chefe Lentá.

Por isso eles engoliram os homens quase todos.

Depois, aquele que conseguiu escapar fugindo contou como foi:

– Aquelas palmeiras buritis são bichões – disse ele. Veja: porque o ogro, o bichão grande, tinha engolido nosso caxiri, nós o cortamos e atrás vieram os buritis metamorfoseados em ogros. Esses bichos engoliram meus companheiros e parentes.

Só um dos homens conseguiu fugir para contar esta estória.

20. The Father of the Buriti Palm Trees

The buriti palm tree was a monster. Because of this, some men went hunting for it. First they said to their wives, “Today is the day to prepare yourselves as ladies of the dance.”

This they said to all the women. These, their wives, made pajuaru and cassava beer. The big beast, the monster father of the buriti palm trees, came to drink the pajuaru at the hunters' place. The big beast came, the father of the buriti palm trees. He came to dance. The hunters' wives and their daughters accompanied him. The ladies gave the ogre lots to drink. After drinking the cassava beer, the monster, the father of the buriti palm trees, went back home. The people didn't know who he was; they thought he was human too. The big beast, the father of the buriti palm trees, also drank another type of cassava beer, that is, pajuaru drink, prepared by the women.

The beast spent the whole day drunk. But he also came to dance. The women served him as ladies of the dance. They also gave him lots to drink. When there was no more to drink, the monster returned to his home. Then the women thought, "Who can this be, who always comes along? Wait, let's see where he goes! When he comes again, let's go see, let's follow him without him knowing."

Later, the beast swallowed another gourd-full of cassava beer which the women had made. The beast, father of the buriti palm trees, got drunk. When the hunters were about to arrive, very nearby, the monster hurried ahead of them. He came to dance. The women accompanied him as his partners. He danced hurriedly, knowing that the hunters were about to arrive. He drank the cassava beer quickly; he drank it all. Then the group of women went out to see him return to his home.

"What place does he come from, anyway?"

Once they said that, they saw that he came from the middle of the clump of buriti palms.

"It's true, he usually comes from that direction," said the women. Having seen him, the women entered the cassava field.

Later, while they were preparing caxiri beer, the hunters arrived. One of them said, "Quick, give me something to drink, Auntie."

"No," answered his aunt. "There's no caxiri beer because the big beast drank it all. In the time I took to say no, the beast swallowed all the caxiri beer prepared for you."

"What is he, anyway?"

"He's that father of the buriti palm trees. But there's no more drink because he swallowed it all and we were left guessing where he came from,"

said the women. "Afterwards we saw him return to his spot. He lives in the clump of buriti palms over there. He's like that, an ogre, a big beast. He's stronger than our whole group!"

"Let's kill him!" said the men, the hunters.

They took off to kill him. They took axes to cut him down. They cut down the buriti palm tree which was taller than the rest. They took it down. He fell, crying out for a long time, "Ah-ah-ah-ah-ah-ah."

At this, his companion buriti also cried out. The one felled was the father of the buritis. His partners, the buritis, answered him. "They killed our chief," said the companions of the buriti grove.

Meanwhile the other buriti palms trees said, "Our chief has already entered the earth, already he is in the earth."

Since the beasts were saying this, the men ran, indeed they fled. While they were fleeing, another beast came to seek revenge for the one cut down. All of the buriti palm trees transformed themselves into beasts, into monsters that swallowed all the men, except for one man who escaped to tell news of the disaster.

The buriti palm beasts said, "They killed our chief Lentá." For this reason they swallowed the men, almost all of them.

Then the one that escaped told how it happened. "Those buriti palm trees are beasts," he said. "See, because the monster, the great big beast, drank up all our cassava beer, we cut him down. Afterwards the buriti palms came, transformed into monsters. Those beasts swallowed our companions and relatives."

Only one of the men succeeded in fleeing to tell the story.

INSIKIRAN, ANI'KE MOROPAI MAKUNAIMÎ / HERÓIS MAKUXIS / MAKUSHI HEROES

21. Insikiran pantoni

Wei esonomî'pî, akare nîmîse. Wei wîtî'pî tîmosiri era'mai. Î' ton pra wanî'pî. Moro'yamî' ton pra wanî'pî. Moropai wei emikku'pî tewî' ta. Moropai attî'pî ewaron ya akare iwa'se. Aaipîrî akare. Wei esononsa ya, akare

nîmî'kî'pî. Aaipîrî akare. Moropai yapisî'pîiya; yanpo'pîiya. Moropai inta yenkaramopîiya; inu ya'tî'pîiya. Moropai:

– Ma'tîi! – taiyarî akareya.

Mia taikin wei tîko'manse aako'mamî'pî. Moropai attî'pî iipia, akare pia. Maasa, emaipe, non kupî'pîiya tensi ton, akareya wei no'pî ton. Moropai yarima'pîiya tuna era'mai, akareya tensi yarima'pî. Enna'pî tuna kata. Aamamî'pî, non kusaiya amamî'pî. Moropai maitîkin kupî'pîiya, moronpî itakon pe. Yarima'pîiya tuna era'mai. Tuna inepî'pîiya. Moropai:

– Apo' ipotî'kî, manon! – ta'pîiya akareya tensi pî.

Apo' potî'pîiya. Moronpî awita'pî, apo' potîiya tanne.

Moropai akare esenuminka'pî. Tu'ke ikupî'pîiya; moronpî, maitîkin, non, innî. Moropai pemonkon pe enna'pî akare yensi pe. Tuna inepî'pîiya, apo' ipotî'pîiya. Moropai wo'pî awanî'pî: parakari ewontî'pîiya, mia taikin wei aako'mamîrî. Moropai wei iipî'pî iipia.



Isaac da Silva Rennês

Moropai inretí'pî weiya; yenpopîiya, akare yensi mure tí'saiya. Saakîne to' yenpopîiya. Sepíkírî to' ena'pî. Moropai to' nîmî'pî weiya:

– Tarî e'tî! Penane tíko'manse, uyepose matítîi! – ta'pîiya.

Moropai uye'marî seeporo, seewanni uye'marî to'sírî. Siuwani manni oma'kon ye'marî – ta'pîiya.

Wayara yaukî patatí'pîiya te'marî ta. Aako'mamî'pî tiwin wei. Moropai ataponka'pî, wei epose.

– Aasenîkon! – ta'pîiya tímuku pî. – Paapa' pia wítîn painîkon!

Paapa' ta'pîiya akare pî. Attîrî; attí'pî. Mîrîrî wayara yaukírî'pî patatîsaiya. Eerepamírî iipia, wayara yaukírî'pî pia.

– O'non paapa' ye'marî? – ta'pîiya tímuku pî.

Imukuyamî' see píkírî. Attí'pî o'makon ye'marî ta'. Tînyo ye'marî puremîkî'pîiya. Aminke pra o'makon yewî' eporí'pîiya. Imukuyamî' ewomî'pî iro'ta ya', o'makon pe wanî ye'nen. Eerepama'pî iipia, tíro'ta ya' to' tíise, pîretukupia pia.

– Moro nan, ko'ko? – ta'pîiya.

– Inna – ta'pî pîretukupaya.

– Uyamî era'makî! – ta'pîiya.

– Insenan yankî! – ta'pîiya.

Insenan maiyamî, itamînyamî, tíise to' yanîpîiya maiyamî. Aasa'mantapî akare yensi. Emika'pîiya jirau pona. Imukuyamî iipî'pî, pîretuku munkuyamî. Kaikusirî inre. Tamî'nawîrî irinîke, to' ruirî masiki.

– Anî' ka'ran iinî'pî nai, amai? – ta'pîiya.

– Anî' iipî' pra man – ta'pîiya.

– Kaane – ta'pî kaikusiya. – Itema'pî era'mapî wai, to' iipî'pî era'mapî wai. Kareme'kî! Eekaremekîya pra awanî ya, ayanîuya!

– Inna, inkanan – taiyarî.

– Asa'mantasa – taiyarî.

– Uyamî yanîpî' man, mîikírî sa'mantanpî man.

Imo'kapîiya jirau poi. Iweka'pî to'ya. Imukuyamî mo'ka'pî to'ya, i'moi pe to' mo'ka'pî to'ya, i'moi pe to' enasa'. Isan yanîpî to'ya. I'moi itîrî'pî to'ya to' yankon pia. To' irintí'pî pîretukupaya. To' serintî pra wanî'pî. To' serintî pra wanî ye'nen, to' yeukapîiya a' ya. To' ka'mapîiya a' ya. To' yepa yu'se awanî'pî. To' esepa pra wanî'pî. To' ka'mapîiya maa ya.

Kaikusiyamî' wítí'pî. To' asarî'pî sinporo; to' yo'kon ton iwapî' to'ya. To' ko'mamî'pî mia taikin wei. To' e'mo'pî. I'moiyamî' e'mo'pî. To' arenta'pî

sepîkîrî (1 metro). To' erepamî'pî inîrî kaikusiyamî tîsankon pia, sepîkîrî to' tîise (1 metro). To' yenpa'ka'pîiya poro pona, pîretukupaya.

– Anî' erepanapî' nai, amai? – ta'pî to'ya.

– Anî' erepamî' pra man – taiyarî.

– Anî'kan enna'po manni? – ta'pî to'ya.

– Anî' erepamî' pra man.

– Kaane, pemonkon yema'pî erama'pî wai. Ikaremekî! – ta'pîiya. – Ikaremekîya pra awanîya, ayanîuya.

– Inna, inkanan, manni i'moiyamî' e'mosa – ta'pîiya.

– Imo'ka'kî, to' era'matopîuya – ta'pîiya.

To' mo'ka'pîiya. Inna pe to' mo'ka'pîiya, imukuyamî kaikusi pia.

– Insenan ye'ma'pî era'maya manni mororî – ta'pîiya.

Inna pe to' wanî'pî sepîkîrî.

To' pia kura tîrî'pîiya. Moropai to' epa'kapî, akare yensi munkîyamî i'moi e'mosa, toron po'kai. Toronyamî po'kapî to'ya kura' ke ... pawiyamî po'ka'pî to'ya. Mîikîrî ke pîretukupaya yaretî'pî to'ya.

Moropai toron eporî'pî to'ya kaspirau. Ipo'ka'pî to'ya. Mîikîrî kaspirauya, ipo'ka to'ya ye'nen.

– Uurî pepîn – ta'pîiya. – Uurîya asankon wî'sa pra man; pîretukupaya asankon wî'pî.

– Î' taiya, uwi? – ta'pîiya.

– Etauya pra wai – ta'pîiya. – Maasa, eta'kî!

Innî ipo'ka'pîiya.

– Uurî pepîn, pîretukupaya asankon wîsa.

Moropai eta'pî to'ya.

Mîi ton yatî'pî to'ya. Aako'mamî'pî eseurwîne wei mîi aapita'pî. Yenka pîretukupaya yarî'pî to'ya. Ite'marî ton, pîretukupaya ye'marî ton, koneka'pî to'ya. Ewomî'pî te'marî tapî. I'kamatu piapî we' ye. Moropai itakonya yenka'pî seewinî. Iruî, sinwani. Pîretukupaya kamatu piapî awita pra wanî'pî. Ako'mamî'pî awita pra wanî'pî. Moropai pîretukupaya e'mî'sa'ka'pî. Apo' atanunsa' ponarî, awe'mî'sa'ka'pî. Awentaima'pî:

– Akka, sane, upayan! – ta'pîiya.

Apo' esetupuru'pî. Pîretukupaya aramî'pî, pîretukupaya, etimo'pî. Mîrîrî pî ipayan entaima'pî:

– Pattia pe! – ta'pî to'ya. – Pimi pe! A'nai pe! Kîse pe! – ta'pî to'ya.



Isaac da Silva Rennês

Moropai to' ko'mamî'pî. Moropai mîi era'mai to' wîtî'pî. Mararî pra pattia wanî'pî pîretukupa aro'tasa: pattia pe, maa pe, pimi pe, a'nai pe, kîse pe. Tamî'nawîrî arotîsa wanî'pî.

Moropai to' wîtî'pî. Insikiran pe ena'pî moropai itakon Ani'ke pe. Moropai Ataitai imarirî eporî'pî to'ya.

– Maasa, apipai! – ta'pîiya Ani'keya tîrui pî.

– Kaane, mooi, ayapinen! – ta'pîiya.

– Maasa, mararirî yapîuya tanne!

Yapîpîiya. Yapisipîiya Ataitai mararirî ya. Iruí esonomî'pî. Ataitai ipîpî tîmarirî era'mai. Eporî'pîiya tîmarirî. Pemonkon apisaiya. Ka'mapîiya tîrutu ya'. Yarî'pîiya tewî' ta. Iruí wîtî'pî iwenairî. Aminke iwenairî attî'pî. Kanaimî pe aronne pra attî'pî.

Iruí eporî'pî Waimo'saya:

– Î' pî awanî, yaako? – ta'pî Waimo'saya Insikiran pî.

– Uyakon yari'pî Ataitai man – ta'pîiya Waimo'sa pî.

– Inna – ta'pî Waimo'saya.

– Îrintîpîti'pî man, yanîiya kupî mîrîrî, tînki pî ino'pî man, ewonkî! – ta'pî Waimo'saya irui pî.

– Inna – ta'pî manni Emukusîmîya.

– Mîrîrî yapikî! – ta'pî Waimo'saya.

Aipîrî tewî' yakaya, Ani'ke iipî mîrîrî. Emukusîmîya yapîpî tînki pokon, inopî sa'manta'pî, inyo nîrî sa'manta'pî, tette tapai ennapî non pona. Inna pe itakon îrintîsa to'ya wanî'pî Ataitaiya. Itakon yepî tamî'nawîrî itenya yepî pokonpe îrintîsa to'ya wanî'pî. Itepî ekoneka'pîiya iruiya. To' muran ke ikunuma'pîiya kumi ke. Non pona itîrî'pîiya takon ye'pî. Yetapurupîiya opa ke. Awemî'sa'ka'pî:

– Era'makî se, uwi, uyanî to'ya pra wanî.

– Kaane, mooî – ta'pîiya.

Moropai to' wîti'pî. Innîrî tiaron Ataitai eporî'pî to'ya. To' pu'pai sipo wanî'pî wîrî' pu'pai ke. Ikayu pe ipu'pai, mawasa ke inasa to'ya. Ataitai eporî'pî to'ya mîrîrî.

– O'non ye'ka pe apu'paikon kupî'pîyakon? – ta'pîiya.

– Anna pu'pai pikapî annaya.

– Maasa, upikatî! – ta'pîiya.

Yatîpî to'ya taura ke ipana kîrî. Itakonya pimiro ka'ma'pî mana'ta po si'ma. Moropai ipu'pai pikapî iruiya. Moropai pimiro tîrî'pîiya ipu'pai pona. Moropai to' epepî. To' ko'mamîpîti'pî. Moropai tensi ke to' ena'pî, to' pu'pai sipo erenta'pî. Moropai Ataitai eporî'pî to'ya tensi ke si'ma.

– Amîrînikonya upu'pai pika netîkini?

– Kaane – ta'pî to'ya.

– Mane pata man pikatapon ye'pî.

– Waira yepîrîpî ke yenkutî'pî to'ya. Yarîpî to'ya itekare pî:

– Seeni apikatapon – ta'pî to'ya.

Moropai itepî, waira yepî, yasitîpîiya. Imanunpapîiya. Moropai Ataitai eserenka'pî:

– Uwîrî pe kata pî yepîrîpî – ta'pîiya.

– Si- si- toró, toró, mazah wî!

– Innî panpî attî'kî! – ta'pî to'ya.

– Innî amanunkî seeporo, seeni kaya!

Wí' nota ena'pî. Moropai to' epe'pî. Ataitai esenpo'pî to' era'mai.

– Ah, to' epe'pî wanî'pî.

Moropai Ataitai wîtî'pî tewí' ta. Mîrîrî ye'nen sîrîrî tîpose pimiro wanî ipu'pai yai.

21. Mito dos Irmãos Inxikiran e Ani'ke



Valter da Silva Cavalcante

O jacaretinga furtou os peixes do sol. O sol foi buscar os seus peixes. Os peixes não estavam. Daí o sol regressou para casa. De noite ele foi à procura do jacaré. Este apareceu. O sol ficou escondido à espera do jacaré. O

jacaré veio. O sol apanhou o jacaré e brigou com ele. Depois abriu-lhe a boca e cortou-lhe a língua. Em seguida disse o jacaré:

– Vai-te embora!

O sol passou cinco dias sem vir. Depois foi de novo para junto do jacaré.

O jacaré fez de barro uma filha para ser mulher do sol. Depois mandou sua filha buscar água. Ela molhou-se. A moça feita de barro molhou-se e desmanchou. A seguir o jacaré fabricou breu claro e breu preto. Do breu preto fez uma filha. Depois mandou a filha buscar água. Ela trouxe água. Em seguida disse o jacaré à filha:

– Faze fogo! – ela acendeu fogo.

O breu preto ardeu e derreteu enquanto ela fazia fogo. Assim esta filha deixou de existir.

Depois o jacaré pôs-se a pensar. Ele fabricou muitas coisas: breu escuro, breu claro, terra, barro fino próprio para fazer panelas... Do breu claro fez gente que veio a ser a filha do jacaré. Esta trouxe água e fez fogo. Depois preparou caxiri. Acamou no chão porção de beijus preparados para a bebida de nome pajuaru (caxiri para festas), deixando-os ficar durante cinco dias. Entretanto, demorou-se o sol durante cinco dias sem vir para junto do jacaré.

Passado certo tempo, a filha do jacaré, agora esposa do sol, deu à luz um filho. Logo depois pariu mais outro filho, irmão do primeiro. Os dois gêmeos vieram a ser os irmãos Inxikiran. Os meninos cresceram até alcançarem a altura de cerca de um metro. Então o sol esperou-os dizendo:

– Ficai aqui! Não vades embora até depois de amanhã!

A seguir disse o sol:

– Meu caminho é por aqui, este é o caminho direto. Aquele outro é o caminho dos bichos.

Ele enfiou rabo de arara-canindé no caminho. Passou um dia. Depois a filha do jacaré e mulher do sol partiu ao encontro do sol dizendo para os filhos:

– Vamos embora para junto do papai!

Chamou o sol de papai. Eles foram. Havia ali o rabo de arara-canindé enfiado no chão. Ela chegou junto do rabo de arara-canindé.

– Qual será o caminho de papai? – perguntou aos filhos que já tinham o tamanho de um metro.

Finalmente foi pelo caminho dos bichos errando o rumo do marido. Ela achou perto a casa dos bichos. Ela chegou à casa da sapa trazendo os filhos na barriga:

– Estás aí vovó? – perguntou ela.

– Sim, estou – respondeu a sapa.

– Olha os meus piolhos e come-os! – disse ela.

Os piolhos eram amargos, isto é, eram venenosos. A mulher do sol comeu-os assim mesmo amargosos. E morreu. Ela morreu. A filha do jacaré morreu. A sapa guardou-a em cima do jirau. Vieram os filhos da sapa. Eram onças e eram muitos. O irmão mais velho deles era o gato maracajá.

– Que gente estranha veio? – perguntou uma onça.

– Não veio ninguém – respondeu.

– Não é verdade, veio gente, eu vi os rastos. Conta quem é. Se não o contares, eu te devoro.

– Sim, é aquela, já está morta. Ela comeu os meus piolhos e morreu.

Tirou-a do jirau. Eles tiraram os ovos, pois dois filhos tinham virado ovos. As onças comeram a mãe deles. Os ovos deram à sua mãe. A sapa os cozinhou. Eles não queriam amolecer. Então tirou-os da panela porque não queriam coser. Ela meteu-os dentro do pilão. Ela queria pisá-los. Eles não se deixaram pisar. Ela os botou dentro dum jamaru.

As onças foram embora. Elas andaram por aí à procura de carne. Elas demoraram cinco dias. Os ovos quebraram entretanto. Eles ficaram deste tamanho (cerca de um metro). As onças apareceram novamente junto de sua mãe. A sapa trouxe para fora os dois meninos saídos dos ovos.

– Quem foi que chegou, mamãe? – perguntaram as onças.

– Não chegou ninguém – disse ela.

– De quem são então estes rastos? – perguntaram.

– Não chegou ninguém.

– Não, eu bem vi pegadas de gente. Conta direito – disse uma onça.

– Se tu não o contares, eu te como.

– Sim, aqueles, são aqueles ovos quebrados – respondeu a sapa.

– Tira-os, para eu os ver! – disse.

Ela os tirou. Ela tirou realmente os filhos do sol para junto das onças:

– Foram os rastos deles que tu viste.

Tinham de fato o tamanho de um metro.

A sapa deu zarabatanas para os meninos. Com isso eles saíram e foram flechar pássaros. Eles flecharam aves com a zarabatana. Eles encontraram aves. Eles flecharam mutuns. Com esses alimentaram a sapa. Em seguida acharam um pássaro de nome kaspirau. Atiraram nele. Era a mãe deles disfarçada em kaspirau a dizer:

– Não fui eu que matei vossa mãe, quem a matou foi a sapa.

– Que está ele a dizer, mano?

– Eu não ouvi – respondeu.

– Espera, escuta!

Novamente atirou no kaspirau.

– Não fui eu quem matou vossa mãe, foi a sapa.

Assim ele ouviu também.

Passado tempo, os dois irmãos, agora já rapazes feitos, derrubaram uma roça. Passaram três dias a queimar a roça. Eles levaram a sapa para queimá-la. Eles abriram um caminho para a sapa. A sapa entrou no seu caminho. O tição da sapa não ardeu. O mano mais novo tocou fogo num lado, o mais velho noutra. O tição da sapa não ardeu. Durante muito tempo não queimou, não estava queimando. Depois a sapa levantou-se e gritou:

– Cuidado, meus netos! O fogo cobriu a sapa. Ela espocou. Então gritaram os rapazes:

– Como melancia! Como pimentas! Como milho, como mandioca!

Com pouco tudo estava nascido.

Depois os dois irmãos foram embora. O mais velho deles veio a ser Inxikiran, o mais novo Ani'ke. Não demorou, encontraram um curupira, isto é, o laço ou armadilha dele.

– Espera, eu vou tocar nela – disse Ani'ke ao irmão mais velho.

– Não, mano, ele te pega – disse.

– Espera, deixa-me tocá-la só um pouquinho.

Ele a tocou. A armadilha do curupira o apanhou. Nisso veio o curupira a espiar o seu anzol. Achou-o. Tinha apanhado um homem. Ele meteu-o dentro do seu panacu e carregou-o para sua casa. O irmão mais velho foi atrás dele. Foi longe em sua perseguição. Foi a modo de canaimé, a saber, às escondidas. Chegou à casa dele. O curupira introduziu Ani'ke em sua casa e cozinhou-o.

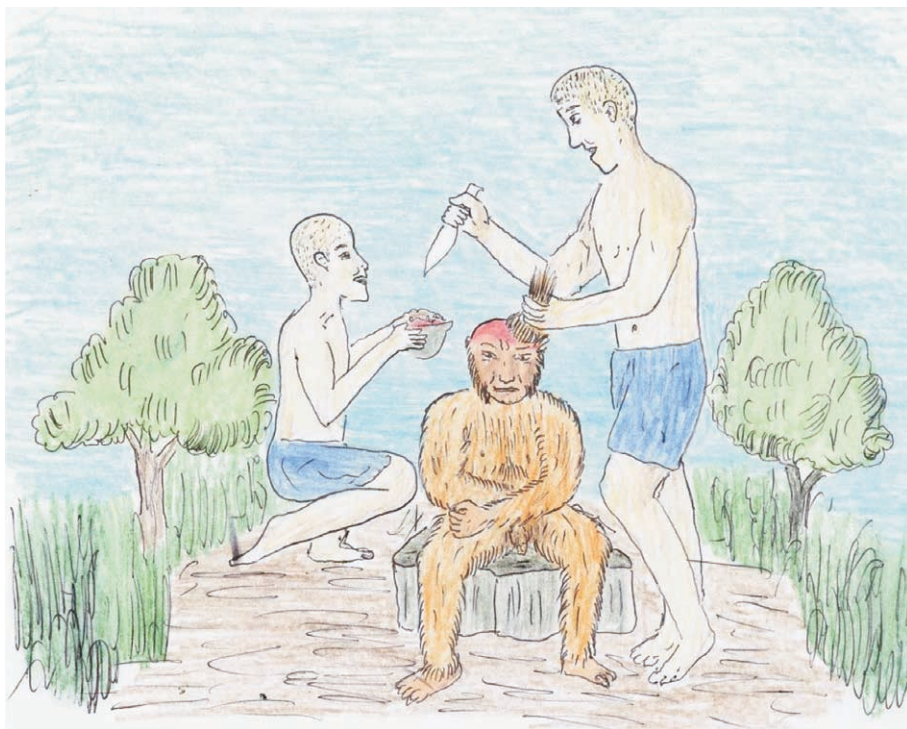
Entretanto, um sinimbu (lagarto) encontrou o irmão mais velho:

– Que estás fazendo? – perguntou o sinimbu.

Inxikiran respondeu:

- O curupira levou meu mano.
- Sim, ele o cozinhou para comê-lo. Entra!

Aparece em cena a árvore de nome Emukujiã. Trata-se de um pau grosso e encantado ou mágico. Se tal árvore tomba e uma pessoa a toca, morre instantaneamente. Assim, a mulher do curupira, que estava espremendo massa de mandioca no tipiti, tocando no pau Emukujiã, morreu de pronto. E o marido, o curupira, também morreu caindo da rede de dormir para o chão.



Valter da Silva Cavalcante

O curupira tinha de fato cozinhado Ani'ke. O pessoal auxiliar do curupira tinha cozinhado Ani'ke com ossos, carne e tudo, com as mãos, os pés, etc. Em vista disso, Inxikiran, o irmão mais velho, compô-lo de novo cuspidando nele puçanga. Ele botou os ossos do irmão no chão e cobriu-os com um balaio. Assim Ani'ke ressuscitou dizendo:

– Olha, mano, eles não estão me comendo.

– Não, menino! – respondeu Inxikiran.

Em seguida eles foram embora. Outra vez encontraram um curupira, outro curupira. As cabeças deles eram como cabeças de mulher, de cabelos compridos. Então eles as raspam a navalha ficando suas cabeças completamente peladas. Assim encontraram o curupira.

– Como foi que fizestes para que vossas cabeças ficassem assim? – perguntou ele.

– Nós raspamos nossas cabeças.

– Espera, raspai-me também!

Então eles lhe cortaram os cabelos à faca, bem rente às orelhas. O mano mais novo, estando à porta, triturou pimenta. O mais velho raspou a cabeça. A seguir pôs pimenta sobre a cabeça do curupira. E ambos logo fugiram.

Eles passaram bom tempo sem aparecer. Entrementes os cabelos deles cresceram de novo. Quando já estavam de cabelos compridos encontraram o tal curupira.

– Fostes vós que me raspastes a cabeça? – perguntou.

– Não, ali adiante estão os ossos daquele que te raspou!

Eles o enganaram com a ossada de anta e levaram-no até onde esta estava.

– Este é o que te raspou – disseram.

Depois o curupira enfiou os ossos de anta no seu colar e dançou cantando em língua diferente:

– Xe – toró – toró – toró – mazá – toró – wuê ...

– Canta mais! – disseram eles.

Dessa forma o curupira rolou da montanha abaixo. Depois Inxikiran e Ani'ke fugiram. O curupira apareceu para vê-los, mas eles já tinham fugido. Em vista disso, o curupira voltou para sua casa. Desde esse tempo tem ele pimenta na cabeça.

21. The Brothers Inshikiran and Ani'ke

The alligator stole fish from the sun. The sun went to get his fish back, but the fish were not anywhere. So the sun returned to his home. At

nighttime, he went looking for the alligator who eventually showed up. The sun hid, waiting for the alligator. When the alligator came by, the sun caught the alligator and fought with him. Then the sun opened the alligator's mouth and cut out his tongue. The alligator then said, "Go away!"

The sun spent five days without appearing. Then he went once more to see the alligator.

The alligator made a daughter out of clay to be the wife of the sun. He sent his daughter to look for water. She got wet. The girl made of clay got wet and came apart. Then the alligator made clear tar and black tar. From the black tar he made another daughter. He sent his daughter to get water. When she brought the water, the alligator said to his daughter, "Make some fire!" She lit a fire. The black tar burned and melted when she was lighting the fire. So this daughter too died.

Then the alligator stopped to think. He made many things: dark tar, clear tar, earth, fine clay used for making pots. From the clear tar the alligator made a person who became his daughter. This one brought water and made fire. Then she prepared *caxiri*, cassava beer. On the ground she placed a number of pieces of cassava bread prepared for the making of the drink named *pajuaru*, or cassava beer, used in celebrations. She left the cassava bread on the ground for five days.

Meanwhile, the sun spent five days away before coming to see the alligator.

After some time had passed, the daughter of the alligator, now the wife of the sun, gave birth to a son. Right after, she gave birth to another son, brother of the first. The two twins were known as Inshikiran and Ani'ke. The boys grew until they reached the height of about one meter.

Then the sun waited for them, saying, "Stay here! Don't go away until after tomorrow!"

Next the sun said, "My road is this way. This is the straightest road. That other one is the animals' road." He planted the tail feather of a yellow and blue macaw on his road.

A day went by. Then the alligator's daughter, the wife of the sun, left to meet up with the sun, saying to her children, "Let's go visit, Daddy!" She called the sun Daddy.

They took off. There was the tail feather of a yellow and blue macaw on the road. She came up to the macaw's tail feather. "Which is the road to Daddy?" she said to her children who were already a meter tall.

At last they went on the animals' road, erring in the way to her husband. She found herself near the animals' house. She arrived at the toad's house, carrying her children in her belly.

"Are you there, Granny?" she said.

"Yes, I'm here," replied the toad. "Look at the louses and eat them!"

The louses were bitter, poisonous. The wife of the sun ate them anyway, even though they were bitter. She died. She did indeed die. The alligator's daughter died.

The toad kept her on top of the counter. The toad's children arrived. They were jaguars and they were numerous. The oldest of them was the maracajá wildcat.

"What strange person has come?" asked the jaguar.

"No one came," she answered.

"That's not true. Someone came. I saw tracks. Tell who it is. If you don't tell, I'll eat you up."

"Yes, it's that one there. She's already dead. She ate my lice and died."

She took the alligator's daughter off the counter. They took out the eggs, for the two sons had turned into eggs. The jaguars ate the mother of the two boys. They gave the eggs to their own mother. The toad cooked them. The eggs would not soften, so she took them out of the pot since they would not cook. She put them into a mortar to grind them. They could not be ground, so she put them in a basket.

The jaguars went away. They wandered about looking for meat. They were gone five days. In the meantime, the eggs cracked. They were about the size of a meter. The jaguars came back again to see their mother. The toad brought out the two boys who had come out of the eggs.

"Who came, Mommy?" asked the jaguars.

"No one came," she said.

"Then whose tracks are these?" they said.

"No one came."

"No, I did see people's tracks. Tell the truth," said one of the jaguars. "If you don't tell, I'll eat you up."

"Yes, it's those there, those from the cracked eggs," answered the toad.

"Take them out, so I can see them!" he said.

She brought them out. She really did bring out the sons of the sun for the jaguars. They were indeed about a meter tall. "It was their tracks that you saw."

The toad gave blow darts to the boys. They took off with them to shoot birds. They found birds and shot them with the blow darts. They also shot mutum birds with arrows. These they gave as food to the toad.

Then they found the bird called *kaspirau*. They shot at her. It was their mother in disguise as a *kaspirau*. She said, "It was not I who killed your mother; it was the toad."

"What is she saying, Brother?"

"I didn't hear," he answered. "Wait, listen!"

Again he shot at the *kaspirau*.

"It was not I who killed your mother; it was the toad," repeated the *kaspirau*.

So this time he heard her too.

After quite some time passed, the two brothers, now young men, cleared a patch of land. They spent three days burning the bush. They cut a path for the toad. The toad went on the path, but the bush around the toad did not catch fire. The younger brother set fire to one side of the path; the older brother to the other side. The bush around the toad did not burn. For a long time it did not catch fire; it did not burn.

Then the toad got up and cried, "Be careful, my grandchildren!"

The fire covered the toad and she exploded.

Then the boys cried, "Grow like watermelon! Grow like corn! Grow like cassava!"

Within a short time all the plants sprouted.

Then the two brothers took off. The older of them was known as Inshikiran, the younger one as Ani'ke. Before long, they met an ogre's rope or trap.

"Wait, I'm going to touch it," said Ani'ke to his older brother.

"No, Brother, he'll catch you," Inshikiran replied.

"Wait, let me touch it just a little," said Ani'ke. When he touched it, the ogre's trap caught him. Then the ogre came to look at his hook and saw that it had caught a man. The ogre put Ani'ke in his basket and carried him home. The older brother went along after him. He went far chasing after him. He went secretly, like the *canaimé* spirit, and arrived at the ogre's house. The ogre took Ani'ke into his house and cooked him.

In the meanwhile, a sinimbu lizard met Ani'ke's older brother.

"What are you doing?" asked the lizard.

Inshikiran answered, "The ogre took my brother."

"Yes, he cooked him in order to eat him. Come in!" said the lizard.

A tree named Emokujian appeared on the scene. This is a thick tree, enchanted and magical. If such a tree falls and a person touches it, the person dies instantly. So, the ogre's wife, who was straining cassava dough in a strainer, touched the Emokujian tree and died on the spot. And her husband, the ogre, also died, falling from his hammock to the ground.

The people helping the ogre had cooked Ani'ke with his bones and flesh, with his hands and feet, with everything. In the light of this, Inshikiran, the older brother, put him back together by spitting a potion on him. He put his brother's bones on the ground and covered them with rubber. So Ani'ke was resurrected, and said, "Look, Brother, they aren't eating me!"

"No, boy," answered Inshikiran.

Then the brothers took off and met up with another ogre. The brothers' heads were like the head of a woman, with long hair. So they shaved their heads with a razor so that they were completely bald. They met the ogre like that.

"What did you do to make your heads like that?" the ogre said.

"We shaved our heads."

"Wait, shave mine too!"

So using a knife they cut off his hair close to his ears. The older brother shaved the ogre's head. The younger brother, standing near the door, ground up hot peppers. Then he spread pepper over the ogre's head. And then both the brothers fled.

They let some time go by before showing up again. In the meantime, their hair grew back. When their hair was long again, they met up with the ogre.

"Was it you two who shaved my head?" he asked.

"No, up ahead there are the bones of the one who shaved you!"

They fooled him with the bones of a tapir, taking the ogre to the place where the bones were. "This is the guy who shaved you," they said.

Then the ogre placed the tapir's bones around his neck and danced, singing in a secret language, "Shee-toró-toró-toró-mazá-toró-wuê."

"Sing more!" said the brothers Inshikiran and Ani'ke.

In that manner the ogre wandered to the bottom of the mountain. Then Inshikiran and Ani'ke fled. The ogre came to see them, but they had fled. And so, the ogre returned home. Ever since that time, the ogre has had pepper on his head.

22. Insikiranyamî' moropai masa'yamî' pantoni

Insikiranyamî'ya masayamî' yettapuruka'pî yamatu yawonkon.

– To' anera'ma pai nan, uwi! – ta'pî itakonya.

– Kaane, mooj, aka! – ta'pîiya. – Aka, mooj, tîwî to' nisi!

– Maasa, to' yapai sinpata parana pona to' yapai, moro to' sorokato'pe.

Taa tanne to' yettapurukapî Insikiranyamî'ya. To' rankapî'pîiya masayamî'. Nunkîyamî' taranka'pî. Kîmuruyamî' taranka'pî. Tamî'nawîrî to' yaranka'pî Insikiranya.

Moropai to' atarankasa ye'nen, irui yanna'pîiya.

– Uwi yantî! – ta'pîiya.

– Inna, ewaron ya yantî! – ta'pî iruiya nîrî.

Eese'ma'pî yanî'pî to'ya masayamî'ya.

22. Mito dos irmãos Inxikiran e Ani'ke e dos mosquitos

Os irmãos Inxikiran e Ani'ke destamparam um cestinho de mosquitos.

– Deixa-me vê-los! – disse Inxikiran, o mais novo.

– Não, mano, cuidado! – disse o irmão mais velho, Ani'ke.

– Cuidado, mano, deixa disso! Espera, vamos levá-los para lá, vamos levá-los ao mar, a fim de soltá-los ali.

Dizendo isso, os irmãos Inxikiran e Ani'ke fecharam o cestinho, entretanto, escaparam mosquitos, carapanãs (*Anofeles* etc.), escapuliram piuns (*Simulim ... = mosquitos pretos miudinhos, de mordida dolorosa e que aparecem em nuvens, à margem de certos rios de águas mais escuras*) e maruins. Inxikiran, o mais novo dos dois irmãos, deixou escapulir os mosquitos todos. Foi para que eles devorassem seu mano mais velho é que Inxikiran os soltou dizendo:

- Comei meu mano mais velho!
- Sim, de noite devorai! – disse também o irmão mais velho, Ani'ke. Os carapanãs comeram-nos por vingança.



Isaac da Silva Rennês

22. The Brothers Inshikiran and Ani'ke and the Mosquitoes

The brothers Inshikiran and Ani'ke took the cover off a basket of mosquitoes.

“Let me see them!” said Inshikiran, the younger one.

“No, Brother, be careful!” said the older brother, Ani'ke. “Be careful, Brother, leave that alone! Wait, let's both of us take them away. Let's take them to the sea so we can set them loose there.”

Having said this, the brothers Inshikiran and Ani'ke closed the basket. But in the meantime, a number of mosquitoes and bugs had escaped, some gnats got out, and some maruin flies. Inshikiran, the younger of the two brothers, let all the mosquitoes escape. It was so that they would devour his older brother that Inshikiran let them loose, saying, "Eat up my older Brother!"

"At nighttime, devour my younger Brother!" the older brother, Ani'ke, also said.

The mosquitoes attacked them both in revenge.

23. Apo' pantoni



Valter da Silva Cavalcante

Insikiranyamî' wanî'pî apo' ton pra. Pîretukupa wanî'pî apo' esa pe. Ewaron ya' iipia to' wîtt'pî Insikiranyamî'. Apo' potîsaiya wanî'pî ewaron ya'. Kari'sa pe to' ena'pî. Apo' yarîn yepakapiiya kari'sa pe si'ma.

– Kari'saya apo' yari'pî man – ta'pî pîretukuyami'ya.

To' wî'pî to'ya, apo' yepakaiiya tanne. Moropai to' esewankono'ma'pî:

– O'non ye'ka pe ipu'pai nai? – ta'pî to'ya.

– Maasa, iipia wî'tîn pai, uwi – ta'pîiya.

To' wî'tî'pî iipia, apo' potîsaiya tanne.

Warineya:

– Pi- pi- pi- pi- pemonkon iinî'pî' man – warineya ekaremekî'pî.

Tîkamatu yennoma'pîiya pîretukupaya.

– Moro nan, ko'ko? – ta'pî to'ya, Insikiranyami'ya.

– Tarî wai – ta'pîiya. – Î' kai aaisakon?

– Ayetai anna iisa. Anna emi'nepansa man.

To' pîsa'sakon nîmî'pî to'ya pîretuku yewî' ta. To' wî'tî'pî aminke, poro pona, aminke. Moropai:

– Ko'ko – ta'pî to'ya. – Anna pîsa'sa ne'kî!

Tîpa yarimapîiya pîretukupaya.

– Kaane – ta'pî to'ya. – Amîrî asikî, amîrî! – ta'pî to'ya.

Moropai pîretuku wî'tî'pî to' yekari' pî. Inkamoro Insikiranyami' pîsa'sa yari'pîiya. Moropai pîretuku apisi'pî to'ya. Yare'mopî'tî'pî to'ya, yakitapa'pî to'ya. Apo' epa'ka'pî inta yai. To' ekatumî'pî. Apo' yenpepî to'ya.

– Kaane – ta'pî pîretukupaya. – Seenî apo'! Morî seenî! Mîrîrî sa'mantan kumatu – ta'pî pîretukupaya.

Morî ikaremekî'pîiya, teuren sîrîrî pîretukupaya morî tîsaya, asa'mantan pepîn, teuren morî tîsa pîretukupaya, yu'ku to'ya pra wani'pî. To' eka'tumî'pî, apo' sa'mantan kumatu yenpepî to'ya. Apo' esa' pe Insikiranyami' ena'pî.

23. Como o ser humano ganhou o fogo

Os irmãos Inxikiran e Ani'ke estavam ainda sem fogo. Os sapos eram os donos do fogo. No escuro da noite, os irmãos Inxikiran e Ani'ke foram ter com eles. Na escuridão noturna, o fogo deles estava apagado.

Eles viraram grilos. Feito grilo, um dos irmãos tirou uma brasa de fogo.

– Um grilo carregou o fogo – disseram os sapos. Eles mataram uns sapos enquanto tiraram o fogo. Depois eles ficaram sentidos.

– Como é a cabeça da sapa? – perguntaram.

– Espera, mano, que eu vou junto dela – disse Ani’ke. Ambos foram para junto da sapa estando o fogo dela a arder.

O passarinho cujo nome makuxi é Warinê e cujo canto é “pi - pi - pi - pi”, era o xerimbabo dos sapos. Warinê contou:

– Vem gente!

A sapa então engoliu o fogo.

Os irmãos perguntaram:

– Vovó, tu estás aí?

A sapa respondeu:

– Estou aqui, a que vieste?

– Nós viemos para te ouvir; também estamos com fome.

Eles jogaram seus calçados na casa dos sapos e foram para fora, para longe (cerca de 100 metros). Ao voltarem, disseram à sapa:

– Vovó, traz nossos calçados!

A sapa mandou seu neto levar os calçados.

– Não, vovó, tu mesma vem cá!

A sapa foi ao encontro deles, levando os calçados dos irmãos Inxikiran e Ani’ke. Então eles pegaram a sapa e a derrubaram, fazendo sair fogo da boca da sapa. Os homens então correram e fugiram com o fogo.

A sapa dizia:

– O bom fogo é este, aquele outro é o fogo dos que estão para morrer.

Embora a sapa dissesse que tal fogo era para os que estavam para morrer, os irmãos Inxikiran e Ani’ke se tornaram donos do fogo.

23. How Humans Obtained Fire

The brothers Inshikiran and Ani’ke were still without fire. The toads were the masters of fire. In the dark of night, the brothers Inshikiran and Ani’ke went to see the toads. In the pitch black night, the brothers’ fire had gone out.

The brothers Inshikiran and Ani’ke turned into crickets. In the form of a cricket, one of the brothers grabbed a coal of fire.

“A cricket took away our fire,” said the toads.

The brothers had killed some toads when they grabbed the fire. Afterwards they were sorry.

“What’s the toad’s head like?” they said.

“Wait, Brother, I’m going to go see her,” said Ani’ke.

Both of them went to see the toad whose fire was burning.

A small bird whose name in Makushi is *wariné* and who sings “pi-pi-pi” belonged to the toads. Warinê began to sing, “People are coming!”

So the toad swallowed the fire.

The brothers Inshikiran and Ani’ke asked, “Granny, are you there?”

The toad replied, “I’m here. Why did you come?”

“We came to listen to you; also we’re hungry.”

They threw their shoes into the toad’s house and went outside, about 100 meters away. Upon returning, they said to the toad, “Granny, bring us our shoes!”

The toad sent her grandson to take them their shoes.

“No, Granny, come here yourself!”

The toad went out to meet them, taking along the shoes of the brothers Inshikiran and Ani’ke. Then they grabbed the toad and turned her over, making the fire fall out of her mouth. The men then ran away, fleeing with the fire.

The toad said, “The good fire is this fire here, that other fire is the fire of those who die.”

Even though the toad said that the fire was of those who are going to die, the brothers Inshikiran and Ani’ke became the masters of fire.

24. Insikiranyamî' moropai akuri pantoni

Emaipe akuri eporî'pî to'ya Insikiranyamî'ya.

– Tewentapimai wenun pai, yaako! – ta'pî Insikiranya akuri pî.

Iwe'napî akuri tewentapimai. Ite era'ma'pî to'ya. Itepî paruru pipî taapisa wanî'pî.

– O'non pata iteperu nai? – ta'pî Insikiranya.

Moropai akuri wîtî'pî itekare pî. Iwenairî to' wîtî'pî. Amape to' wîtî'pî. Innîrî tukui pe Insikiran wîtî'pî akuri wenairî. Insikiran e'napî tukui pe – tsi-tî- tî- tî- – kaima. Akuri ennapo'pî iteperu teporîi pra, tukui etun ye'nen awennapo'pî.

– O’non ye’ka pe era’mato’pe? – ta’pî to’ya, Insikiranya.

– Tewentapimai wenun pai, yaako! – ta’pî to’ya.

Tu’ke itepî iteperu pipî awanî’pî: paruru pipî, kuwai pipî, a’nîpu pipî, maripa pipî, mapaya pipî. Moropai akuri wîtî’pî tekkari yekare pî. Tekkari eporî’pî akuriya. Enaapîiya era’mâ’pî to’ya. Tiwin ite, mîrîrî. Tiwin ite tîise, iteperu wani’pî tu’ke: kuwai, paruru, maripa, mapaya, kun, kuamara, wara wani’pî.

– Manni pata man, uwi! – ta’pî Ani’keya Insikiran pî.

Moropai era’mâi to’ wîtî’pî. Iteperu eporî’pî to’ya. Moropai:

– Yatî pai man! – ta’pî to’ya.

Ya’tî’pî to’ya. Moropai paruru ye, kun ye, mapaya ye, tamî’nawîrî ya’tî’pî to’ya. Tiwin ite Roraimî, tîise iteperu tukan.

Akuriya itense ton tewî’ ton yaka’pî, Roraimî yatî to’ya ye’nen, Insikiranya Roraimî yatî ye’nen. Akuriya itense ton yaka’pî non ya’, tewî’ ton. Moropai Roraimî esenumî’pî.

Moropai kun ye pî:

– Arentakî! – ta’pî to’ya, Insikiranyamî’ya.

To’ enukurî kawîne kun ye pona. Moropai tuna tikansaya Roraimî yeuronka’pî, tuna itikansa yai akuri ewomî’pî tîwî’ ta, non ya’. Tînta yetapurupîiya moronpî ke.

Insikiranya kawîne kun ye po si’ma:

– Ipetakî! – ta’pî to’ya kun ye pî.

Kun ye epeta’pî. Pika’pî to’ya. Tîpikai yonpa’pî to’ya. Tuna apa yonpa’pî to’ya.

– Sa’tîf! – ta’pîiya.

Mairon pe wani’pî. To’ ko’mamî’pî, tîko’manse to’ ko’mamî’pî kun ye po. Moropai innîrî iteepuru pika’pî to’ya. Enumî’pî to’ya non pona, kawîne si’ma. Aapasa wani’pî. Moropai:

– Atamokomakî! – ta’pî to’ya kun ye pî.

To’ autî’pî non pona. Akuri epaka’pî non yapai.

Wei ton pra wani’pî. Akuriya wei mo’ka’pî tuna kapai. Ewaron ke wani’pî. Akuri epaka’pî ewaron ya’.

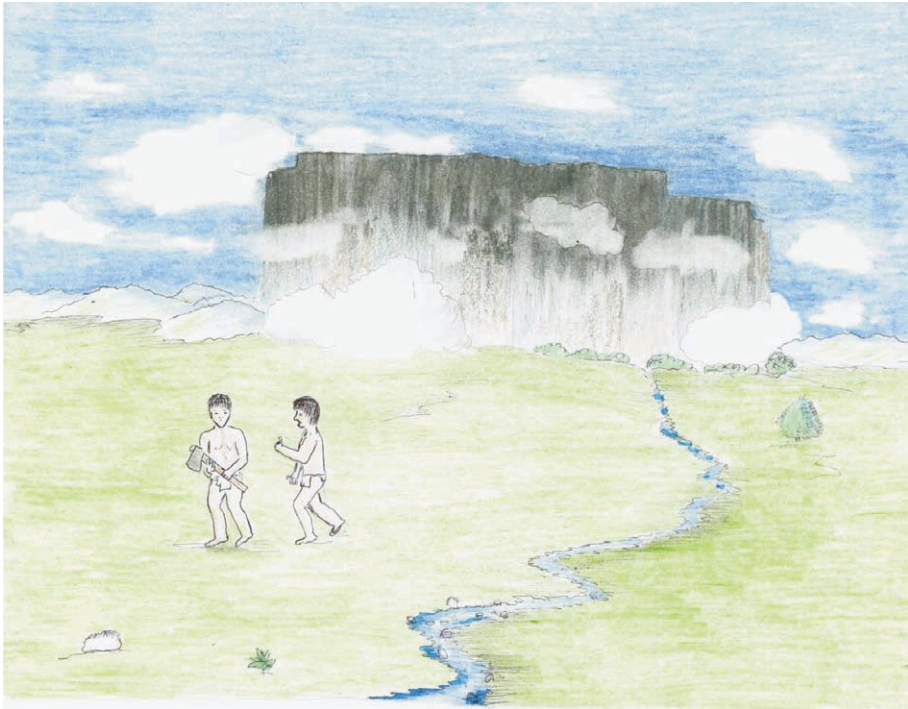
– Tarîpai, uwi! – ta’pî Insikiranya Ani’ke pî. – Tarîpai pakan pai man yettaputo’pe.

Roraimî yettapuru’pî to’ya opa ke, tînatîpokon Roraimî piapî. Moropai wei yeuronka’pîiya wani’pî tuna ya’. Wei era’mâi to’ wîtî’pî. Eporî’pî to’ya.

Inepî'pî to'ya. Kariwanaya wei enepî'pî te'poi yarakkîrî si'ma. To' enna'po'pî kariwana te'poi yarakkîrî si'ma. Ewaron ya' to' wîtî'pî: Insikiran, Ani'ke, Kariwana, Te'poi. Wei inepî'pî to'ya. Eremapî'pî. Weiya ewaron ku'pî'pî a'ka pe. Moropai wei eekîpîsa rona'pî to'ya. Itîrî'pî to'ya ka' pona Insikiranya.

Moropai to' wîtî'pî. Ataitai eporî'pî to'ya, waira yannen, waikin yannen, usari yannen, tamî'nawîrî yannen. Mîrîrî yeuromapî to'ya.

– Waira yannen amîrî, amooko? – ta'pî to'ya.



Valter da Silva Cavalcante

– Inna, inna! – ta'pî Ataitaiya. – Inna, waira yannen, waikin yannen, usari yannen, pinkî yannen....

– Manni pata waira man – ta'pî to'ya.

Yenkutîpî to'ya. Ataitai yarî'pî to'ya.

– Seenî ite'marî – ta'pî to'ya.

Tî' tuka'pî to'ya. Waira pe tî' tuka'pî to'ya. Tî' eperema'pî wî' poro Ataitai ye'marî ta.

– Miarî man, amooko! – ta’pî to’ya. Ataitai awe’ muruika’pî. Tî’ iipî’pî.
Yakitapa’pîiya. Moropai to’ wîtî’pî tera’mai pra.

Moropai tînatî’pîkon Roraimî eporî’pî to’ya:

– Maasa yettapurîkapai, moo! – ta’pî Ani’keya.

– Tîwî’nîsi, moo! – ta’pî Insikiranya.

– Kaane, anumîuya maasa, mararî rî opa yanumî’pîiya.

Mararî yanumî’pîiya. Tuna epa’ka’pî. Innîrî pata yeuronka’pîiya tuna
ya’. Moropai yettapurî’pî to’ya innîrî opa ke. Awamînasa tanne, to’ wîtî’pî.

Mîîkîrî tînakitapapîkon Ataitai yepî eporî’pî to’ya. Ipî to’ sira’pî:

– Waira yapî’nen – taa tanne yakitapa’pîiya.

– Iseruku kinî – ta’pî to’ya.

Moropai Ataitai e’mî’sa’ka’pî tîko’mamî tîpo, tepîrîpî pe si’ma.

– Seruyekon, amîrînikon! – ta’pîiya. – Tarîpai ayannîuyanîkon.

To’ wenaimîpî’tîpî’pîiya itekaton e’mî’sa’kasa. To’ wenairî eekatumî’pî.

Ka’ kîrî porî to’ ekatumî’pî. To’ yapîka’nî’pîiya.

– Î’ wani enanto’pe, uwi? – ta’pî Ani’keya Insikiran pî.

– Innapaye – ta’pîiya.

– Waikin pe e’nanpai.

– Kaane – ta’pî irui Insikiranya.

– Uyannenkon pemonkonyamî’ya – ta’pîiya.

– Î’ pe karî?

– Parî’ pe karî?

– Kaane, apo’ya uyarannî’pîkon – ta’pîiya.

– Î’ pe enanto’pe? – ta’pîiya, teesewankono’mai.

– Moro’ pe ena pai? – ta’pîiya.

– Kaane – ta’pî iruiya. – Uyannîkon to’ya, pemonkonyamî’ya moro’ pe
e’nansa ya.

Seeni poro to’ enapî, ka’ kîrî poro. To’ sewankono’ma’pî kurene,
Ataitai to’ wenairî. To’ wenaimîpî’tî’pîiya. Insikiran itawîrî, to’ ekatunsa, Ataitai
yawîrî.

– Ese’man pe enanpai karî, uwi? – ta’pîiya tîrui pî. – Amîrî asitun pe!

Moropai to’ mîpîmî’pî. Ataitaiya to’ eporî’pî, to’ emîpansa. Aminke
pra to’ eporî’pî Ataitaiya. To’ ainumîpî, ese’man pe. Itakon ainumîpî ese’man
pe, irui asitun pe. To’ ainumîpî.

24. Mito dos irmãos Inxikiran e Ani'ke e a cutia

Os dois irmãos gêmeos Inxikiran e Ani'ke encontraram a cutia. E disseram a ela:

– Vamos dormir de boca aberta!

A cutia dormiu de boca aberta. Os dois irmãos espiaram os dentes da cutia, presos aos quais havia cascas de banana.

– Onde estão as frutas? – perguntaram os irmãos.

A seguir a cutia foi rumo às frutas. Os irmãos Inxikiran e Ani'ke foram atrás dela. Piaram a modo de beija-flor: “txi-tî-î- tî-”. Eles foram às escondidas da cutia. Novamente foram os irmãos Inxikiran e Ani'ke atrás da cutia. Eles cantaram a modo de colibri: “txi-tî-tî-tî-”. A cutia voltou sem achar frutas por causa do pio de colibri. Voltou sem nada, sem frutas.

– Como é que poderemos descobrir isto? – perguntaram os irmãos.

Novamente disseram à cutia:

– Vamos dormir de boca aberta, cunhado!

Nos dentes dela havia cascas de muitas frutas: de banana, de coco de buriti, de amendoim, de coco de palmeiras inajá, de bacaba, de mamão.

Depois a cutia foi à procura de comida. Ela achou alimento. Os irmãos Inxikiran e Ani'ke viram como ela comia. O pé da árvore era um só; ele continha todas as frutas. Embora o pé fosse um só, as frutas dele eram muitas e variadas: buriti, banana, mamão, bacaba, patauá; havia cocos de diferentes palmeiras.

– É ali, mano! – dissera Ani'ke a Inxikiran.

Então eles foram a ver. Acharam as frutas.

– Vamos cortar o pé! – disseram.

Eles o cortaram. Depois cortaram o pé de banana, o pé de bacaba, o pé de mamão, tudo eles cortaram. O pé, a árvore, era uma só, a saber, o Roraima, mas as frutas eram muitas e variadas.

Depois a cutia cavou um esconderijo no chão para servir-lhe de moradia, porque os irmãos Inxikiran e Ani'ke tinham cortado a árvore das frutas, o Roraima. A cutia cavou um buraco ou esconderijo no chão para sua casa. Depois caiu, tombou o Roraima, a grande fruteira.

Em seguida disseram os irmãos Inxikiran e Ani'ke ao pé de bacaba:

– Cria, brota filhos!

Então eles subiram no alto da bacabeira, pois a base do tronco da árvore Roraima jorrou água em quantidade.

Como o Roraima mergulhou na água e esta continuou a derramar, a cutia entrou em sua casa cavada no chão. Com breu fechou a entrada, ao passo que os irmãos Inxikiran e Ani'ke ficavam em cima do pé de bacaba dizendo:

– Frutifica! Dá cocos, palmeira bacaba!

A bacabeira deu frutos. Eles os colheram. Enquanto estavam descascando os coquinhos, experimentaram se o chão já estava secando.

– Puxa, está ainda fundo – disseram.

Depois continuaram a morar em cima da palmeira por mais algum tempo. Novamente colhiam coquinhos de bacaba. Mais adiante, estando no alto, jogaram bacabas no chão. Verificaram que a água já estava rasa. Então falaram ao pé de bacaba:

– Verga-te! – e desceram para o chão.

A cutia saiu do chão. Ainda não havia sol. A cutia atirou o sol da água. Estava escuro. A cutia saiu para fora assim mesmo no escuro.

Depois disseram Ani'ke a Inxikiran:

– Saíamos para cobrir o Roraima!

Com um enorme balaio cobriram o Roraima, a saber, a base do tronco cortado do Roraima, o pedaço restante da antiga árvore grande.

Entretanto, o sol estava afogado dentro d'água. Eles foram buscar o sol e o trouxeram. O galo junto com o xibobo trouxeram o sol. Foram todos juntos à noite: Inxikiran, Ani'ke, o galo e o xibobo. Trouxeram o sol. O sol dissipou as trevas. O tempo clareou. Depois os heróis deram banho ao sol que estivera sujo. Limpou o sol, os irmãos Inxikiran e Ani'ke o colocaram no céu.

24. Inshikiran, Ani'ke and the Agouti

The twin brothers Inshikiran and Ani'ke met up with an agouti. They said to him, "Let's sleep with our mouths open!"

The agouti slept with his mouth open. The two brothers checked out the agouti's teeth, which had pieces of banana peel stuck in them.

"Where does the fruit come from?" said the brothers Inshikiran and Ani'ke.

Then the agouti went in the direction of the fruit. The brothers Inshikiran and Ani'ke followed him. They did the call of the hummingbird, "Chee-tuh-tuh-tuh." They went along, hidden from the agouti.

Once again the brothers Inshikiran and Ani'ke went after the agouti. They sang the call of the hummingbird, "Chee-tuh-tuh-tuh." The agouti came back without finding fruit because of the call of the hummingbird. He came with nothing, with no fruit.

"How can we discover this?" said the brothers Inshikiran and Ani'ke. Again they said to the agouti, "Let's sleep with our mouths open, Brother-in-law!"

In his teeth were stuck pieces of many fruit: banana, buriti coconut, peanuts, inajá palm coconut, bacaba grape, papaya.

Next the agouti went looking for a meal. He found some food. The brothers Inshikiran and Ani'ke saw how he ate. It was from a single tree which contained all fruits. Even though it was a single tree, its fruits were many and varied: buriti palm, papaya, bacaba grape, patawá, and there were coconuts of different palms.

"Hey there, Brother!" said Inshikiran and Ani'ke.

Then they went to see, and found the fruit. "Let's cut down the tree!" they said.

They felled the tree. Then they cut down the banana tree, the bacaba grape tree, the papaya tree, all of them they cut down. The tree was a single tree, that is, Mount Roraima, but its fruits were many and varied.

Next the agouti dug a hideaway in the ground to serve as its home, because the brothers Inshikiran and Ani'ke had cut down the fruit tree, Roraima. The agouti dug a hole or hideaway in the ground for its house. Then the great fruit tree fell; Roraima hit the ground.

Next the brothers Inshikiran and Ani'ke said to the bacaba grape tree, "Grow! Sprout shoots!"

They climbed up high on the bacaba grape tree. From the base of the Roraima tree, water in great quantity began to gush forth. As Roraima was covered in water that continued to pour forth, the agouti went into his house dug out of the ground. He closed the entrance with tar while the brothers Inshikiran and Ani'ke stayed on top of the bacaba grape tree saying, "Grow fruit! Give us coconuts, bacaba palm!"

The bacaba palm gave forth fruit. The boys harvested it. While they were peeling the fruit, they tried out the ground to see if it was already dry. “Goodness, the water is still deep,” they said.

So they continued to live on top of the palm tree for some time. Once again they harvested bacaba fruit. Being on the top of the tree, they threw the bacaba fruit on the ground, but further away. They verified that the water was now shallow. So they spoke to the bacaba tree, “Bend yourself down!” and they descended to the ground.

The agouti came out of the ground. There was still no sun yet. The agouti took the sun out of the water. It was dark. The agouti went outside even though it was dark.

Then Ani’ke and Inshikiran said, “Let’s go out to cover Roraima!”

With an enormous rubber sheet they covered Roraima, that is, the base of the Roraima’s cut down tree trunk, the remaining piece of the huge, ancient tree.

In the meantime, the sun had sunk into the water. They went to get the sun and they brought it out. The rooster together with the shibobo bird brought the sun out. They went together into the night: Inshikiran, Ani’ke, the rooster, and the shibobo. They brought the sun out.

The sun dispersed the darkness. The skies brightened. Then the heroes gave the sun a bath because it was dirty. Once it was clean, the brothers Inshikiran and Ani’ke put the sun in the sky.

25. Insikiranyamî’ moropai Ataitai pantoni

Insikiran wîtî’pî tîmukuri ta.

– Tîwînisi, o’ma moro man, eme moro man. Ataitai pî eme taa to’ya. Aka, aposokanen! Mîrîrî ayasokanen! – ta’pî Ani’keya Insikiran pî. – Moo, yaako! Imaimu kîyukîi. Aposokanen ayasokanen.

Tîise yu’kuiya pra wanî’pî: tîpotî ye’nunpa’pîiya. Moropai irui iipî’pî iipia:

– Ipokapînan, moi? – ta’pîiya.

O’ma pe Insikiran e’nasa.

– Tîwî, e’kî, eme pe, e’ma pe ekî! – ta’pî Ani’keya.

Moropai irui wîtî’pî; usari pokai. Tsô! Yasoka’pîiya.

– Akase uwi, yasoka'kî epe namai – ta'pî Insikiranya. Moropai irui e'mîsaka'pî. Wê- wê- wê- Iwenairî Insikiran wîti'pî. Eeseukapî tî' pona, mîikîrî Insikiran akare pe.

–Aakîse uwi, ayapisûuya – ta'pîiya akare pî, tîrui ka'ima yenkutîsaiya. Iruui wîti'pî. Aako'mamîpîti'pî.

Moropai irui epori'pîiya innîrî. Mîrîrî to' wîti'pî Ataitai yewî' ta:

– Eh, amooko!

– Eh, upayan!

– Waira mane pata man – ta'pî to'ya. – Yanuntanekî, amooko.

Moropai wî' pona Ataitai yari'pî to'ya, waira era'mai. Tî' wanî'pî kurenan. Ituka'pî to'ya.

– Waira mîikîrî, amooko – ta'pî to'ya.

Iyenkuti'pî to'ya akitapakonpa tî' ke. Ataitai akitapa'pîiya tî' ya. Ataitai sa'manta'pî. Ako'mamî tanne era'mai to' iipî'pî:

– Mîseni amooko Ataitai waira yanunen – ta'pî to'ya.

Awe'mîsa'ka'pî. Moropai:

– Ih- ih- ih- pari – ta'pîiya. – Amîrînikon.

To' wenairî aatapisî'pî. To' wenaimîpîti'pîiya. Moropai inîmî'pî to'ya. To' epori'pîiya. Mîrîrî to' senuminka'pî. Ataitaiya to' wenaimîpîti'pîiya; mîrîrî ye'nen to' esenuminka:

– Î' pe eratînto'pe, uwi?

– Tî' pe karî eratînto'pe?

– Kaane, mîrîrî tî' wîriya tîwe' yeuta ronato.

– Tî' pe uurînikon wanîya, uurînikon kîpî to'ya tîwe'kon ke.

Moropai:

– Yei pe karî enanto'pe, uwi? – ta'pîiya.

– Kaane, yei mîrîrî to' natî. Pemonkonyami'ya uurînikon yatî yei pe, uurînikon wanî ya. Tu'ke ta'pîiya:

– Parî pe karî?

– Kaane, apo'ya uurînikon yenka parî pe enansa ya. Moropai:

– Inna, î' pe enanto'pe?

– Wakaranpî pe enanpai – ta'pî Insikiranya. – Mîrîrî pemonkon ya'tî to'ya pepîn.

Asitun pe Insikiran enanpî. Asitun pe enanpî, itese pe Wakaranpî. Iruui Weroma pe. Ka'ne'pe to' wîti'pî. Ataitai inîmî'pî to'ya.



Valter da Silva Cavalcante

25. Mito dos irmãos Inxikiran e Ani'ke e um curupira

Os irmãos Inxikiran e Ani'ke foram ao esconderijo de caça.

– Deixa disso, mano! Aí há um ogro, aí tem bicho. Olha que não te espete! – disse Ani'ke a Inxikiran. – Fica quieto, não respondas a ele, para ele não te espetar.

Mas Inxikiran não atendeu e assobiou. Depois o mano mais velho, Ani'ke, veio para junto dele perguntando:

– Tu o flechaste?

Mas Inxikiran já tinha virado bicho.

– Deixa-te ficar assim como bicho, como ogro! – disse Ani'ke.

Depois o irmão mais velho dele foi flechar veado capoeira.

– Txou! -- furou-o.

– Cuidado, mano, eu te furo para que não fujas – disse Inxikiran.

Depois seu irmão se levantou – uê - uê - uê e Inxikiran foi atrás dele. Apareceu sobre uma pedra. Como jacaré. Disse então ao jacaré como se este fosse seu irmão mais velho:

– Cuidado, mano, eu te pego!

Inxikiran enganou assim o mano Ani'ke. Este foi embora. Mas logo encontrou-o de novo; Inxikiran achou Ani'ke. Então ambos foram à casa do curupira.

– Ó avô!

– Eh, netos!

– Lá adiante há uma anta. Vem ajudar a carregá-la!

Aí levaram o curupira para cima da montanha a buscar a anta. Havia lá uma pedra grande e eles a empurraram.

– Essa é a anta, vovô – disseram enganando-o, para que a pedra o esmagasse. E a pedra esmagou o curupira, e o curupira desfaleceu. Enquanto ele estava demorando, eles vieram dizendo:

– É esse o avô curupira que suspendeu a anta.

Mas o curupira ressuscitou:

– Ih-ih-ih-... netos! – disse. – São vocês – e correu atrás deles a pegá-los.

Pôs-se a persegui-los. Eles fugiram dele, mas o curupira os alcançou.

Aí eles imaginaram o que fazer. O curupira a persegui-los e eles a matutar sobre sua sorte.

– Em que nos havemos de tornar, mano? Talvez pedra?

– Não, pedra serve para mulher limpar sua bunda. Se nós formos pedras, nossas parceiras nos sujam com sua bosta.

– Então, mano mais velho, hei de virar talvez pau? – perguntou Inxikiran.

– Não, se fores pau, eles te cortam. Se nós formos árvores, o pessoal nos corta.

Inxikiran alvitrou muita coisa.

– Talvez capim?

– Não, feito capim, queimados.

– É verdade, então em que havemos de virar?

Então disse Inxikiran:

– Vou virar vento comum, *wakarampó*. A esse os homens não cortam como as árvores.

Seu irmão mais velho virou vento diferente, *werôma*. Eles foram embora depressa largando para trás o curupira.

NB: Neste mito, os nomes dos irmãos aparecem trocados, figurando Inshikiran como sendo o mais novo e Ani'ke, o mais velho, quando comumente acontece o contrário.

25. Inshikiran, Ani'ke and the Ogre

The brothers Inshikiran and Ani'ke went to the hunting hideaway.

"Leave that, brother! There's an ogre there. There's a monster there. Be careful that he doesn't spear you!" said Ani'ke to Inshikiran. "Be quiet, don't answer him, so that he won't spear you."

But Inshikiran did not obey and he whistled. Then his older brother Ani'ke came up to him and asked, "Did you spear him?"

However Inshikiran had already turned into an ogre.

"Stay like that, then, like an animal, like an ogre!" said Ani'ke.

Then the older brother shot a capoeira deer with an arrow. *Choo!* He had speared him with an arrow.

"Be careful, Brother, I'll spear you so that you won't flee," said Inshikiran to his brother who had also turned into an ogre.

Next his brother got up, *wae-wae-wae*, and Inshikiran went after him. He appeared on a rock, like an alligator. So Inshikiran said to the alligator, "Be careful, Brother, I'll catch you!"

So in that way Inshikiran fooled his brother Ani'ke, who took off. But right away he met up with him again. Inshikiran found Ani'ke. Both of them went to the ogre's house.

"Oh Grampy!"

"Hey, Grandsons!"

"Up ahead there's a tapir. Come help carry him!"

Then they took the ogre up the mountain to get the tapir. There was a big rock there and they pushed it.

"This is the tapir, Grampy," they said, fooling him so that the rock would crush him. And the rock crushed the ogre and the ogre died. While he

was dying, they came down saying, “This is the grandfather ogre who went up against a tapir.”

But the ogre was resurrected, saying, “Eeh-eeh-eeh ... Grandsons! It’s you two!”

And he ran after them to catch them, chasing them. They fled from him, but the ogre caught up with them. They were left to the mercy of fate.

Then they thought of what they could do to escape the ogre.

“What shall we turn ourselves into, Brother?” said Inshikiran, “Perhaps a stone?”

“No, stones are used by women to clean their bums. If we became stones, our women folk would dirty us with their stool.”

“Then, older Brother, should we turn into trees?”

“No, if you were a tree, they would cut you down. If we were trees, people would cut us down.”

Inshikiran thought about a lot of things. “Perhaps weeds?” he said.

“No, if we were weeds, we would be burned.”

“That’s true. Then what should we be changed into?”

Next Inshikiran said, “I’m going to change into the common wind, *wakarampó*. People do not cut that down like they do trees.”

His older brother changed into a different wind, *werôma*. They took off in a hurry, leaving the ogre behind.

26. Makunaimî pantoni

Insikiranya Makunaimî eporî’pî. Wairiri ya’marika to’ya tanne, Insikiranyamî’ya. To’ eporî’pî Makunaimîya:

– Î’ pona ya’marika’pî na’tî? – ta’pîiya.

– Anna ese’mu pona ya’marika’pî anna man. Maasa, ya’marika pai ayesemu pona!

Itesemu pona wairiri itîrî’pî to’ya. Moropai ya’marika’pî to’ya itesemu pona, Makunaimî esemu pona. Aasa’manta’pî Makunaimî. Mîikîrî yunatî’pî to’ya tí ke. Seenî Turu Meru Kotin yena po yunatî’pî to’ya, Yawen Kîrî kaisarî.

Moropai to’ epe’pî, Insikiranyamî’:

– Uurî tuna kata uutî – ta’pîiya.

Itakonya:

– Uurî wî’ pona. Yei pona enuku.

Moropai to’ epe’pî. Yei pona Ani’ke enuku’pî, Insikiran tuna kata. Awe’mî’sa’ka’pî Makunaimî. Awentaima’pî tuna kata Insikiran enasa tanne, Ani’ke yei pona eenusa. Inkamoro pî awentaima’pî:

– Erekaímî pe ena’pî! – ta’pî Insikiranya Ani’ke pî.

– Pemonkon pe e’nasa tanne, moro’ pe ena’kî! – ta’pîiya Insikiran pî.

– Wî’ pona enukî iwarîka pe! – ta’pî Ani’keya. – Waikin pe. Muna pe.

Makunaimî maimu pe to’ etinkama’pî. Tuna kawon Ani’ke etinkama’pî moro’ pe. Insikiran epe’pî wî’ pona. Etinkama’pî iwarîka pe, waikin pe.

Moropai Makunaimî wîti’pî.



Isaac da Silva Rennês

26. Mito sobre Macunaima

Os irmãos Inxikiran e Anike encontraram-se com Macunaima. Eles estavam rachando cocos de mucajá. Macunaima os achou entretidos em tal trabalho.

– Sobre o que é que os estais quebrando? – perguntou.

– Nós os quebramos sobre nossos joelhos. Espera, vamos quebrá-los sobre os teus joelhos também.

Aí puseram os cocos de mucajá em cima dos joelhos dele. Depois, os quebraram sobre os joelhos dele. Macunaima desfaleceu. Eles o sepultaram com pedras. Nesta cachoeira de Turu, à margem do Rio Cotingo, à altura do boqueirão do Contã, eles o sepultaram. A seguir os Inxikiran fugiram. O irmão mais velho, Inxikiran, dizia:

– Eu vou meter-me dentro d'água.

Ao passo que o mano mais novo, Anike, afirmava:

– E eu vou pela serra e trepo numa árvore.

Então fugiram os dois. Anike trepou numa árvore e Inxikiran foi dentro d'água. Ressuscitou Macunaima. Gritou para Inxikiran caído n'água e para Anike trepado na árvore. Para eles é que Macunaima gritou.

– Vira peixe pacamu! – disse Inxikiran para Anike, que ainda havia ficado gente.

– Sobe a serra feito macaco ou veado ou cupim! – disse Anike.

À ordem de Macunaima, eles se transformaram. Anike virou peixe e Inxikiran, fugindo para a serra, se mudou em macaco ou em veado. E Macunaima foi embora.

NB: O nome do herói Makunaimî [makunaimî] é pronunciado “Macunaima” no português de Roraima; o autor Mário de Andrade adotou a pronúncia “Macunaíma” na sua obra de 1928.

26. Macunaima

The brothers Inshikiran and Ani'ke met up with Macunaima. They were cracking mucajá coconuts. Macunaima found them involved in that work.

“What are you breaking them on?” he asked.

“We’re breaking them on our knees. Wait, we’ll break some on your knees too.”

So they put some mucajá coconuts on Macunaima’s knees. When they broke them on his knees, Macunaima died.

They buried him with rocks. At the Turu Waterfall on the bank of the Cotingo River, high up near the point where the river widens at Contan, they buried him. Then Inshikiran and Ani’ke fled.

The older brother, Inshikiran, said, “I’m going to get in the water.”

At the same time his younger brother, Ani’ke, announced, “I’m going up the mountain to climb a tree.”

So, the two of them fled. Ani’ke climbed a tree and Inshikiran went into the water.

Macunaima was resurrected. He shouted to Inshikiran who had gone into the water and to Ani’ke who had climbed a tree. Macunaima shouted out to both of them.

“Turn into a pacamu fish!” Inshikiran said to Ani’ke, who was still in human form.

“Climb up the mountain as a monkey or deer or bush!” said Ani’ke.

At Macunaima’s order, they transformed themselves. Ani’ke turned into a fish and Inshikiran, fleeing to the mountain, changed into a monkey or deer. And then Macunaima took off.

ATAITAIYAMÎ’ / CURUPIRAS / OGRES

27. Ataitai moropai mi’kîyamî’ pantoni

Ataitaiya pemonkon eporî’pî yei peru enaapîiya tanne.

– Î’ pî awanî, piaman? – ta’pîiya pemonkon pî.

Pemonkonya:

– Kaane, yei peru enaapîuya – ta’pîiya Ataitai pî.

– Kaane, kesenapîi! – ta’pîiya pemonkon pî. – Anna inkamoro.

Moropai pemonkon yekare pî to’ eeseratî’pî, tekarikon pî awanî ye’nen to’ eeseratî’pî. Moropai pemonkon ekatumî’pî. Moropai enuku’pî kun ye’ pona. Moropai Ataitaiyamî’ya yeporî’pî. Moropai:



Valter da Silva Cavalcante

– Wa'ka era'ma'ta – ta'píiya itakon pí, Ataitaiya. Moropai inepí'píiya. Moropai yatíiya pra waní'pí pitura pe, matamata pe awanê ye'nen. Moropai:

– Turenen era'mata yaipoto'pe! – ta'pîiya.

Moropai inepî'pîiya. Moropai turenen enuku'pî. Moropai to' aripopîtî'pî pemonkonya, mi'kîyamî'. Moropai ena pra awanî ye'nen, Ataitai enuku'pî tinwîsikî'pe. Moropai pemonkonya eporî'pî, kura ke isipîtîpîiya. Moropai eena'pî. Moropai itakonrî pî enuku'pî. Moropai iwannîkon enuku'pî. Moropai isipîtî'pî pemonkonya. Mîrîrî panpe Ataitaimyamî' etî'ka'pî pemonkonya.

27. Mito de curupiras e formigas

Um curupira encontrou um índio makuxi comendo frutas de árvore.

– Que estás tu a fazer, parente? – disse ele ao homem.

– Nada de mais – respondeu este ao curupira.

– Estou apenas comendo frutas desta árvore.

– Não comas – disse o curupira.

– Tais frutas são nossas.

Depois, outros curupiras avançaram contra o homem por este ficar com a comida de frutas deles. Então, o índio correu e trepou num tronco de palmeira patauá, digo bacaba. Assim o acharam os curupiras. Diz um curupira a um seu irmão mais novo:

– Vai buscar xiquitaia.

Antes, porém, dissera:

– Vai buscar um machado!

Ele trouxe um, mas que não cortava, porque era uma tartaruga matamatá. Depois é que mandou buscar a xiquitaia. O mano a trouxe. As formigas de fogo então subiram o pé de bacaba. Mas o homem as bateu com folhas. Então, como o homem não estava caindo, trepou o curupira de cabeça para baixo. O índio o encontrou assim e o cutucou com a zarabatana. O curupira caiu no chão. Depois trepou o companheiro do curupira, o irmão mais novo dele, trepou também de cabeça para baixo. Assim o cutucou o homem e o segundo curupira teve o mesmo fim caindo no chão e morrendo.

27. The Ogre and the Ants

An ogre met a Makushi man eating fruit from a tree.

“What are you doing, Cousin?”

“Nothing much,” answered the man. “I’m just eating some fruit from a tree.”

“Don’t eat it,” said the ogre. “Those fruit are ours.”

Then another ogre came and advanced on the man because he was eating their fruit. So the man ran and climbed the trunk of a bacaba palm tree.

The ogres found him up there. One ogre said to his younger brother, “Go get an axe.”

His brother brought the axe, but it could not cut because it was really a matamata turtle. Then he said to his brother, “Go get some pepper powder!”

His brother brought the powder, which was like fire ants and climbed up the bacaba tree.

But the man shook some leaves to protect himself. Then, as the man did not fall, the ogre climbed the tree upside down. The Makushi met him and tickled him with the blow dart tube. The ogre fell to the ground.

Then the ogre’s companion, his younger brother, also climbed the tree upside down. Again the man tickled him and the second suffered the same end, falling to the ground to die.

28. Sikaranpî pantoni

Pemonkonyamî' wanî'pî; wîrisayamî' wanî'pî eseurîwîne. Moro' tînse to' wîtî'pî; itese Sikaranpî.

– Moro' tînse wîtîn pai, eru Sikaranpî – ta'pîiya.

Moropai moro'yamî' tîmî'pî to'ya. Moropai:

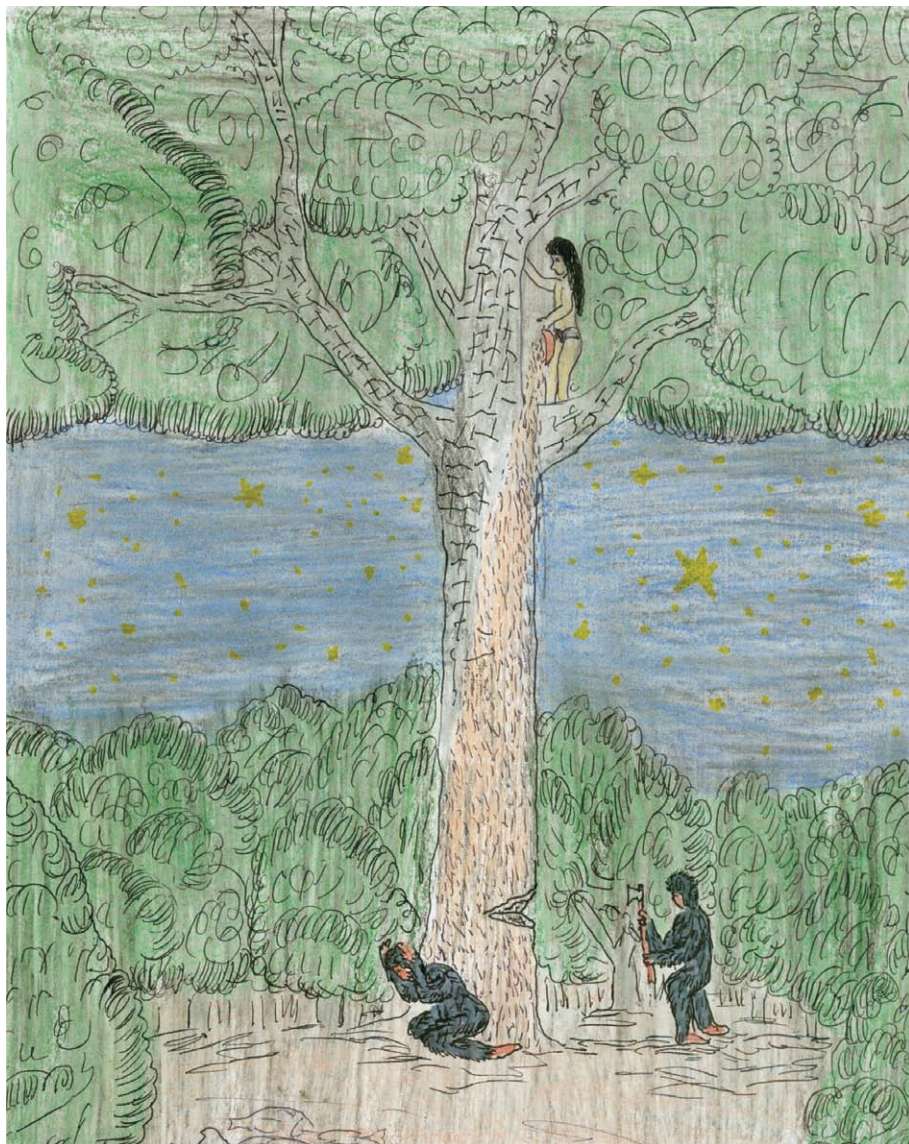
– Eru, moro' era'mai wîtînto'pe, mapa'kai!

Ewaron ya' to' wîtî'pî. Moropai o'makon iipî'pî Sikaranpî pia. Sikaranpî yenkutî'pî to'ya, o'makonya:

– Eru, Sikaranpî aase, moro' era'mai! – ta'pî to'ya.

Moropai to' wîtî'pî. O'makon wîtî'pî e'maipe Sikaranpî wanî'pî kînîpî.

Moropai moro'yami' epori'pi to'ya. To' eetikisa, to' etinsa. Moropai o'makon witi'pi. Moropai to' Yannukupi to'ya, o'makonya. Moropai to' pu'pai yanni'pi to'ya. Moropai Sikaranpiya to' Yannuku'pi; ipu'pai pra to' wani'pi. To' era'ma'pi Sikaranpiya. Moropai Sikaranpi enpenata'pi:



Valter da Silva Calvacante

– Aase, eru – ta'pî to' man, o'makonya.

Sikaranpî enpenatapî: o'makon insenan to' era'ma'pî Sikaranpîya.

Moropai pasi, itenya ku'renan wani'pî. Moropai moro'yamî' soroka'pîiya non pona. Moropai kasapan yanumî'pîiya pisa ya'. Moropai Sikaranpî eka'tumî'pî. Moropai o'makonya ta'pî:

– Asi'kî.

– Asi'kî eru, î' kai attî?

Moropai Sikaranpîya yei eporî'pî, warima ye'. Moropai enuku'pî kawîne warima ye' pona. Moropai o'makonya eporî'pî. Moropai:

– Wa'ka era'mata yatîto'pe – ta'pî to'ya.

Moropai wa'ka inepî'pî to'ya. Yei yatî'pî to'ya. Moropai mîikîrî Sikaranpîya non sorokaipî to' pona, kasapan. Moropai:

– Mi'kî! Mi'kî! Mi'kî! – ta'pî to'ya.

To' epe'pî, o'makon. Moropai to' wa'kari awanî'pî wayamuri; yatîiya pra wani'pî wayamuri pe awanî ye'nen. Moropai pata ere'mapî'pî. To' wa'karikon pe, tu'ke wayamuri enepî'pî to'ya, to' wa'karikon pe. Moropai a'ka iipî e'nen, to' emikku'pî o'makon. Moropai to' wîtî'pî Sikaranpî piapai. Moropai Sikaranpî emikku'pî tewî' ta.

28. Mito da Mulher Xikarambu

Havia umas mulheres makuxis. Eram em número de três. Foram atordoar peixes. O nome de uma das mulheres era Xikarambu. Uma das companheiras disse:

– Vamos, cunhada Xikarambu, atordoar peixes!

Depois elas foram entontecer peixes. Feito isso regressaram para casa.

Quando foi de noite, Xikarambu ouviu alguém chamá-la:

– Cunhada Xikarambu, lembra! Vamos atordoar peixes!

Eram bichos, ogros, que tinham vindo para junto de Xikarambu enganando-a:

– Vamos, cunhada, buscar peixes.

Aí os ogros foram em primeiro lugar, atrás deles Xikarambu. Então acharam os peixes tontos e outros já mortos. Depois, os ogros foram embora, antes porém juntaram os peixes e devoraram-lhes as cabeças. Aí foi também

a vez de Xikarambu ajuntar peixes, achando-os porém sem cabeças. Assim os viu Xikarambu. Aí se lembrou de que os ogros lhe tinham dito:

– Vamos cunhada! – Xikarambu recordou-se disso.

Xikarambu vira os ogros, aqueles bichos. Xikarambu tinha em suas mãos uma cuia grande. Ela espalhou pelo chão os peixes tirados da cuia. Depois botou terra e areia dentro da cuia e correu, enquanto os ogros a chamavam:

– Vem cá, cunhada! Por que você está indo embora?

Então Xikarambu encontrou uma árvore, uma paricarana e trepou no alto dela. Depois a acharam os ogros e um disse a outro:

– Vai buscar machado para cortar esta árvore!

Trouxeram um machado e começaram a cortar a paricarana. Mas Xikarambu jogou areia sobre eles. Então disseram:

– Formigas, formigas! – e fugiram. Eles usavam jabotis como machados, mas nada cortavam. Com pouco clareou o dia. Os ogros trouxeram porção de jabotis. Mas como o dia já estava claro, foram-se embora deixando Xikarambu. E assim ela pode regressar para casa sem maior novidade.

28. The Woman called Shikarambu

Once upon a time there were some Makushi women. They were three in number. They went to stun fish. The name of one of the women was Shikaramî. One of her companions said, “Let’s go, Sister-in-law Shikaramî, to stun some fish!”

Then they went to stun some fish. Having done this they went back home.

When night came, Shikaramî heard someone calling her, “Sister-in-law Shikaramî, wake up! Let’s stun some fish!”

They were beasts, ogres, who came to Shikaramî to fool her.

“Let’s go, Sister-in-law, to get some fish,” they said.

First went the ogres, then Shikaramî went after them. So they found some fish stunned and others already dead. Next the ogres took off, but first they gathered the fish and ate the fish heads. Then it was Shikaramî’s turn to gather up some fish, but she found only headless fish. That’s how Shikaramî saw them. Then she remembered what the ogres had said to her, “Let’s go, Sister-in-law!”

Shikaramî had seen the ogres, those beasts.

Shikaramî had a huge gourd bucket that she filled with fish. She spread the fish on the ground and then she put soil and sand in the gourd and ran off.

Meanwhile the ogres kept calling her, "Come here, Sister-in-law! Why did you take off?"

Shikaramî found a tree, the paricarana tree, and she climbed to the top of it. Then ogres found her and one of them said to the other, "Go get an axe to chop down this tree!"

They brought an axe and started to cut the paricarana tree. They used tortoises as axes and they couldn't cut anything.

Shikaramî threw sand over them. They yelled out, "Ants, ants!" and they fled.

Within a short time dawn broke. The ogres brought a bunch of tortoises to cut the tree. But as it was already daylight, they left, leaving Shikaramî alone. And so she was able to go home without anything else new happening.

29. Ataitai moropai pimi' pantoni

Kamo pî pemonkon wîti'pî yu' ya', inkarî ta. Mîikîrî eporî'pî Ataitaiya. Tareton pai pra attîsa tanne penane marî pî; ewaron yawîrî attî'pî. Mîikîrî imi'napamî'pî tareton pra attîsa ye'nen. Mîikîrî eporî'pîiya. Ataitaiya iporî'pî. Piasan mîikîrî pemonkon. Mîikîrî eporî'pîiya; yari'pîiya tewî' ta. Mîikîrî pemonkon ipu'kaimasa.

– O'non ye'ka pe anpika'pî apu'pai, upari?

– Mîiye'ka pe upu'pai pika'pîuya, amooko.

Ikaranpîti'pîiya:

– Uwaakîri pe apu'pai man, pari. Ne'ne pe pra apu'pai pika'pîya, pari?

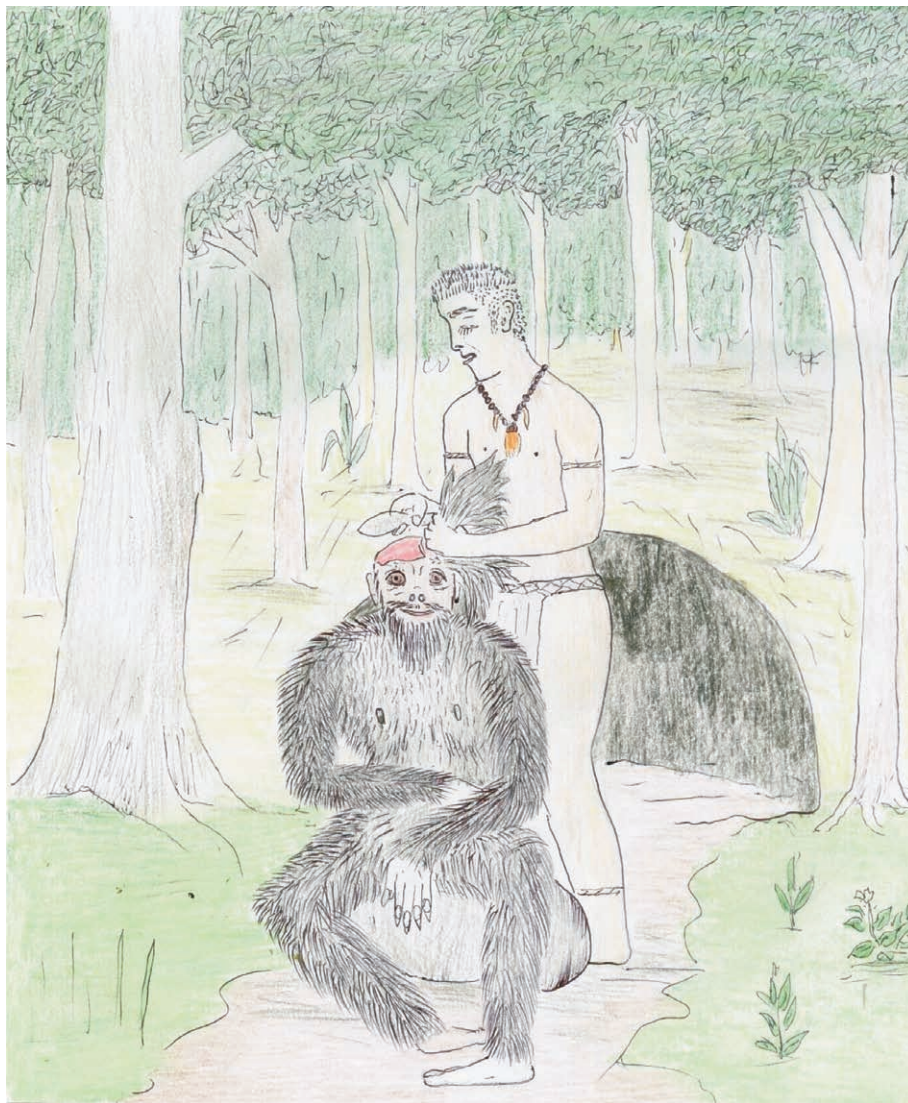
– Inna tî, ne'ne pe pra – yenkutî'pî pemonkonya.

Moriya taiya rî:

– Upu'pai pika'kî, pari, apu'pai warantî upu'pai e'tope. Apu'pai warantî upu'pai pika'kî!

Moropai ipu'pai pika'pîiya; imawasari ke ipu'pai pika'pîiya. Ipana yepoi yatî'pîiya mawasa ke.

- Mîrîrî ne'ne pe man, pari – ta'pîiya, yatî'piatîiya tanne
 - Ne'ne pe man, pari.
 - Maasa rî, amooko, tîwî, apîtînî'kî!
- Mîiye'ka pe tîise ipîtînîpî'pîiya ipu'pai pikaiya tanne.
- Maasa, tîwî, apîtînî'kî, upu'pai warantî apu'pai e'to'pe!



Valter da Silva Calvacante

Mîrîrî ye'nen awentaimapîtî'pî. Ikarawa'pî mararî pra ipu'pai pikaiya ye'nen. Mîrîrî mo'ka'pîiya tikanunkai ipu'pai, ipu'pai ipika'pîiya awentaima tanne. Seeni ipipî tatîi ipika'pîiya. Ipu'pai pi'pî moka'pîiya.

– Maasa rî, amooko! – taiya rî. – Yaikîto ton e'pai man.

Pimiro yakitapa'pîiya yaikîto ton. Mîrîrî yaika'pîiya pimiro akitapase ke. Ipu'pai kikîpîtî'pîiya itenu yaika'pîiya. Mîrîrî esekanunka tanne tenu pî, pemonkon epe'pî.

– Tarîpai ayanîuya – tesekanunka ye'ka pe tera'mai pra piupe si'ma. Mîikîrî emikku'pî tewî' ta. Aako'manpîtî'pî pemonkon mîrîrî patapai. Eseurîwîne taise kapoi etîkapîiya. Innîrî kamona pe attî pra.

Maasa tiwin kapoi tîka tî'po attî'pî kamona pe. Mîikîrî epotuka'pîiya, Ataitaiya. Ataitaiya pemonkon karamapo'pî:

– Amîrî taise upu'pai pikatî pon? – ta'pîiya.

– Kaane – ta'pî pemonkonya. – Uurî pepîn.

– Amîrî tî! Ayeputî'pî wai – ta'pî Ataitaiya.

– Kaane, uurî pepîn. Tiaron pî taaya mîrîrî, uurî pepîn.

Mîikîrî wîtî'pî uurî pepîn taiya ye'nen, yanîiya pîn. Emikku'pî tewî' ta, tiaron uurî taiya ye'nen. Mîikîrî ipu'pai pikataponya iyenkutî'pî.

Innîrî ipotuka'pîiya yu' ya'. Î' ton pra tîpu'pai ipansa tanne, kusan pe. Mîrîrî ye'nen yanîiya pîn. Mîikîrî Ataitai pu'pai yai pimiro arotasa wanî'pî mararî pra. Mîrîrî era'ma'pî pemonkonya. Mîikîrî ipu'pai pikatonponya era'ma'pî.

29. Mito do curupira e da pimenta

Um índio makuxi foi caçar no mato, na mata grande. Um curupira encontrou ele. O homem não tinha levado alimento; ele foi no escuro da noite. Por não ter levado comida, ficou com fome. Assim o encontrou o curupira. O homem era pajé. O curupira o levou em sua casa. Aquele homem estava de cabelo cortado, pelado.

– De que modo tu pelaste a cabeça, neto? – perguntou o curupira.

– Pois eu simplesmente a pelei, vovô.

– Está bonita assim a tua cabeça, neto. Não doeu quando tu cortaste o cabelo?”

– Pois claro, não doeu – o homem o enganou.

Aí disse o curupira:

– Pela-me a cabeça, neto, para que fique igual à tua. Pela minha cabeça semelhante à tua! – disse.

Então ele lhe pelou a cabeça com a navalha.

– Está doendo – disse o curupira enquanto o pajé makuxi começava a cortar.

– Está doendo, neto.

– Espera, vovô, aguenta!

Sendo assim ele aguentou enquanto lhe cortava o cabelo.

– Espera, deixa, aguenta, para que a tua cabeça fique como é a minha!

Mas ele gritava. Não foi pouco que o curupira chorou enquanto o pajé lhe pelou a cabeça. O homem torturou o curupira pelando-lhe a cabeça enquanto ele gritava. Cortou-lhe fora um pedaço do couro e arrancou-lhe a pele da cabeça. Escalpou-lhe a cabeça.

– Espera, vovô, vou pôr coisa por cima – disse o pajé.

Aí triturou pimenta para pôr-lhe em cima da cabeça. Acabando de pisá-la botou-a na cabeça do curupira passando até em seus olhos. Enquanto o curupira se estava torcendo de dores, o homem fugiu.

– Agora eu vou devorar-te pelo modo como me torturaste a ponto de não ver mais a pele.

O homem regressou para casa. Demorou-se então algum tempo. Deixou passar cerca de três meses. Daí foi novamente caçar na mesma mata. Após mais um mês foi de novo caçar. O curupira encontrou-o então, e perguntou ao homem:

– Parece que és tu o sujeito que me pelou a cabeça.

– Não – respondeu o homem. Não fui eu.

– Sim, foste tu mesmo, eu te reconheço – disse o curupira.

Então o curupira foi embora, porque o homem dizia: não fui eu o sujeito que te pelou. Foi embora para casa, porque dissera: eu sou outro, e não o devorou.

Novamente o curupira encontrou o pajé no mato. O cabelo dele estava já crescido e comprido. Por isso não o devorou. Na cabeça do curupira crescera não pouca pimenta. O homem o via. O pajé que pelara o curupira via isso.

29. The Ogre's Haircut

A Makushi man, a shaman, went to hunt in the woods, the great woods. The man went without taking any food along. It was in the dark of the night that he went. Because he didn't take any food with him, he became hungry. Then he met an ogre and the ogre took him to his home. The man had very short hair, closely shaved.

"How did you shave you head, Grandson?" asked the ogre.

"Well, I just shaved it off, Grandpa."

"Your head is very nice, Grandson. Didn't it hurt when you shaved it?"

"Of course not. It didn't hurt."

The man fooled him. Then the ogre said, "Shave my head, Grandson, so my head will be just like yours. Make my head the same as yours!"

So the man shaved the ogre's head with a razor.

"It hurts," the ogre kept saying as the Makushi shaman began to shave. "It's hurting, Grandson."

"Wait, Grandpa, be still!"

And so, he tried to keep his head still while he was being shaved.

"Wait; stop moving! Be still, so your head will be just like mine!"

But the ogre kept yelling out. It wasn't long before the ogre was crying while the shaman shaved his head. The man tortured the ogre, shaving his head while he shouted and cried. He cut off a piece of the ogre's skin and scalped him.

"Wait, Grandpa, I'm going to put something on your head."

Then he ground pepper to put over the top of the ogre's head. After grounding up the pepper, he put it on his head, even passing it over his eyes. While the ogre was squirming in pain, the man fled.

"Now I'm going to devour you for the way you tortured me to the point of not having any more skin," the ogre said.

The man returned to his home. He stayed there quite some time. He let about three months pass and then he went hunting once more in the same woods. After one more month he went hunting again. The ogre found him then, and asked him, "It seems that you're the fellow that shaved my head."

"No," answered the man. "It wasn't me."

“Yes, it was you indeed; I recognize you,” said the ogre.

Then the ogre took off because the man had said, “I’m not the fellow who shaved you.” He took off home because the man had said, “I’m another fellow,” and the ogre did not devour him.

Once again the ogre met the shaman in the woods. The man’s hair had already grown and was long. For this reason the ogre did not devour him. On the ogre’s head a lot of pepper had grown. The man saw this. The shaman who had shaved the ogre saw it.

30. Marappa pantoni

Pemonkon yapîti’pî kurenan marappaya tewî’ ta; ewaron kaisari to’ yapîti’pîiya. Ewaron ya’ su’tai pemonkon epaka yapipîti’pîiya. Moropai to’ yapîti’pîiya tewî’ ta tewentomokoto ton. Innî tiaron yapisi’pîiya; yari’pîiya tewî’ ta; awentamo’ka’pî mîi ye’ka pe. Mîrîrî wani’pî iri pe. To’ esewankono’ma’pî:

– O’non ye’ka pe marappa kuto’pe? – ta’pî to’ya.

Moropai nosanton wani’pî, nosanton panpî. Mîikîrî yenya pî apo’ piapî yewatîpî to’ya itemokon pî. Moropai:

– Ko’ko! – ta’pî to’ya. – Epa’ka’kî mane pata! Marappaya ayapitope; epa’ka’kî, ko’ko!

Epa’ka’pî ewaron ya’. Marappa iipî’pî innape. Apisi’pîiya nosanton sa’ne. Yari’pîiya apo’ itenya pî tîise. Era’ma’pî to’ya apo’ yari’pîiya. Wî’ po tî rimîn wani’pî okkai. Mîrîrî yawonîpî’pîya tewî’ ta. Moropai pata eremapî’pî. Moropai nekata po wei tîise era’mai to’ wîti’pî.

Itewî’ eporî’pî to’ya. Itewî’ wani’pî ewaron pe. Esera’ma pra wani’pî; ewaron pe awani ye’nen. Moropai pimi yari’pî to’ya. Mîrîrî potî’pî to’ya innata pona apo’ ke. Mîrîrî ya’ pimi epoti’saya irintîma’pî. Mîikîrî yepaka’pî ere’tî ya’, pimi ere’tî ya’.

Marappa epaka’pî. Iwî’pî to’ya. Innî moro awani’pî ino’pî, kurenan iwaraino. Mîikîrî inyo warainon kurenan. Iwî’pî to’ya nîrî. Moropai ani’ ton pra tîise, apo’ yawitîni’pî to’ya. To’ ewomi’pî marappa wî’tî’pî ta. Pemonkon pu’pai wani’pî tu’ke. Pemonkon yepîrîpî wani’pî tu’ke itewî’ ta, ito yepîrîpî. Mîrîrî wani’pî tu’ke to’ yepîrî’pî. Nosanton yani’pîiya wani’pî. Ipu’pai rîpî nîrî eporî’pî to’ya.

30. Mito do vampira gigante



Valter da Silva Cavalcante

Um vampiro gigante sempre levava gente para sua casa. Carregava pessoas toda vez durante a noite. Ele as apanhava quando, no escuro da noite, saíam de casa para urinar. O vampiro levava as pessoas para casa dele a fim de comê-las. Era um bichão enorme.

Novamente pegou uma pessoa. Noutra noite pegou outra, e assim sucessivamente. Levava as pessoas para sua casa e lá as devorava.

Isso era uma situação muito ruim. O pessoal ficava aflito e triste:

– Que é que havemos de fazer com este vampiro? – perguntavam os homens.

Ora, havia ali uma velha, bem velhinha. Eles resolveram amarrar um tição de fogo no braço dessa velha. Por isso, chamaram-na:

– Vovó, venha para fora! É para o vampiro te apanhar, saia vovó!

– Para que é, meus netos? – respondeu a velha.

– Pois saia para o vampiro te pegar, vovó!

O vampiro apareceu de fato. Ele pegou a velha e levou-a tendo ela um tição de fogo na mão, amarrado num braço. Eles viram bem como ela levava o fogo.

Em cima duma montanha havia uma pedra enorme. Ali estava a casa do vampiro, e este introduziu a velha em sua moradia.

No dia seguinte, por volta do meio-dia, os homens foram ver o que havia. Eles acharam a casa do vampiro. Era bem escura. Não se podia enxergar lá dentro, pois tudo ficava completamente às escuras. Os homens tinham levado pimenta. Queimaram-na com fogo e botaram-na na porta do bichão. Eles defumaram a casa do vampiro com pimenta torrada. Espalhou-se lá dentro a fumaça de pimenta. O vampiro saiu e eles o puderam matar.

Havia ainda a mulher do bichão, por sua vez também um vampiro enorme, do mesmo tamanho do marido, o macho. Mataram também a fêmea.

Não havendo mais ninguém, avivaram eles o fogo. Depois entraram na casa que servira de habitação dos vampiros. Havia lá muitas cabeças de gente, caveiras. E também muitas ossadas. Eram os ossos das vítimas. Havia realmente ossos em profusão. Eles encontraram também a cabeça da velha que os vampiros já tinham comido.

30. The Giant Vampire

There was a giant vampire who used to carry people off to his house. He carried people off during the night. He grabbed people in the dark of the

night when they went outside their house to urinate. The vampire took the people to his house in order to eat them. He was an enormous beast.

One night the vampire captured a person, the next night he grabbed another and so on, successively. He took the people to his house and there he devoured them.

That indeed was a very terrible situation. The people were afflicted and sad.

“What can we do about this vampire?” said the men.

Now, there was an old woman, really really old. The people resolved to tie a stick with fire to the arm of the old woman. To do so, they called her outside.

“Granny, come outside! It’s in order for the vampire to capture you. Come out, Granny!”

“What’s it all about, my Grandchildren?” answered the old woman.

“Well, come out so that the vampire can grab you, Granny!”

The vampire, in fact, appeared. He grabbed the old woman and carried her off. She had the fire torch tied to her arm so it would not fall off. Now the men could see by the light where the vampire went.

On the top of a mountain there was a huge stone. That’s where the vampire’s house was. He took the old woman into his dwelling.

On the following day, around about noon, the men went there to see what there was to see. They found the vampire’s house. It was very dark. They could not see inside since everything was completely in shadow. The men had taken pepper with them. They burnt the pepper with fire and put it on the door of the beast’s house. They incensed the vampire’s house with smoke from the burnt pepper. The smoke from the pepper spread inside the house. The vampire came outside and they were able to kill him.

The wife of the big beast was also there. She was an enormous vampire, the same size as her husband. The men also killed the woman vampire.

Since there was no one else, the men increased the fire. Then they went inside the house that had served as the dwelling of the vampires. There were many skulls of people there, as well as many bones. They were the bones of the victims. There were really a great many bones. They also found the skull of the old woman that the vampires had eaten.

ANOTAÇÕES

Os mitos selecionados nesta publicação se encontram em três códices (1343, 1344, 1345) no arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Os números dos mitos foram mudados para serem ordenados de 1 a 30 nesta publicação. As informações arquivais são apresentadas na tabela seguinte.

Mito	Código	Número	Mito	Código	Número
1	1343	1	16	1345	103
2	1343	24	17	1343	43
3	1343	29	18	1344	69
4	1343	15	19	1345	111
5	1345	81	20	1345	117
6	1343	35	21	1343	4
7	1345	127	22	1343	38
8	1345	100	23	1343	12
9	1343	37	24	1343	5
10	1343	48	25	1343	33
11	1343	3	26	1345	86
12	1343	39	27	1343	16
13	1344	52	28	1343	18
14	1345	83	29	1345	88
15	1343	9	30	1345	82

Dom Alcuíno cita os nomes dos narradores dos mitos: tuxauas, pajés e outros. São treze os narradores que contaram as versões dos mitos deste livro. A maioria é do povo makuxi; Domingos é do povo wapichana, porém, fala makuxi. Outros são de subgrupos dos makuxis: Augusto e Gustavo são monoikós; Melquior é do povo pezakó. Seguem os nomes dos treze informantes; os números entre parênteses se referem aos números neste livro.

Narradores: Alexandre (5, 14, 30); Augusto Monoikó (15, 21, 23, 24, 26); Bernardo (7, 8); Davi (19, 20); Domingos (1, 11); Domingos Hermínio (10); Dorotêu (29); Gerardo (17); Gustavo Monoikó (9, 12, 22, 25); Joaquim Floriano (16, 18); Luiz (2, 3, 6, 28); Manoel (13); Melquior Pezakó (4, 27).

Seguem alguns comentários que Dom Alcuíno registrou após determinados mitos.

Mito 1

Os índios antigos faziam falar os bichos como se fossem iguais aos seres humanos. Nem viam dificuldade em uns se transformarem em outros.

O caimbé é uma árvore de tamanho baixo a médio, cujas folhas servem de lixa. É característica dos campos gerais do alto Rio Branco, Roraima. O nome botânico *Curatella americana* vem do makuxi *Kurahteki-yê*. É da família das Dilleniáceas.

Mito 7

O mito deve referir-se ao reflexo da lua na água do rio, que assim se parece com um beiju de tapioca. A primeira parte do mito está sem nexos próprios com a seguinte.

Mito 8

O final indica por que o urubu tem a cabeça nua ou depenada.

Em muitas danças indígenas aparece a mesma cantiga final. As palavras e a cantilena costumam ser idênticas.

Na persuasão dos antigos índios, em épocas muito remotas, eram os animais quase iguais às pessoas, conservando depois certas características de bichos. Daí parecer natural a permutação e relações amistosas entre pessoas e animais.

Mito 9

As raposas se embriagaram como os índios nas festas.

“Meu filho varão”: é costume das mães indígenas intitularem um filho adulto de “varão”, *warayo'*.

Mito 12

Mucura é o termo amazônico para designar “gambá”.

Mito 13

O mito conta como apareceram no mundo as diversas espécies de timbós (plantas, cipós, arbustos, etc.) de que os índios se utilizam para

atordoar peixes a fim de pegá-los com mais facilidade e em maior número. Narração semelhante pode ser lida de forma bem mais explícita no mito 101 (código 1345).

Mito 15

Este mito trata da origem da constelação Orion, da origem do peixe surubim, e do castigo de uma mulher adúltera.

A constelação do Orion, em makuxi, *ipeponô*, seria uma das sobranceiras do marido, morto por traição pela esposa infiel, que o irmão dele colocou no céu estrelado.

A outra sobranceira foi transformada, pelo irmão do morto, em peixe surubim, com o auxílio da tinta preta proveniente de jenipapos. O surubim é considerado um dos melhores peixes de pele encontrados nas águas amazônicas. Existem muitos jenipapeiros no alto Rio Branco, Roraima. Os índios e índias, caboclos e caboclas, fazem dos frutos saborosos também tinta preta para vários empregos, inclusive para tingirem o corpo.

O castigo da mulher adúltera constituiu em ser ela lançada pelo cunhado no buraco de um barranco fluvial para ser metamorfoseada na espécie de rã que os makuxis denominam *waré*.

Mito 16

Na região do Rio Maú, afluente pela direita do Rio Tacutu, o qual junto com o Uraricoera formam o Rio Branco, existe, a um quilômetro distante da margem direita, em terra brasileira, um belíssimo lago chamado de Caracaranã. Os índios makuxis denominam este lago *Paranaimê Kupî*, “água grande”. Seria esse lago de origem pluvial como o são a maioria dos lagos encontrados nos campos do alto Rio Branco no Território Federal de Roraima? É pouco provável, pois não seca como os outros costumam secar no rigor do verão.

Deve ter uns quatro quilômetros de circunferência. As margens são de areia branca e fina. Qualquer brisa agita as suas águas límpidas formando ondas. Nessa parte existe uma porção de cajueiros. No tempo de cajus maduros, vêm os índios passar temporada à beira do lago. Para o lado do nascente vê-se a Serra do Quanoquano e, do lado norte e oeste, os contrafortes da Serra do Pacaraima. A região toda é muito pitoresca e bela.

Mito 17

Mauris (*mauri*) são, no entender dos makuxis, os espíritos (espécie de duendes) protetores de rios, igarapés, lagos, matas, serras etc., enfim, seres misteriosos que os índios respeitam e temem. A superstição tem a vantagem de preservar os ditos lugares de danos e destruição, a que jovens são tão facilmente inclinados.

Timbós: o processo de matar peixes atordoando-os por meio de timbós é bastante usado pelos índios. Empregam para isso pedaços de ramos e raízes de plantas ichtiotóxicas, que batem sobre pedras junto aos rios etc., e com leite tóxico tingem a água e entontecem os peixes, que assim são mais facilmente pegados em redes ou flechados.

A daruana é uma cestinha em forma de bolsa, feita de uma folha de buriti (de palmeira *Mauritia flexuosa*). Os índios fazem daruanas de vários tamanhos, de acordo com o tamanho da folha verde. As daruanas têm a mais variada aplicação e serventia.

O balde trata-se de fruto de uma cucurbitácea. Existem baldes enormes à semelhança das abóboras (jerimuns). Os baldes constituem utensílios indispensáveis na vida dos índios. Servem de vasilhas para captar e conservar a água, as diversas espécies de caxiris etc.

Há uma confusão de nomes de aves: arara caniné = *wayara*, e rouxinol (rouxinol do Rio Negro, *Icterus chrysocephalus*) = *wayaura*. No último caso, o nome da cachoeira seria “Boqueirão do Rouxinol”.

Mito 20

A palmeira buriti é o muriti, *Mauritia flexuosa*.

Mito 21

Estes mitos (4, 40, 67 e 85, o mito 4 sendo o mito 21 deste livro) tratam, ao que tudo parece, da origem dos antepassados dos índios makuxis. Segundo o narrador Augusto Monoikó, os heróis são Inxikiran e Ani'ke; Inxikiran, o mais velho, e Ani'ke, o mais novo dos gêmeos. Em outras mitos aparecem também Macunaima e Yawoi (este último só no mito 67, do código 1344). É de notar, que em certas versões, aparece Ani'ke como sendo o mais velho e Inxikiran, o mais novo dos gêmeos. Neste e em outros pontos verificam-se discrepâncias. Temos o sol e o jacaré como personificações de homem, o sol na qualidade de pai e o jacaré na de avô dos gêmeos, este

dotado de poder criador. O jacaré, não tendo mulher, tenta criar uma filha. Depois de várias tentativas malogradas, consegue fazer uma filha da mistura dos breus preto e branco; segundo outra versão, de barro de panela. E a dá por esposa do sol. Esta, passado tempo, dá à luz os gêmeos Inxikiran e Ani'ke. O sol, pai dos dois gêmeos, manda que vão a sua casa e mostra à esposa o caminho. Esta se engana e chega à casa da sapa.

Ali é envenenada comendo piolhos amargos. Tal cena alude ao costume que as índias têm de catar os piolhos da cabeça, umas às outras.

Aparecem também os filhos da sapa, que são onças! Os irmãos Inxikiran e Ani'ke caçam de zarabatanas e são avisados pelo pássaro kaspirau de que foi a sapa que matou a mãe deles. Resolvem então matar a sapa. Para isso fazem primeiro uma roça tocando fogo nas árvores e paus derrubados segundo o costume dos índios. Depois convidam a sapa para espiar o serviço e então a matam, queimando-a. Das cinzas da sapa brotam toda espécie de plantas úteis ou necessárias para a vida e o sustento dos makuxis: mandioca, milho etc., etc. A finalidade prática é que o sacrifício da vida da sapa resulta em benefício da gente makuxi.

No mito 40 é explicado o motivo por que a esposa do sol teve de errar o caminho marcado pelo marido: eram os filhos da sapa, as onças, que tiraram o rabo de arara do caminho certo e o puseram no errado.

Como estes mitos têm vários paralelos, sejam mitos inteiros, sejam fragmentos, certos traços dos costumes dos índios se acham indicados em diversos tópicos.

A última parte do mito 21 não tem nexos com as anteriores, tratando-se do encontro dos irmãos Inxikiran e Ani'ke com um curupira e suas experiências com ele. Inxikiran aparece dotado do poder divino de ressuscitar e recompor o irmão morto e cozinhado pelo curupira e reduzido a esqueleto.

Mito 23

Este mito pode talvez ser considerado como continuação do mito 15 (mito 9, do códice 1343).

O xerimbabo é o animalzinho de criação ou de estimação.

Os sapos são considerados donos do fogo. Como os sapos e as rãs se alimentam de insetos, engolem também vaga-lumes ou pirilampos. Estando estes metidos na boca dos sapos, dão a impressão de que há fogo na goela dos batráquios. Na escuridão deve isso ser facilmente perceptível.

Segundo a mentalidade dos índios, é perfeitamente viável que os homens se metamorfoseiem em bichos.

O termo makuxi *warinê* indicará o pássaro tico-tico, já que o pio dele é “pi- pi- pi- pi”.

O trecho sobre o calçado dos irmãos Inxikiran e Ani'ke é um tanto estranho.

A praga rogada pela sapa nos dois irmãos Inxikiran e Ani'ke obviamente não pegou.

A maneira de se apresentarem os personagens do mito, as perguntas e as respostas ilustram bem não apenas os costumes makuxis como também os de tribos aparentadas.

Mito 24

O tema principal do mito 24 (número 5, do código 1343) parece ser o alagamento da terra. Vem a ser uma alusão ao dilúvio bíblico. Poderá ser efeito de uma tradição antiquíssima dos índios a respeito da humanidade toda, ou então se trata de influência da catequese religiosa de época remota ou recente. É ponto talvez difícil de ser esclarecido.

A descrição das particularidades é feita de modo pitoresco e simplório. Aparecem como protagonistas: os dois heróis tribais Inxikiran e Ani'ke, a cutia, o sol, o galo e o xibobo, e o monte Roraima. Esse é considerado como a base do tronco da árvore da vida, contendo qualquer espécie de frutas, embora o pé seja um só. Mas essa árvore é imprudentemente cortada pelos dois irmãos levianos. Da sua base escorre água sem cessar, causando o alagamento da terra. Os dois heróis se salvam subindo num pé da palmeira bacaba, que ao mesmo tempo lhes fornece o necessário sustento frutificando em coquinhos.

Não se percebe bem o motivo por que os irmãos Inxikiran estavam imitando o pio do colibri ou beija-flor; pois, em vez de incitar a cutia a procurar frutas, fez com que ela desconfiasse de ser seguida por alguém e desistisse da empresa.

Qual a razão do aparecimento das duas aves: galo e xibobo (espécie de coruja)? O galo, por seu canto anuncia o despontar do dia, portanto, é precursor do sol e da lua. O xibobo deverá ser considerado como símbolo das trevas da noite e que cede o lugar ao mensageiro do dia, figurado no galo.

A segunda parte do mito 24 não tem propriamente nexos com a anterior, salvo num pequeno trecho, em que se refere novamente ao monte Roraima. No mais, trata do encontro dos irmãos Inxikiran e Ani'ke com um curupira, a quem enganam e pretendem matar. Esse depois se vinga deles e os malandros se veem obrigados a metamorfosear-se em ventos. Só assim conseguem sobreviver. Com isso termina o mito.

Nota botânica: a palmeira bacaba poderá ser o *Oenocarpus Bacaba Mart.*

Mito 25

Neste mito, os nomes dos irmãos aparecem trocados, figurando Inxikiran como sendo o mais novo e Ani'ke, o mais velho, quando comumente acontece o contrário.

Segundo a crença dos índios, para os heróis tribais ou ancestrais era a coisa mais fácil e natural transformarem-se em outras criaturas, de acordo com a necessidade de momento ou o simples desejo.

Mito 26

Neste mito aparecem três irmãos, ou seja, os três heróis ancestrais: os gêmeos Inxikiran e Ani'ke, e o irmão mais jovem e mais esperto ou forte, Macunaima (Makunaimi). A graça do mito parece estar nisto: os irmãos Inxikiran e Ani'ke combinaram transformação em um sentido, Macunaima lhes ordenou em sentido contrário. Assim se explicaria e desapareceria a aparente contradição. Em todo caso, existe aí alguma confusão.

O mucajá é a palmeira *Acrocomia Sclerocarpa*; no Nordeste é chamada "macaúba".

Mito 27

A bacaba é o *Oenocarpus bacaba*.

"Chiquitaia" provém do Tupi *îkytaia* que é sal ardido misturado com pimenta, isto é, formigas de fogo.

Mito 28

Como os homens entre si se intitulam "cunhado", assim também as mulheres dizem "cunhada" umas às outras.

Também aqui, como no mito 27 (e alhures), aparecem cascos de jabutis ou os próprios jabutis no papel de machados.

A árvore paricarana seria *Piptadenia amazônica Ducke* (= *Mimosácea*) ou outra espécie.

ANEXO 1: Bibliografia de “Dom Alcuíno Meyer: Missão e Mitos”

- ACHIABBADIA NULLIUS DE N^a. S^a. DO MONSERRATE DO RIO DE JANEIRO. *Relatório da perseguição dos missionários e crônica da missão do Rio Branco*. Novembro/abril. 1909/1910.
- CALOEN, Gerardo van. *Instruções dadas a d. Boaventura Barbier vigário geral do Rio Branco na ocasião da saída do mesmo da Abbadia Nullius do Rio de Janeiro para ir tomar posse do seu cargo*. Rio de Janeiro: 18 de novembro 1912.
- DEIGENDESCH, Ildefonso. *Ex.mo Sr. D. Abade. S. Bonifácio/rio Branco: setembro 1921*.
- KAUFMEHL, Adalberto. *Il.mo Rev.mo. Sr. Abade coadjutor*. Capella/rio Branco: 8 junho 1911.
- . *Rvd. Querido d. Gaspar. S. Gerardo da Brogma/rio Branco: 23 setembro 1911*.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Do Roraima ao Orinoco*, São Paulo: Unesp, 2006.
- KRUSE, Miguel. *Relatório sobre a prelazia do Rio Branco dirigido ao cardeal Merry del Val, secretário de estado de sua santidade o papa Pio X*. 1906.
- LEMOS, Jerônimo de. *D. Alcuíno Meyer osb 1895-1985*. Rio de Janeiro: Mecanografia.
- MEYER, Alcuíno. Entre os índios do Amazonas. In: *A Alvorda*, Rio de Janeiro: Lumen Crist, p. 137-238, 1936.
- MUSSOLINI, Gioconda. Notas sobre os conceitos de moléstia, cura e morte entre os índios Vapidiana. In: CARONE, Edgard (org.). *Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- SCHADEN, Egon. *Reverendíssimo Padre Alcuíno*. São Paulo: 17 agosto 1970.

ANEXO 2: Bibliografia de “Mitos Makuxis: um jeito de saber viver”

- ANDRADE, Mário de. Macunaíma, *O Herói sem Nenhum Caráter*. Rio de Janeiro, Agir Editora Ltda, 2008 [1928].
- ARMSTRONG, Karen. *Breve História do Mito*. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, Editora Pensamento, 2007 [1949].
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “The Structural Study of Myth” [“O Estudo Estrutural do Mito”], *The Journal of American Folklore*, Vol. 68, No. 270, Myth: A Symposium (Oct.-Dec., 1955), pp. 428-444.

